



Evolução Identitária de Um Lugar - a Conchada de Coimbra -

Elisa Rosendo de Carvalho e Silva

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC
sob a orientação do Professor Doutor José António Bandeirinha

COIMBRA, Dezembro 2012



Evolução Identitária de Um Lugar
- a Conchada de Coimbra -

Aos pais e irmãs,
aos avós, à avó Lulu,
à Rosária e ao Carlos.

Ao Professor Doutor António José Bandeirinha,
à Santa Casa da Misericórdia de Coimbra e à Câmara Municipal de Coimbra,
a todas as pessoas que se cruzaram comigo na procura incessante de material.

Aos meus amigos, professores e colegas de curso,
e ao Pedro.

Índice

5	Siglas
7	Nota prévia
9	Introdução
23	I. Definição
33	II. Contexto histórico
	III. Evolução urbana
47	até 1864
73	1865 – 1940
83	1941 – 1960
93	1961 – 1980
103	1981 – 2000
117	2001 – 2012
137	Conclusão
143	Cronologia
151	Bibliografia
161	Fontes documentais
173	Fontes de figuras
6 f.	A I. Conchada na Cidade de Coimbra
12 f.	A II. Conchada
12 f.	A III. Imagens e fotografias da Conchada
8 f.	A IV. Cemitério
8 f.	A V. Projectos
10 f.	A VI. Bairro 28 Fogos
13 f.	A VII. Bairro Municipal da Misericórdia

Siglas

AEC - Actividades de Enriquecimento Curricular
 AMBEC - Associação de Moradores Boa Esperança da Conchada
 CATL - Centro de Actividades de Tempos Livres
 CBESSF - Centro de Bem Estar Social Sagrada Família
 CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
 CMC - Câmara Municipal de Coimbra
 COCC - Centro Operário Católico Conchada
 COPCON - Comando Operacional do Continente
 CRC - Clube Real da Conchada
 DARQ - Departamento de Arquitectura
 DGEMN - Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
 FCTUC - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
 FFH - Fundo de Fomento da Habitação
 GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro
 HE - Habitações Económicas
 IGAPHE - Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado
 IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
 IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana
 INE - Instituto Nacional de Estatística
 INH - Instituto Nacional de Habitação
 IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social
 ISSS - Instituto Superior de Serviço Social
 MONAC - Movimento Nacional de Auto Construção
 PARES - Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais
 PGU - Planos Gerais de Urbanização
 SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local
 SCM - Santa Casa da Misericórdia
 SCMC - Santa Casa da Misericórdia de Coimbra
 UC - Universidade de Coimbra

I.
Conchada



Nota prévia

“[...] nada haverá em princípio que se localize por acaso”¹

A Conchada é rural e urbano.

A Conchada começou por ser uma quinta, começou por ser um cemitério e [...] começou por ser um bairro². São os fragmentos de história numa determinada época que de algum modo vão marcando e definem a imagem e identidade deste lugar³.

Hoje, a Conchada não esconde a sua toponímia nem a arquitectura da vivência que a caracteriza – uma identidade definida pelo espaço e pelas interacções sociais, culturais, políticas, geográficas e económicas, que a tornam num lugar rico e único.

| 7

1 MAFRA, Francisco; SILVA, J. Amado da - *Planeamento e gestão do Território*. p. 12.

2 OLIVEIRA, José - *O SAAL e o Movimento de Moradores em Coimbra*. p. 93.

3 Marc Augé atribui o termo «"lugar antropológico"» a essa construção concreta e simbólica do espaço que, por si só, não poderia dar conta das vicissitudes e das contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela atribui um lugar, por mais humilde e modesto que seja. (...) o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para aquele que o observa. (...) Estes lugares têm, pelo menos, três características comuns. Pretendem ser identitários, relacionais e históricos» AUGÉ, Marc - *Não-Lugares : Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. pp. 58-59.

Introdução

A dissertação que aqui se apresenta surge no contexto do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura e centra-se na investigação de uma das mais interessantes mas menos estudadas áreas da cidade de Coimbra, conhecida por Conchada.

Este objecto de estudo foi proposto pelo Prof. Dr. António José Bandeirinha, ideia que foi acolhida com entusiasmo dado que, na fase inicial de investigação, se constatou a inexistência de material publicado, facto que suscitou uma enorme curiosidade pessoal mobilizadora de uma busca de saber sobre o assunto proposto. Daí que, na etapa seguinte, se tenha concentrado na procura exaustiva de documentação necessária para uma abordagem prévia ao tema.

Assim, mesmo quando esta missão se revelava infrutífera, dada a escassa e desorganizada informação disponível, o tema revelou-se sempre como um desafio estimulante que incentivava a continuação da sua pesquisa. Por isso, sem pretenciosismo ou arrogância, julga-se poder vir, com o resultado desta pesquisa, a contribuir humildemente para um maior e melhor conhecimento da zona da Conchada e também da própria cidade de Coimbra.

Por isto, o trabalho aqui apresentado é uma interpretação do arquivo bibliográfico, documental e gráfico encontrado, mas que se julga essencial e suficiente para dar apoio e seguimento a pesquisas mais aprofundadas sobre (o que é) a zona da Conchada. Isto quer dizer que a proposta de leitura que se apresenta deste espaço não teve intenção de esgotar conclusões, identificar ou criticar eventuais problemas e, conseqüentemente, propor quaisquer soluções, mas, apenas, compilar, descrever e apresentar factos datados, tentando ao máximo interligá-los e contextualizá-los, assumindo a possibilidade de existirem argumentos incompletos e sujeitos a revisão, mas que julgamos não anularem o trabalho realizado.

Este visa, então, em termos gerais, esclarecer desenvolver os seguintes

objectivos: primeiro, contribuir para uma reflexão sobre a evolução do espaço urbano de Coimbra a partir de uma zona específica da cidade; segundo, compreender a interrelação entre a organização do espaço físico e a sua utilização enquadrada numa perspectiva de vida global da cidade; terceiro, contribuir com uma investigação base da zona da Conchada que possa funcionar como fundamento/alicerce para eventuais projectos para a zona (uma vez que qualquer acção sustentável pressupõe uma reflexão prévia e estudo do espaço), ou para estudos mais específicos sobre a zona ou sobre entidades sociais e respectivas edificações.

Daí que a investigação realizada se desenvolva ao longo de três capítulos, sendo que se considera imprescindível começar, no primeiro capítulo, por esclarecer a delimitação do espaço físico que se considera ser a “Conchada”, partindo-se, por isso, de uma compreensão da dimensão geográfica, topográfica, social, administrativa, económica, política e espacial da Conchada. Só depois, no segundo capítulo, serão evidenciados, sequencial e temporalmente, acontecimentos históricos que influenciaram e justificam os eventos trabalhados no último capítulo. Assim, evitou-se sobrecarregar o terceiro capítulo, o principal conteúdo desta dissertação, no que se relata a evolução urbana que deu origem ao que é hoje a Conchada, aproveitando-se, então, o momento para identificar entidades ali presentes, assim como descrever as tipologias arquitectónicas aí edificadas e clarificar toponímias. Neste capítulo, numa tentativa de maior legibilidade, recorrer-se-á à repartição dos acontecimentos, desde que lhe há referência, por subcapítulos. Aqui, a abordagem realizada segue uma lógica cronológica, que não é aleatória, ao agruparem-se os acontecimentos segundo analogias históricas, espaciais ou outras.

Relativamente à metodologia utilizada, optou-se por aliar a pesquisa e análise documental à vivência do espaço, ao registo fotográfico e ao diálogo.

Devido à escassez inicial de informação específica sobre a zona em estudo, a pesquisa bibliográfica foi, de facto, morosa e minuciosa visto que cada nova consulta bibliográfica trazia sempre algo novo que remetia para outra e outra e assim progressivamente até à existência de algum material consistente se tornar uma realidade.

Daí que se possa dizer que, de uma aparente ausência de informações, se desembocou numa surpreendente abundância de fontes, de recursos diversos e de referências múltiplas. Isto é, a consulta de material bibliográfico publicado, dissertações, jornais, inventário cartográfico, iconográfico, fotográfico aéreo e terrestre, a observação e registo no terreno, a conversa com residentes, ex-residentes e pessoas que foram ao longo da sua vida documentando a evolução de Coimbra, fizeram parte de um caminho que levou a um conhecimento mais profundo, mais abrangente desta miniestrutura peninsular, rural e periférica durante muitos séculos e que se revelou como um espaço arquitectónicamente heterogéneo.

Referindo um pouco mais em detalhe, podemos afirmar que, numa fase prévia, nos deparámos com imenso material bibliográfico sobre Coimbra, mas de carácter generalista, o que nos permitiu realizar uma contextualização do espaço estudado sem que, contudo, esse material contivesse uma especificação pormenorizada da Conchada. Seguiu-se uma leitura aprofundada de estudos relacionados com a área, inseridos na evolução da cidade de Coimbra, investigação que permitiu um melhor entendimento do estudo em causa e a descoberta de mais fontes documentais.

Neste contexto percorreram-se bibliotecas (diversos departamentos da UC, Municipal de Coimbra, Nacional de Portugal), arquivos (Câmara Municipal de Coimbra (CMC) nos seus diversos Gabinetes e Divisões, Santa Casa da Misericórdia de Coimbra (SCMC) e centros de documentação), por institutos, associações e centros de solidariedade (Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC), Clube Real da Conchada (CRC), Centro Operário Católico (COC), Centro de Bem Estar Social Sagrada Família (CBESSF)), entre outros, para recolher, organizar, analisar e editar todo o material possível e acessível referente à Conchada.

Assim, entre a profusão de material bibliográfico de carácter generalista disponível, relevamos o Doutor José Pinto Loureiro, autor de diversas obras consultadas sobre a cidade de Coimbra, onde foi possível encontrar muitas curiosidades e factos que fundamentam o tema deste trabalho. Tendo sido também director da Biblioteca Municipal de Coimbra, foi o responsável pela edição do *Arquivo Coimbrão*, até ser continuado por Armando Carneiro da Silva e

actualmente por Carlos Santarém Andrade. Este arquivo que consiste na reunião de informação publicada, ou não, sobre a cidade de Coimbra nos diversos campos culturais e históricos.

Ora, a informação «[...] iniciaram-se as obras do cemitério da Conchada, em terreno comprado a Joaquim Inácio de Miranda Pio e à Misericórdia [...]»⁴, recolhida do autor primeiramente indicado, conduziu os nossos passos até aos arquivos da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra. Aqui a dificuldade sentida foi a de definir os limites da investigação dada a riqueza documental disponível e disponibilizada, que revelou ser a fonte primária e fundamental para desvendar muitas incertezas e esclarecer vários eventos. Na verdade, o material aqui encontrado e de interesse para nós estava desorganizado e disperso, talvez por não ter havido qualquer estudo feito sobre a Conchada que justificasse a sua consulta. Mas, assim, aproveitou-se para, voluntariamente, aliar a pesquisa e leitura à organização e catalogação da documentação existente, pois a quantidade e qualidade desta era tão rica que facilmente se passaram horas a contemplar este arquivo, contribuindo também, assim, para facilitar o trabalho de quem escolher continuar a aprofundar este tema.

Ainda nas fontes bibliográficas, destacam-se também dissertações de mestrado e de doutoramento cujo tema implicava a Conchada e outras relacionadas com a habitação, realojamento social, evolução urbana e planeamento da cidade de Coimbra.

Entretanto, o livro elaborado por ocasião da exposição *Evolução do Espaço Físico de Coimbra*, em 2005, introduziu-nos no contexto histórico-social e económico em Portugal e Coimbra, ao longo do tempo, mas também nos remeteu para a importância da cartografia no estudo das cidades e para uma descrição específica da cartografia coimbrã existente nos arquivos da cidade de Coimbra.

Neste âmbito, o documento mais antigo que abrange a região de Coimbra tem as suas limitações inerentes à escala 1/100.000⁵. No que respeita apenas à cidade, a carta mais antiga da cidade é de 1845 desenhada por Isidoro Emílio Baptista. Esta

4 LOUREIRO, José Pinto – *Toponímia de Coimbra*. Vol. I. p. 35.

5 *Carta Corográfica* de Portugal elaborada por Filipe Folque, 1800-1874. 37 folhas, folha n.º 13. FARIA, José Santiago – “Evolução do Espaço Físico de Coimbra”. In REBELO, João (coord.) - *Evolução do Espaço Físico de Coimbra: exposição*. p. 11.

encontra-se no Arquivo Histórico da CMC e estava [...] *tão deteriorada por sucessivas consultas que praticamente se pode considerar ilegível*⁶ que a levou à sua sucessiva reprodução. Contudo, só é possível [...] *determinar com algum rigor o crescimento da cidade pela existência de elementos edificados datáveis e de cartografia com rigor, a partir de 1873 [...]*⁷ com as cartas desenhadas pelos irmãos Goullard. Recorremos, ainda, à planta topográfica da cidade de 1934, da responsabilidade do geógrafo José Batista Lopes; aos planos gerais de urbanização e ao primeiro Plano Director Municipal (PDM), [...] *que inclui áreas a urbanizar e envolve toda uma zona considerável com características ocupacionais a densificar: rurais e suburbanas*⁸.

Esta cartografia assim como os elementos iconográficos e fotográficos existentes constituíram, sem dúvida, um dos recursos essenciais para a compreensão da evolução física da Conchada, pois com eles foi sendo possível visualizar e situar o que ia sendo descrito na bibliografia, assim como encontrar a inserção e coerência da zona da Conchada nos planos e, conseqüentemente, a sua influência na transformação da cidade.

Em relação às gravuras existentes, estas não são tão claras como a cartografia no estudo da evolução da Conchada, mas torna-se interessante identificar a interpretação dos ilustradores na representação da cidade de Coimbra. Assim, a de Hoefnagel é primeira e mais conhecida panorâmica planificada de Coimbra e veio servir de base à elaboração de várias estampas coimbrãs, apesar de muitos considerarem *a representação de fingida e mentirosa (no que não deixam de ter razão)*⁹.

Por intermédio dos jornais, a pesquisa já foi mais específica e determinada, dependendo da temática pretendida e da época que lhe era correspondente. Esta fonte foi, em muitos casos, o relato mais próximo e verídico que se teve dos acontecimentos. A leitura de vários números do jornal político e literário *O Observador* (1847-1853), mais tarde *O Conimbricense* (1854-1907), permitiu

6 BRITO, A. da Rocha - "Uma carta topográfica de Coimbra em 1845". In *Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal*, Vol. VIII. p. 134.

7 FARIA, José Santiago - [op. cit.], p. 11.

8 *Id.*, *ibid.* p. 16.

9 ALARCÃO, Jorge de - *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. p. 15.

recolher informação significativa a propósito da construção do Cemitério Municipal da Conchada e da polémica a ele associada. Também em todos os outros jornais, referenciados na bibliografia, foram encontradas notícias que ajudaram a perceber a sucessão de factos.

A utilização da *internet*, embora seja menos fiável, teve a sua influência pela facilidade de acesso a fontes de texto e imagens elementares, assim como a indicação de para outras fontes, mas também pelo confronto de dados específicos e aleatórios que nos desafiavam para uma procura mais minuciosa. Ainda assim, no *Skyscrapercity*, um *forum* dedicado à partilha de temas de arquitectura e urbanismo, foi possível ler e ver *threads* sobre Coimbra, em geral, e a Conchada, em particular, tal como no *Coimbra - Iconografia, plantas, cartas e mapas*. Também nos *websites* de outras entidades se encontra variadíssima informação e outro material, sendo que algum é inclusivamente cedido em suporte digital, tal como o INE, CMC, Freguesia de Santa Cruz, CRC, CBESSF, Escola do 1º Ciclo da Conchada.

Como se pode constatar pela breve apresentação do percurso de investigação realizado, desenvolver um tema pouco estudado, para além da oportunidade motivadora, torna-se trabalhoso e moroso, tendo esta dissertação sido constantemente escrita e reescrita, à medida em que se iam encontrando mais fontes e factos, de maneira a dar uma imagem o mais rigorosa e realista possível da evolução urbana da Conchada.

Assim, foi possível fazer uma dissertação que retrata a Conchada, que não sendo apenas baseada numa reflexão pessoal, tenha interesse científico, mas também para a sociedade e, em particular, para os habitantes e instituições culturais da cidade de Coimbra.

Como nota introdutória final, cabe-nos esclarecer que se julgou adequado dividir desta dissertação em dois volumes, sendo que no primeiro se desenvolve toda a parte teórica e cronológica do tema e que no segundo se complementa e fundamenta o tema com material gráfico que se considera pertinente e interessante e detalhado, tendo em conta o estado da arte deste tema.

Por fim, salienta-se que esta dissertação, em termos de redacção, não segue o novo Acordo Ortográfico e que ela tenta, sempre que possível, citar os textos

segundo a fonte original, salvaguardando-se, assim, a sua riqueza e originalidade, visto que isso não os tornava ilegíveis.

2 e 3.
Fotografia aérea de Coimbra. Pormenor da Conchada, 2012.



I.

Definição

Estudar a Conchada¹⁰ é uma tarefa complexa e difícil. Complexa porque envolve muitos vectores¹¹ e difícil porque a determinação do que é a Conchada é algo que acompanha a própria história e evolução da cidade.

Na ausência de um marco regulamentar e definido que nos limite a zona da Conchada, essa delimitação exacta é tarefa quase impossível, apesar dela se ir deduzindo à medida em que se vai analisando e interpretando, de forma ponderada e confrontada, as várias fontes de informação investigadas.

Existem várias vertentes delimitativas de uma zona¹² tal como uma demarcação geofísica, geológica; uma limitação espacialmente administrativa e toponímica; a delimitação urbana definida pelas edificações e ruas que nela foram sendo edificadas; e o seu estatuto de lugar antropológico¹³.

Assim, em termos geográficos, a Conchada é uma zona da cidade de Coimbra, uma *cidade de encostas e cumeeiras, caracterizadas pela sobreposição de construções em pirâmide de degraus, separadas por intensidades diversas da luz*¹⁴. Segundo José Pinto Loureiro, as alusões documentais, até 1960, relativos a

10 Assinala-se, por curiosidade, que a designação de Conchada surge ainda em Mazarefes (Viana do Castelo, Viana do Castelo) e em Cabanelas (Vila Verde, Braga).

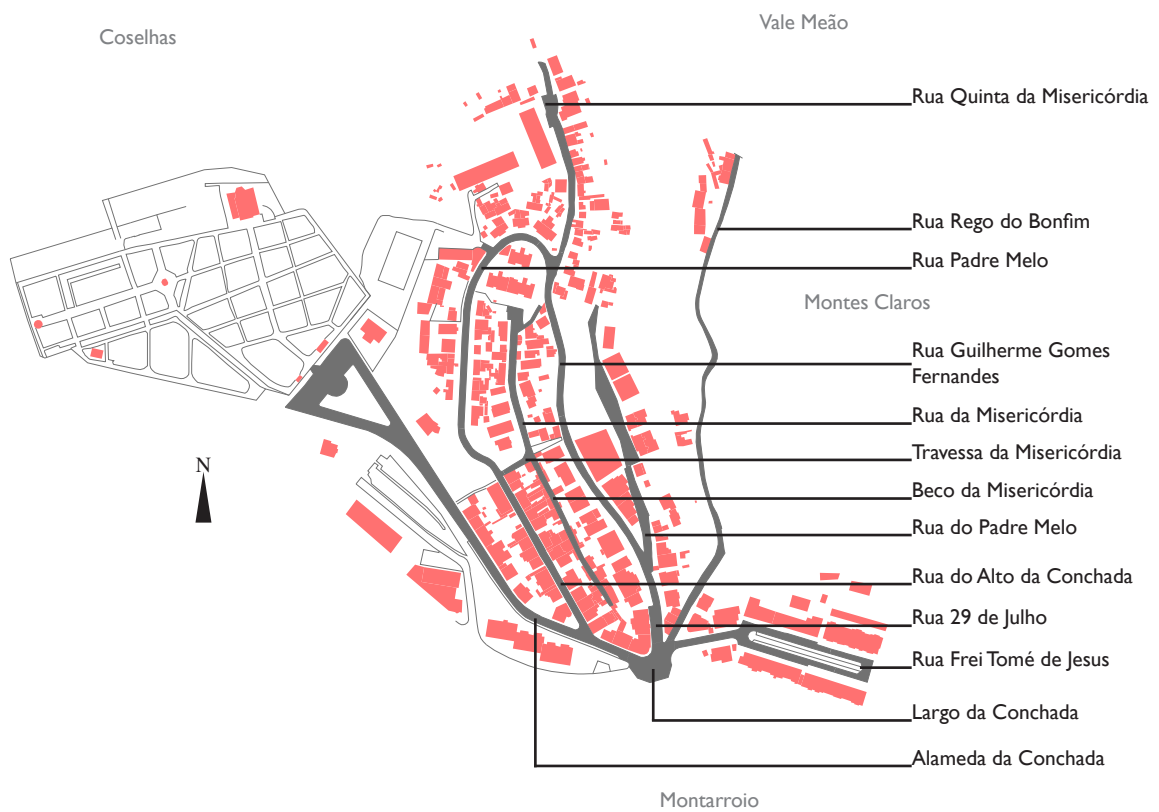
11 Segundo Tricart «[...] Comme toute étude de faits en eux-mêmes, la morphologie urbaine suppose une convergence des données habituellement recueillies par des disciplines différentes; urbanisme, sociologie, histoire, économie politique, droit même. Il nous suffit que cette convergence ait pour but l'analyse et l'explication d'un fait concret, d'un paysage pour affirmer qu'elle a sa place dans le cadre géographique». ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. p. 60.

12 Segundo Rossi apresentando Tricart «[...] para proceder à análise do lugar é necessário estabelecer à priori os limites entre os quais este é definido. Tricart estabelece assim três ordem ou três escalas diferente: [...] A escala da rua, que compreende as construções e os espaços não circundam; [...] A escala do bairro, que é constituído por um conjunto de quarteirões com características comuns; [...] A escala da cidade inteira, considerada como um conjunto de bairros. [...] O princípio que torna relacionáveis, e homogéneas estas escalas, é o conteúdo social que elas apresentam». *Id., ibid.* p. 61.

13 «Não é mais que do que a ideia parcialmente materializada, que aqueles que o habitam têm da sua relação com o território com os seus próximos e os outros. Essa ideia pode ser parcial ou mitificada. Varia com o lugar e o ponto de vista que cada um ocupa» AUGÉ, Marc - *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. p. 62.

14 GOMES, Paulo Varela - "Fronteiras de Coimbra. A realidade é aquilo que se vê". In AA. VV. - *SMS 202: A Nova Visualidade de Coimbra*. p. 32.

4.
Toponímia da Conchada (ver anexo III, folha n.º 5 a 9).



esta zona referem-se à [...] colina que hoje se vê limitada ao norte pelo vale de Coselhas, a poente e a sudoeste pela Rua da Figueira da Foz e Rua da Sofia e a nascente por Montarroio e Montes Claros. Abrangia portanto, uma área sensivelmente triangular, muito mais extensa do que actualmente, e que teria os vértices dos ângulos na extremidade sul da Rua da Sofia, na Casa do Sal e no extremo norte do Rego de Benfins¹⁵, hoje Rua Rego do Bonfim. O autor ainda acrescenta que *Por Conchada deve entender-se uma extensa área como a que ficou acima demarcada, e que foi reduzindo-se com o correr dos anos pela criação de novas denominações para fragmentos maiores ou menores dessa área, como Ladeira da Forca, Cemitério, Azinhaga do Carmo, Cerca do Colégio do Carmo, Cerca do Colégio da Graça, Cerca do Colégio de S. Pedro, etc*¹⁶, e a criação de novas ruas, tal como a Rua de Aveiro.

*Por Almas da Conchada [actual Largo da Conchada] tem-se entendido o pequeno largo existente ainda agora no ponto de convergência da Rua Ocidental de Montarroio [actual Rua da Saragoça], Rua António José de Almeida, Rua Frei Tomé de Jesus, Rego de Benfins, Rua Guilherme Gomes Fernandes e Alameda da Conchada*¹⁷. Hoje, a partir destas ruas é possível aceder à Rua 29 de Julho e à Rua do Alto da Conchada que, partindo [...] da Alameda da Conchada, vai até ao ponto de confluência da Rua do Padre Melo e da Travessa da Misericórdia¹⁸. A Rua Padre Melo, dá acesso ao Bairro da Conchada¹⁹ e à Rua Quinta da Misericórdia que, por sua vez, é o caminho de acesso ao Bairro Municipal da Misericórdia. A Travessa da Misericórdia leva-nos à Rua da Misericórdia e o Beco da Misericórdia que dão acesso a casas que pertenciam a bairros sociais que aí foram sendo construídos.

Em termos topográficos, a Conchada situa-se num outeiro com três encostas

15 LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. Vol. I. p. 32.

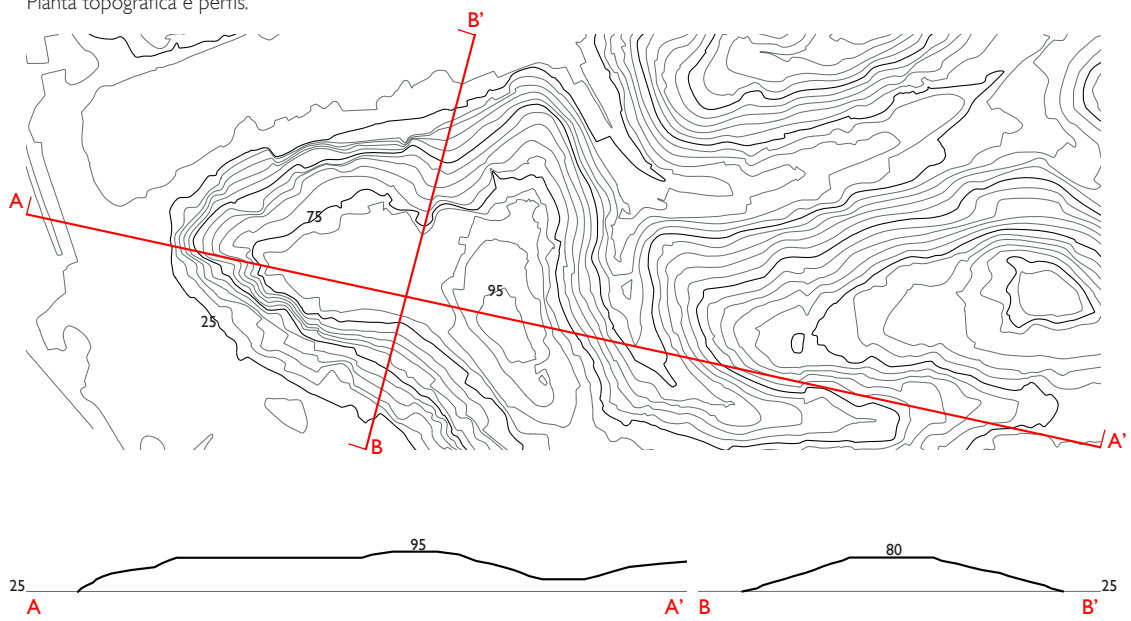
16 *Id.*, *ibid.* p. 36.

17 *Id.*, *ibid.* p. 36.

18 *Id.*, *ibid.* p. 36.

19 Segundo Rossi, « o conceito de área está ligado ao conceito de bairro. [...] o bairro torna-se [...] um momento, um sector da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à sua imagem. Destas partes temos uma experiência concreta. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função própria; logo, a transformação de um destes elementos é suficiente para fixar o limite do bairro». ROSSI, Aldo – [op. cit]. p. 88.

5 e 6.
Planta topográfica e perfis.



extremamente escarpadas orientadas a norte, nascente e poente, sendo o extremo poente-sul o local escolhido para a construção do Cemitério da Conchada. O Alto da Conchada é a [...] *parte mais elevada da colina, sobranceira à Estrada do Cemitério* [actual Alameda da Conchada] *e ao próprio cemitério [...]*²⁰ e situa-se por volta da cota 95, pouco mais baixa que a zona da universidade à cota 108. Mas, para se perceber o carácter abrupto desta elevação, note-se que a Conchada começa a elevar-se da cota 19/20, tanto do lado norte e nascente como do lado poente, onde se situam a ribeira de Coselhas e zona do Arnado respectivamente²¹.

Em termos geológicos, esta zona é composta por terrenos de natureza diversa. Em 1851, o delegado do conselho de saúde pública do reino no distrito de Coimbra, afirmava n' *O Observador* que, na zona mais ocidental, o terreno é [...] *composto de terra calcarea, silica e alguma argila, podendo conservar alguma humidade [...]*²². No Alto da Conchada ainda é possível observar um terreno idêntico ao que Alarcão descreve como [...] *terras avermelhadas [...]* [as características do] *monte rubeo [...]*²³, e em que [...] *a sua estrutura mostra [...]* *estratificações de terrenos, com afloramentos, aqui e além, de calhau rulado, e das grossas bancadas dos seus calcários [...]*²⁴.

Até ao século XIX, esta área²⁵ era propícia à actividade agrícola onde a oliveira e a vinha tinham uma exploração dominante, facto confirmado por várias gravuras desde o século XVI (por mais fantasiosas que elas possam ser), por vários documentos referidos por José Pinto Loureiro²⁶ e pelo próprio jornal *o Conimbricense*, assim como em documentos existentes na Santa Casa da Misericórdia. Agora, a exploração rural desse espaço centra-se na pastorícia, na existência de pequenos quintais familiares e de quintas, estas, no entanto, cada vez mais ao abandono. Também o espaço verde tem vindo a ser transformado

20 LOUREIRO, José Pinto - [op. cit.]. Vol. I. p. 36.

21 Cf. *Planta da Cidade de Coimbra*. Altimetria, 2007.

22 "Cemitério em Coimbra". *O Observador*, n.º 434, 06/09/1951. p. 3.

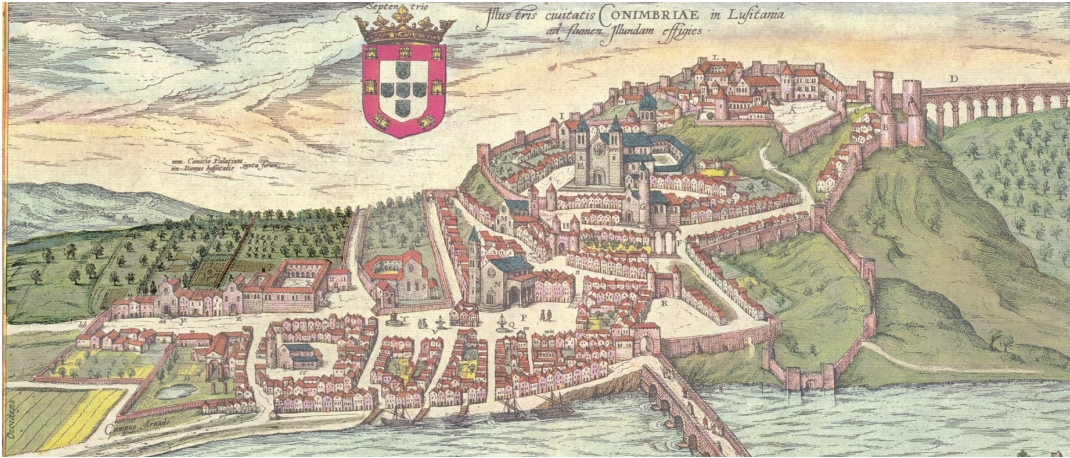
23 ALARCÃO, Jorge de - *Coimbra: a Montagem do Cenário Urbano*, p. 19.

24 LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. vol. II. p. 37.

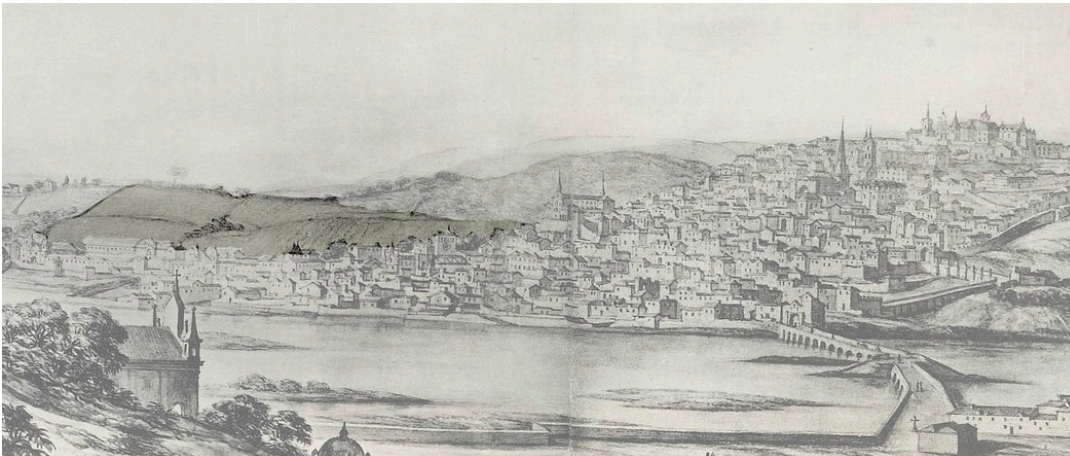
25 «[...] as áreas são sempre entendidas como unidades do conjunto urbano que emergiram, mediante uma operação, de diferentes processos de crescimento e diferenciação, ou então os bairros ou partes da cidade que adquiriram características próprias». ROSSI, Aldo - [op. cit.]. p. 86.

26 Cf. LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. vol. I. pp. 32-35.

7.
Illustris ciuitatis Conimbriae - des. Georg Hoefnagel, 1598.



8.
Coimbra - des. Pier Maria Baldi, 1668/9.



9.
Coimbra - des. desconhecido, 1865 .



essencialmente em espaço urbano, embora a topografia do terreno não facilite a sua ocupação e por isso as encostas continuam verdejantes. Não só isto faz a paisagem urbana deste espaço ser heterogénea mas também a existência de núcleos habitacionais bastante diferenciados, influenciados pelo função que o espaço teve ao longo do tempo, pois nele ainda coexistem, por exemplo, resquícios de bairro operário com unidades habitacionais unifamiliares contemporâneas. Este espaço ainda se evidencia a existência de várias instituições de solidariedade social, educativa e recreativas criadas para servir a população especificamente da zona.

Administrativamente, a Conchada pertenceu à freguesia de Santa Justa, mas hoje pertence a Santa Cruz do concelho de Coimbra, [...] *com cerca de 40.000km², e 500 habitantes*²⁷.

Uma reflexão sobre a toponímia do local julga-se ser curiosa, interessante e poder contribuir para a narração da história de um lugar, assim como ajudar a interpretá-lo. Tal como afirma José Pinto Loureiro, [...] *as denominações toponímicas de algum modo reflectem e acompanham os movimentos da vida social*²⁸, embora só exista toponímia oficial a partir de 1858²⁹.

Dentro da pesquisa que foi possível realizar, não se encontrou qualquer justificação para a atribuição da designação de “Conchada” àquela zona. Apenas que as mais antigas alusões à Conchada datam do século XVI, sendo enumeradas numa recolha feita por José Pinto Loureiro³⁰.

27 “Onde nos Localizamos?”. <<http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/onde-nos-localizamos.html>>.

28 LOUREIRO, José Pinto – [op. cit.], p. XIII.

29 «o século XIX - pode bem dizer-se - revolucionou a toponímia, não só com eliminar a tendência religiosa, mas ao mesmo tempo abolindo o vocabulário medieval dos terreiros, portos, portas, ladeiras e calçadas, criando uma toponímia própria, inteiramente nova, geralmente feita de homenagens e invocações, quer de personalidades de relevo, quer de acontecimentos memoráveis» *Id., ibid.* p. XIV.

30 «[...] o empraçamento (1511) de uma vinha «à Conchada»; a vereação de 25-VIII-1520, em que se deu de empreitada a feitura da calçada de Conchada às poldras de Coselhas; o empraçamento pelo Convento de Santa Cruz (25-IV-1523) de um chão com oliveiras na Conchada; a renúnciação de uma vinha e olivais (1536) «que está onde chamam Conchada»; o aforamento, em 3-XII-1538, pelo convento de Santa Cruz de «um olival junto da torre dos sinos, defronte da Conchada»; o alvará régio de 18-XI-1549, mandado pagar um chão que for a tomado para se construir o Colégio das Artes; as cartas de D. João III (10-VIII e 5-V-1552) sobre a expropriação de um caminho para a Conchada e sobre a Fonte de Sansão; o empraçamento, em 1558, pela Universidade de um olival na Conchada; a inovação, em 13-IX-1558, pela Universidade do empraçamento de dois olivais «à Conchada»; a carta régia de 12-VII-1561, determinando que se cumprisse o contrato em que o principal do Colégio das Artes, da Rua da Sofia, se obrigara a construir o novo caminho para a Conchada pelo chão que for a de Mestre Fernando, em troca do caminho da Conchada e Coselhas que for a cedido ao mesmo Colégio; o aforamento, em 1566, pela Universidade de um olival na Conchada «que parte com o muro dos frades da Graça», em 3-IV-1571, de um

10, 11 e 12.
Vistas da Conchada (ver anexo III, folha n.º 1 a 4).



No entanto, da mesma maneira que a designação de “Montarroio”, revisão de diversas denominações de [...] *Monte Rúbiu e Monte Áureo, passando por Monte-Royo e Mont’Arroio [...]*³¹, é etimologicamente derivada de monte rúbio e áureo justificada pela configuração topográfica dos terrenos abrangidos por esta zona e em função da [...] *cor das argilas e dos calcáreos, aquelas frequentemente avermelhadas e estes de tom amarelado, tão diferente da cor branca dos calcários de Outil e de outras zonas da região*³², a interpretação do topónimo “Conchada” pode ser feita pela sua etimologia associada à fisionomia do terreno.

“Conchada” significa, então, o que uma concha pode conter, sendo que “concha” provém do latim *conchula, concla, de concha*³³, e que nos pode remeter para o cume do monte, especificamente onde o local se insere, equiparando-o à forma de uma concha com a concavidade voltada para baixo, como que o remate da colina mais acima descrita.

Entretanto, esta designação integrou outras toponímias atribuídas aquela zona, quer no nome da Quinta ali situada no século XIX, quer em bairros ali instalados, destruídos e reconstruídos, e em arruamentos como a Alameda da Conchada, a Rua do Alto da Conchada e o Largo da Conchada.

olival no mesmo sítio, em 24-IV-1571, de um chão com oliveiras no mesmo sítio, e em 30-VII-1572, de um chão que for a canavial, pegado com o olival da Conchada; em 15-VII-1586 de um olival no mesmo sítio junto à cerca dos frades de S. Pedro; em 3-VII-1589, um auto de reconhecimento à Universidade de um olival «à Conchada e parte de três bandas com caminhos públicos que vão para Coselhas... Parte do olival está onde chamam o caminho novo, do qual se tomou a maior parte para os colégios de Nossa Senhora da Graça e de S. Pedro, e ficaram de fora do Colégio de São Pedro onze pés de oliveira que partem com a dita cerca e com a Rua de Santa Sofia e com azinhaga que vai para um olival de S. Lázaro» [...]. *Id., ibid.* pp. 32-35.

31 *Id.* - *Toponímia de Coimbra*. vol. II. p. 150.

32 *Id., ibid.* p. 150.

33 MACHADO, José Pedro - “Conchada”. In *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*. vol. 2. p. 201.

II.

Contexto histórico

A evolução urbana da Conchada é expressão do percurso que a própria cidade fez no contexto do concelho de Coimbra, concelho que acompanhou e reflectiu todo o conjunto de acontecimentos históricos ocorridos em Portugal nos últimos cento e cinquenta anos.

Se quisermos ser mais precisos, a evolução urbana da cidade de Coimbra ilustra a história do país desde as lutas pela independência e fundação política da nacionalidade até à actualidade. Um ponto determinante dessa evolução é a instalação definitiva da Universidade na cidade de Coimbra, empreendida em 1537 por D. João III (1502-1557). Fruto desta decisão, é enorme o desenvolvimento urbano e urbanístico da cidade de Coimbra, pois [...] *em cerca de duas décadas a cidade viu multiplicar por cerca de sete o número dos seus habitantes, o que nos dá uma boa ideia do impacto urbano que a medida teve e a pressão que exerceu sobre o seu espaço*³⁴.

Esse desenvolvimento prolongou-se para os séculos seguintes com particular incidência no período pombalino. Assim, *como em outras regiões do país, a estrutura existente de apoio ao consumo, a indústria alimentar e as actividades artesanais, tiveram um considerável desenvolvimento no tempo do Marquês de Pombal [1699-1782] que, em Coimbra, estavam localizadas na zona da Baixinha e junto ao rio Mondego na sua margem esquerda*³⁵. Esta estrutura pré-industrial sofreu com as *invasões francesas e depois com as lutas entre liberais e absolutistas*.

Num momento mais recente, isto é, a primeira metade do século XIX foi cunhada de grande instabilidade nacional³⁶, que se manteve de alguma forma, pois,

34 ROSSA, Walter – “O Espaço de Coimbra, da Instalação da Urbanidade ao Fim do Antigo Regime”. In REBELO, João (coord.) - *Evolução do espaço físico de Coimbra : exposição*. p. 22.

35 FARIA, José Santiago – “Evolução do Espaço Físico de Coimbra”. In REBELO, João (coord.) – [op. cit.]. p. 6.

36 Especificando, em 1820, fruto de um pronunciamento militar que eclodiu no Porto, concretizou-se em Portugal um movimento revolucionário de cariz liberal, baseado nos ideais da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), apoiado por intelectuais, magistrados e burgueses (essencialmente comerciantes) e que se opunha ao regime monárquico

*Apesar da efectiva vitória liberal em 1834, viviam-se nas décadas seguintes, tempos de grave depressão económica e grande radicalidade política, não sendo possível, durante os primeiros governos, implementar quase nenhuma das estratégias desenvolvimentistas pensadas*³⁷.

Este período de perturbação e de indefinições, de saltos em frente e de investidas da reacção absolutista, fez com que algumas actividades económicas tendessem a desaparecer, o que contribuiu para o abandono e a ruína, deixando marcas na paisagem rural sobretudo na paisagem urbana da cidade de Coimbra, sem que, em contrapartida, se assistisse ao crescimento desta área]. *No entanto, os decénios de trinta e quarenta são fundamentais no lançamento de medidas políticas que, no futuro, viriam a ter um impacto decisivo. (...) Mas os grandes trabalhos de fomento apenas se tornam efectivos com os governos de estabilidade, no início de uma época de efectiva paz social e política que começa em 1851*³⁸.

Nesta sequência, e nos finais do século XIX, vão ocorrendo grandes transformações económicas e sociais resultantes da industrialização, do desenvolvimento do caminho-de-ferro e das melhorias nas vias de comunicação, que tiveram um impacto enorme na *cidade pois deram origem a um crescimento importante da sua população (40% em 30 anos), sem que se assistisse ao crescimento da sua área urbana, que nas primeiras décadas do século XX, [...] entre 1900 e 1930, duplicou*³⁹. Ou seja, este desenvolvimento das infra-estruturas de comunicação, sanitárias e de produção fez surgir um grande número de indústrias e uma deslocação de actividades para a zona da Baixinha factos que criaram oportunidades de trabalho apetecíveis às populações rurais, tendo-se, com isto, gerado uma crescente migração das aldeias vizinhas para a cidade em busca de

absoluto, controlado pela interferência inglesa (através do General Bersford).

Este movimento revolucionário contou com uma forte oposição da rainha, Carlota Joaquina, que se recusou a jurar a Constituição de 1822, e de seu filho D. Miguel. Este último encabeçou um conjunto de sublevações (Vila Franca, a 27 de Maio de 1823), golpes (Abrilada), assassinatos de liberais e conselheiros do rei, um cerco (ao Porto, 1832-33), apoiados pela nobreza e forças mais conservadoras, que provocaram avanços e recuos neste movimento revolucionário. Esta instabilidade só acalmou com a derrota das forças miguelistas, em 1834, e com a assinatura da Convenção de Évora Monte, que pôs *«termo à guerra civil sangrenta através da rendição e exílio de D. Miguel»*. RODRIGUES, António Simões (Coord) - *História de Portugal em Datas*. pp. 201-210.

37 MACEDO, Marta – “Coimbra na segunda metade do século XIX”. In REBELO, João (coord.) – [op. cit.]. p. 45.

38 *Id.*, *ibid.* p. 45.

39 FARIA, José Santiago – “Evolução do Espaço Físico de Coimbra”. In REBELO, João (coord.) – [op. cit.]. pp. 15-16.

melhores condições de vida. Contudo, este aumento populacional da cidade não foi acompanhado por uma política de alojamento condigno tendo as populações migrantes encontrado abrigo em débeis e sobrelotadas estruturas habitacionais pois *o fraco investimento camarário na produção da habitação, produziu uma gama de alojamentos marginais cuja legalidade é mantida tacticamente pelas autoridades e os infractores, à falta de melhor solução, com a exploração da ignorância e da necessidade das populações por parte dos donos dos terrenos em “poisio” especulativo*⁴⁰.

Assim, foram surgindo um pouco desorganizadamente, sob a força das circunstâncias económicas, demográficas mas, depois, também de carácter político (Queda da Monarquia e Implantação da República, em 1910) novos espaços e edifícios. A cidade crescia sem ordenamento, originando problemas e começando a ressentir-se disso, o que conduziu ao questionamento da necessidade de algum planeamento, cujo despertar se *generalizou após a Segunda Guerra Mundial*⁴¹.

Desta forma, a prática da vida, com expressão na *prática urbanística* [exigiu a prática teórica tendo] *a teoria só* [adquirido] *foros de ramo sistematizado de conhecimentos desde que foi chamada a resolver problemas urbanos importantes originados pela Revolução Industrial* [séculos XIII e XIX] *e pelo acentuado crescimento das cidades*⁴².

Coimbra não foi alheia a estas tendências e, neste enquadramento teórico-prático, foram conduzidos vários projectos de remodelação urbana : *Abel Urbano (1919-1928), Luís Benavente (1936), Etienne de Groër (1940), Antão de Almeida Garrett (1955), Alberto José Pessoa (1956) e Serviços de Obras e Urbanização da Câmara (1971-1973)*⁴³. Entretanto, em 1934, ainda foi criada uma legislação que *obrigava as Câmaras Municipais a promover Planos Gerais de Urbanização para todas as localidades com mais de 2.500 habitantes*⁴⁴, mas para isso era indispensável uma planta rigorosa e detalhada da cidade, pois apenas existiam as plantas de Emílio Baptista (1845, ver anexo I, folha n.º 1) e as cartas dos irmãos

40 OLIVEIRA, José - *O SAAL e o Movimento de Moradores em Coimbra*. p. 8.

41 ROSSA, Walter - “O Espaço de Coimbra, da Instalação da Urbanidade ao Fim do Antigo Regime”. In REBELO, João (coord.) - [op. cit.].

42 *Id.*, *ibid.*

43 ROSMANINHO, Nuno - “Coimbra no Estado Novo”. In REBELO, João (coord.) - [op. cit.]. p. 13.

44 FARIA, José Santiago - “Evolução do Espaço Físico de Coimbra”. In REBELO, João (coord.) - [op. cit.]. p. 16.

Goullard (1873-74, ver anexo I, folha n.º 2). Por isso, em 1934, ainda foi executada uma planta topográfica, através de fotogrametria aérea, da responsabilidade do geógrafo José Batista Lopes (ver anexo I, folha n.º 3 e 4).

Alguns daqueles planos assentavam numa política de demolição sistemática dos velhos quarteirões da Baixa, não concretizada, mas foi na Alta, que, quase subitamente, esta a atitude se materializou. Em 1943, foram arrasadas *duas centenas de prédios*⁴⁵ para dar lugar à reconstrução das instalações universitárias, transformando para sempre a fisionomia urbanística de Coimbra. Esta construção da Cidade Universitária também acompanha a expansão urbana da cidade, sendo que o desaparecimento habitacional na Alta e a conseqüente deslocação da sua massa populacional para a periferia resultou na edificação de novos bairros, que apressaram e definiram o desenvolvimento urbano ao desencadear o seu crescimento para fora do núcleo histórico.

Na verdade, tal como já foi apresentado, *os bairros sociais não surgiram em Coimbra com as obras da Cidade Universitária, mas adquiriram com ela um ritmo de construção inteiramente novo*⁴⁶, e a construção destes bairros no âmbito de iniciativas governamentais de construção de bairros sociais, também surgiram na tentativa de substituir barracas de madeira e lata, casebres pouco higiénicos e sobrepovoados⁴⁷.

Foi no início do Estado Novo⁴⁸ que se estabeleceu, pelo *decreto-lei n.º 23:052, de 23 de Setembro de 1933, as bases para a construção de casas económicas, moradias de família em regime de propriedade resolúvel, definindo os princípios de ordem social, técnica e económica em que assentaria a solução*

45 ROSMANINHO, Nuno – “Coimbra no Estado Novo”. In REBELO, João (coord.) – [op. cit.], p. 13.

46 ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. p. 98.

47 *Diário de Coimbra*, 28/04/1950.

48 O Estado Novo foi o regime com uma prática ditatorial instaurado em Portugal e controlado por Oliveira Salazar, caracterizado pelas políticas dificilmente discutidas ou contestadas (ou, pelo menos, arrastando grandes custos para quem tivesse a ousadia de o fazer). Foi regido pela constituição de 1933 e caracterizado como sendo «uma república corporativa, um regime de governo Chanceler, com um presidente da República eleito por sufrágio directo a nomear um presidente do Conselho de Ministros, um único partido, com exclusiva representação na Assembleia Nacional, eleições sem liberdade, uma polícia política e um regime de censura [e] Em termos coloniais uma nova concepção imperial» que se mantém até ao 25 de Abril de 1974, com algumas “aberturas” cívicas e políticas, com a campanha eleitoral de Humberto Delgado (1958) e a Primavera Marcelista (1968-1974). PINTO, António Costa - “Da Ditadura Militar ao Estado Novo”. In CARNEIRO, Roberto (coord.) - *Memória de Portugal - O Milénio Português*. p. 503.

*portuguesa de tam complexo e angustioso problema*⁴⁹.

No entanto, o aparecimento de bairros clandestinos continuava a propagar-se pela periferia das cidades e, por isso, *é lançado o programa das “Casas Desmontáveis”*⁵⁰, em 1938, destinado a pessoas que viviam nestes bairros de lata e que não tinham condições para adquirir uma “casa económica”.

No final de 1943 ainda se *visava construir quatro mil casas económicas e mil desmontáveis nas principais cidades do País, [e] Coimbra foi contemplada com quinhentas habitações. Em apenas um lustro, iniciou-se a construção de seis bairros para lá do limite urbano*⁵¹. Mas, as graves condições habitacionais no pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945) fizeram o regime [...] *abandonar os seus ideais, da casa unifamiliar, passando a permitir a construção de blocos de habitação colectiva até 4 pisos. [Aqui] são lançados o programa da “Casas para Famílias Pobres” [...] [e] das “Casas de Renda Económica”*⁵².

Um ano depois surgem legalmente as Habitações Económicas (HE) - Federação de Caixas de Previdência⁵³ onde é permitido à Federação de Instituições da Previdência Social a cooperação na resolução do problema da habitação, na *realização de obras sociais, nomeadamente a construção de “Casas Económicas” e de “Casas de Renda Económica”*,⁵⁴ [...] *sendo estas casas atribuídas aos respectivos beneficiários ou sócios das instituições de previdência*⁵⁵ e tendo desencadeado, em 1947, a criação do programa “Casas de Renda Limitada”⁵⁶.

Assim, entre 1945 e 1950, *o Estado e a Câmara construíram em Coimbra oitocentas habitações económicas e de renda barata*⁵⁷ e, quando se procedeu à *actualização da planta da cidade, o engenheiro responsável [Engenheiro Joaquim Simões Pereira] salientou que as modificações operadas entre 1937 e 1952*

49 Decreto-Lei n.º 33 278, de 24 de Novembro de 1943, pp. 823-824.

50 Decreto lei n.º 28:912. OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque - *HE-FCP - Casas de Renda Económica* . p 62.

51 ROSMANINHO, Nuno – [op. cit.]. p. 100.

52 Decreto-lei n.º 34 486, 06 de Abril de 1945 e Decreto-lei n.º 2007, 07 de Maio de 1945. OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque - *HE-FCP - Casas de Renda Económica* . p 62.

53 Decreto-Lei n.º 35 611, de 25 de Abril de 1946.

54 TAVARES, Maria Fernanda Gaspar - *Federação de Caixas de Previdência – Habitações Económicas: Um percurso na História da Arquitectura da Habitação em Portugal*. p. 3. OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque - *HE-FCP - Casas de Renda Económica*. p. 67.

55 OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque - *HE-FCP - Casas de Renda Económica*. p. 79.

56 Decreto-Lei n.º 36 212.

57 ROSMANINHO, Nuno – [op. cit.]. p. 100.

*havia sido tão radicais no Bairro Marechal Carmona, Alto da Arregaça, Fonte do Castanheiro, Avenida dos Combatentes, Estádio Municipal, Bairro da Conchada, Rua António José de Almeida, Bairro de Celas e Cidade Universitária que se tornaria «mais prático e mais económico refazer completamente» as cartas destas zonas*⁵⁸.

Esta realidade manteve-se ao longo do anos cinquenta e sessenta, em que as *HE estruturam, organizam e aplicam estratégias e resposta à questão da habitação em contextos urbanos e rurais*⁵⁹.

Em 1969, é criado o Fundo Fomento Habitação *com o objectivo de reunir, num único organismo, as diferentes formas de intervenção estatal no sector da habitação social [...] [e] contribuir para a resolução do problema habitacional especialmente das classes não beneficiárias dos planos das caixas de previdência ou de quaisquer outras instituições semelhantes*⁶⁰, levando à extinção das Habitações Económicas - Federação de Caixas de Previdência.

Depois do golpe militar de 1974 e com a criação do I Governo Provisório, o arquitecto Nuno Portas, então secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, impulsionou um projecto de habitação que envolveu arquitectos e população numa iniciativa única e revolucionária: o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), instituído a 31 de Julho de 1974 através de um despacho conjunto dos Ministérios do Equipamento Social e Ambiente e da Administração Interna.

Este serviço técnico descentralizado integrava o Fundo de Fomento da Habitação e procurava *através do suporte projectual e técnico dado pelas brigadas que actuavam nos bairros degradados, [apoiar as autarquias e as populações interessadas, procurando resolver os problemas da habitação das populações mais carenciadas, que viviam em barracas e bairros de lata, e que com a construção de] novas casas e novas infra-estruturas, foi oferecendo melhores condições habitacionais às populações mais carentes*⁶¹.

Aqui, as populações ganharam uma consciência das suas forças e

58 ROSMANINHO, Nuno – [op. cit.]. p. 99.

59 PEREIRA, Nuno Teotónio - *Escritos (1974-1966, selecção)*. p.208.

60 Decreto lei nº 49 033, 28 de Maio de 1969.

61 COSTA, Alexandre Alves – “Prefácio”. In BANDEIRINHA, José António - *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. pp. 13-14.

capacidades que as lançaram num processo de transformação, levando-as à criação de Associações de Moradores nos bairros em situações precárias. Em Coimbra, esta organização começou a *dar sinais* [em Junho de 1974] *de organização, com a realização de reuniões de moradores conjuntas dos Bairros do Brinca, Relvinha e Estrada de Eiras, para análise de vários problemas que afectam aqueles bairros, que durante tanto tempo estiveram votados ao esquecimento, com o intuito de chamar a atenção das autoridades competentes para a urgência da sua resolução*⁶².

Em 1976, a tutela do SAAL passou a ser das Autarquias, decisão a que as Associações de Moradores de Coimbra responderam com um comunicado a defender o programa e a repudiar o despacho do Governo, de 27 de Outubro de 1976, que conferia às Câmaras Municipais o poder de controlar e definir as operações SAAL que estavam a decorrer e que acabou por levar praticamente à sua dissolução.

Com a dinâmica empreendida pelas operações SAAL, as populações tiveram a oportunidade de discutir a importância da qualidade do espaço residencial e das infra-estruturas fundamentais, reivindicando equipamentos urbanos e sociais instalados no local de modo a que se criassem raízes para desenvolver formas de sociabilidade ancoradas na apropriação do espaço público. Transportes públicos adequados, espaços de lazer para crianças, escolas, creches, espaços verdes, centros de dia para idosos, centros de saúde, espaços desportivos e de lazer eram preocupações integradas numa ideia de «direito ao lugar»⁶³.

62 OLIVEIRA, José Manuel Albuquerque - [op. cit.], p. 13.

“Moradores do Bairro da Brinca, Relvinha e Estrada de Eiras analisam problemas da zona”, *Diário de Coimbra*, 26.6.1974.

63 “9 pontos para a compreensão da importância das Operações SAAL”.

<<http://saal-memorias.blogspot.pt/2006/02/9-pontos-para-compreenso-da-importncia.html>>.

III.

Evolução urbana
até 1864

Quanto à Conchada, esta foi durante muitos séculos uma zona periférica em relação ao núcleo muralhado da cidade, que se circunscrevia à colina da Universidade. Segundo José Santiago Faria, até ao século XIX, a *malha urbana encontrava-se espartilhada por duas cintas: a primeira, conventual, e a segunda formada por um enorme conjunto de quintas*⁶⁴. A Conchada fazia parte desta segunda cinta, assim como, por exemplo, a Quinta de Voimarães, a Quinta dos Lóios, a Quinta Nova do Cidral, a Quinta dos Jerónimos, e muitas outras ainda mais distantes do núcleo central urbano.

Contudo, *No século XIX, deram-se grandes alterações na estrutura produtiva da maioria dessas grandes quintas que rodeavam a cidade de Coimbra [...] algumas absorvidas pelo crescimento urbano, outras ainda em ruínas expectantes*⁶⁵. Ainda, segundo o autor referido anteriormente, a *cintura de mosteiros, mais junto da cidade, tornou difícil o desenvolvimento urbano de Coimbra durante muitos séculos: mosteiros como o de S. Domingos, de Celas, de Santa Cruz, Santa Ana, Santa Clara, São Francisco e Santa Teresa impediram directamente a expansão da cidade*⁶⁶.

Neste enquadramento, a Conchada seria uma zona intermédia localizada entre cercas conventuais e quintas, sendo ela própria composta por várias quintas⁶⁷, embora não seja clara e completamente definida a sua pertença. Ou seja, se entre os

64 FARIA, José Santiago - "Evolução do Espaço Físico de Coimbra". In REBELO, João (coord.) - *Evolução do espaço físico de Coimbra : exposição*. p. 14.

65 *Id.*, *ibid.* p. 14.

66 *Id.*, *ibid.* pp. 14-15.

67 Conseguiu-se apurar a Quinta do Pio, mais tarde designada por Quinta da Conchada (LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. II. p. 63-64) e Quinta da Misericórdia. Também se deparou com «Uma quinta às Almas da Conchada, que se compõe de duas moradas de casas, terra de serradura de milho e com suas oliveiras, vinhas e mais árvores de fructo» (*O Observador*. nº 304. 08/07/1850. p.4). No entanto, julga-se que a «*quinta do Rego de Benfins*» já não faria parte da zona da Conchada, pois esta seria limitada pela Rua do Rego de Benfins, já existente em 1441. LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. II. p. 260.

13.
Pormenor da Planta de Coimbra - Izidoro Emílio Baptista, 1845 (ver anexo I, folha n.º 1).



séculos XVI ao século XVIII a encosta Sul da colina fazia parte de algumas das *cercas dos colégios como da Cerca do Colégio do Carmo, Cerca do Colégio da Graça, Cerca do Colégio de S. Pedro, etc*⁶⁸, com a extinção das ordens religiosas, em 1834, a posse destes terrenos foi transferida para o Reino, deste para alguns proprietários particulares e também para o poder camarário.

Até meados do século XIX, a Conchada ficava para além de uma das portas principais da cidade de Coimbra, a Porta ou Arco de Santa Margarida. Esta porta situava-se entre a extremidade norte da Rua da Sofia e o início da Rua de Fora de Portas, também denominado Rua de Fora de Portas de S. Lázaro ou Rua de Fora de Portas de Santa Margarida e, actualmente, Rua Figueira da Foz⁶⁹. Esta zona noroeste está, de alguma maneira, associada à doença, à morte e a riscos diversos. À doença porque aí, mais exactamente na Azinhaga dos Lázaros, estava instalado o Hospital dos Leprosos⁷⁰. À morte, não só pela inevitabilidade desta a muitos daqueles enfermos, mas fundamentalmente porque aí se situava um dos locais de cumprimento máximo de penas, ou seja, as forcas da cidade de Coimbra, cujo acesso era feito pela Ladeira da Forca⁷¹, sendo que, *Suprimida a pena de morte, a forca deixou de ter aplicação e dela resta apenas, assim como o do respectivo local, a trágica lembrança e alguns vestígios do caminho de acesso*⁷². Também o risco de outros incidentes nesta zona é elevado, devido à concentração de casas de fogueteiros. Aqui, em 1750, [...] *a Câmara deu de aforamento um baldio, [...] [que, depois de ser alvo de um auto reconhecimento em 1806, em 1816 voltou a fazer o seu aforamento para] edificar uma casa destinada a armazém de pólvora*

68 *Id.* - *Toponímia De Coimbra*. Vol. I. p. 36.

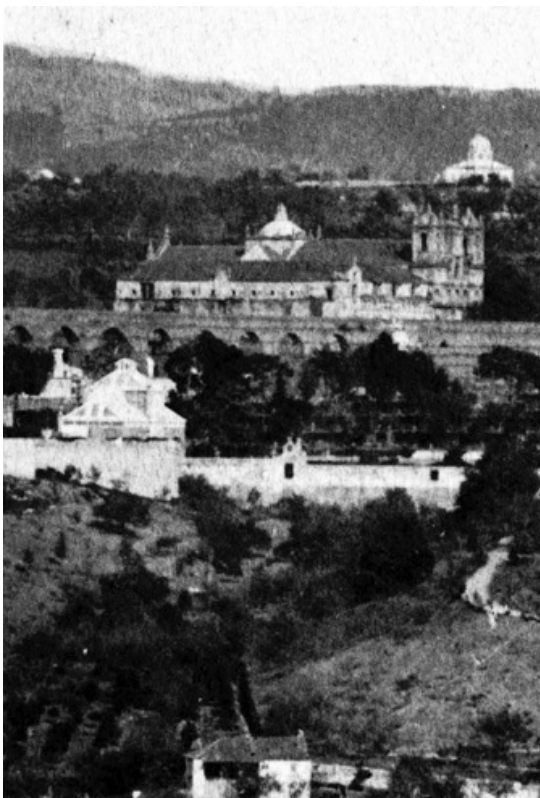
69 Aqui localizava-se o bairro de Fora de Portas, e a Rua Fora de Portas terminava na Casa do Sal, onde se situava a ponte de Águas de Maias. A denominação Rua Figueira da Foz é atribuída em 1903, por deliberação camarária. Cf. *Id.*, *ibid.* pp. 365-366.

70 Erguida no século XII por ordem de D. Sancho I . Cf. *Id.*, *ibid.* p. 365.

71 «Para estes lados se situou a forca, nos tempos em que existia a pena de morte em Portugal. A encosta que desce para poente tem o nome de Ladeira da Forca» BORGES, Nelson Correia - *Coimbra e Região*. p. 115. Esta ladeira é descrita em 1768 como um «[...] caminho que vai para o suplício da forca [...] [e em 1835 como uma estrada] que subia da estrada real da ponte de Águas de Maias em direitura ao mirante e portão da Quinta da Conchada, por baixo do terrado da Forca e comunicando dali a Montarroio e a Montes Claros» LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. II. pp. 63-64. Em meados do século XX e até à construção da Rua de Aveiro, a Ladeira da Forca era um «[...] íngreme caminho de pé que [saía] do lado oriental da Rua Figueira da Foz, subindo toda a encosta e indo dar ao cunhal poente-sul do Cemitério da Conchada». *Id.* - *Toponímia De Coimbra*. Vol. II. p. 61. Actualmente a ladeira é intransitável mas ainda identificável como acesso a casas.

72 *Id.*, *ibid.* p. 65.

14.
Cerca do Colégio da Nossa Senhora da Conceição da Ordem de Cristo ou de Tomar:



15.
Estabelecimento Prisional de Coimbra.



[...] ⁷³, e em 1857 fez o aforamento dos [...] *terrenos públicos junto a essa casa, ao Fundo da Ladeira da Forca* ⁷⁴. Ainda em 1860, [...] *deu a Câmara de aforamento vários terrenos destinados à construção neste local de casas e barracas para fogo de artifício* ⁷⁵, sendo que desde 1843 a câmara deliberou que [...] *a residência dos fogueteiros era e sempre foi o bairro de fora de Portas de Santa Margarida* [...] ⁷⁶.

Apesar de entre todos estes factores haver um vínculo de morte, não é claro que algum destes aspectos tenham influenciado a escolha desta zona para localização de um cemitério público de Coimbra, pois as razões invocadas foram de outra ordem.

É, em pleno período cabralista, a pensar na salubridade das populações que é decretada a construção de cemitérios públicos, delimitados e localizados fora do centro das cidades, impedindo-se, a partir de então, que os enterramentos fossem realizados nas igrejas. Esta política também é implementada na cidade de Coimbra, mas não sem muita polémica. Ou seja, apesar de se reconhecer a necessidade de um cemitério, a escolha desse local foi complicada e morosa, sujeita *inclusivé* a muita discussão, partilhada não apenas pelos governantes mas que também pelo público, tendo os jornais sido voz do povo revoltado, em cujas notícias e artigos é visível a participação deste e acompanhamento na tomada de decisão e o processo de construção do Cemitério na Conchada.

O *O Observador*, em 21 de Setembro de 1850, faz referência à importância da construção de um Cemitério, mas pronuncia-se a favor da sua localização na Cerca do Colégio de Tomar (actual Estabelecimento Prisional de Coimbra): «*O interesse que deve inspirar á nossa terra a construção d'um Cemiterio em local conveniente, é hoje uma neccessidade da epocha no estado da actual civilização, e por isso vamos fazer algumas reflexões sobre a conveniencia de satisfazer a opinião publica que o reclama e exige [...]. Por mais d'uma vez temos ouvido a homens entendidos indicar a cerca do Convento de Thomar como a mais adequada por todas as considerações, porem como se tem buscado pretextos para se não fazer, diz-se que e muito perto da cidade, e que junto de Thomar passa um cano*

⁷³ *Id.*, *ibid.* p. 63.

⁷⁴ *Id.*, *ibid.* p. 64.

⁷⁵ LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. I. p. 35.

⁷⁶ *Id.*, *ibid.* p. 366.



INTERIOR.

QUINTA 27 DE SETEMBRO.

As classes em Coimbra.

O ANUARIO da cidade de Portugal e a...

Em Portugal, a classe de Portugal e a...

Na cidade de Portugal, a classe de Portugal e a...

Quantos esperados milharistas contempora...

Quantos esperados milharistas contempora...

uma classe de Portugal e a classe de Portugal...

Que importa que se facilitem as circumstancias...

É um problema de regularidade, d'esta...

Que administração de justiça é esta...

Quantos acres a palmeira, além das...

Quantos acres a palmeira, além das...

mas a classe de Portugal e a classe de Portugal...

O governo deve dirigir a sua actividade para...

Condições de um plano de ensino...

Por quanto tempo poderá a classe de Portugal...

MANUSCRITOS DO CATEDRAL DE COIMBRA.

MANUSCRITOS DO CATEDRAL DE COIMBRA.

d'agua que serve para o consumo da cidade [...]. Não optaremos nunca pela construcção d'um cemitério no centro d'uma cidade ou muito perto d'ella; porem suppomos ser a cerca de Thomar o melhor pela sua expozição e mais indicações alem da forte circumstancia de ter ao pé um Templo magnífico, o que se tem deixado estragar e roubar! Terá pois a Camara algum outro local mais apropriado para Cemiterio, e quem duvidará confiar da Faculdade de Medecina a decisão d'esta questão - ?»⁷⁷.

Quase um ano depois, a 21 de Junho de 1851, insiste-se na interpelação sobre o porquê de Coimbra ainda não ter um cemitério: *«Quando terá Coimbra um cemitério? [...] ha uns poucos de annos que os espaços se medem, que os geologos esquadrinham as livrarias e as camádas terrenas – ha uns poucos de annos que as localidades se indicam, que os planos se forjam, e os projectos se amontoam nas estantes das secretarias – mas qual história! A final de contas tudo isto não tem passado de uma impostura apparatusa – estamos em 1851 e o cemitério ainda não existe. [...] Pois já era tempo e bem tempo – Não ha hoje villa e lugarejo do reino onde os enterramentos nas igrejas não estejam abolidos [...] destas talvez seja Coimbra a unica, onde o cemiterio ainda não existe. [...] Será por acaso que não encontrasseis terenos elevados, arejados, e bastante cabralistas [...] ? impossivel. – Coimbra está cercada de lindos oiteiros e de apraziveis collinas. [...] a falta do cemitério em Coimbra não pode ser senão efeito do desleixo [...]»⁷⁸.*

Ainda numa notícia de 19 de Agosto do mesmo ano, surge um artigo de Francisco Antunes Macedo que, como delegado do conselho de saúde pública do reino neste distrito, fez questão de partilhar o juízo que lhe pareceu adequado às responsabilidades que desempenhava: *[...] a minha humilde opinião sobre este assumpto, para declinar de mim toda e qualquer responsabilidade, que de futuro se me possa irrogar pelos males que por ventura hajão de provir à saúde publica d'esta cidade [...] . Todos os principios de Hygiene Publica, e leis estabelecidas sobre estes principios, acerca da construcção de cemiterios, recommendo certas e determinadas regras para serem observadas e rigorosamente cumpridas no estabelecimento de todo e qualquer cemiterio. [...] É necessario primeiro que tudo*

77 “Cemiterio”. *O Observador*, nº 334. 21/09/1850. pp. 2-3.

78 “Outra Vez O Cemiterio”. *O Observador*, nº 412. 21/06/1851. p. 2-3.

que elles sejam algum tanto distantes das povoações, [...] É preciso que a localidade seja virada ao norte, e em sitios dos mais elevados [...]. Convém igualmente que o plano dos cemitérios seja levemente inclinado ao norte, para não ser excessiva a humidade do terreno com as chuvas abundantes, más esta inclinação não deve ser tão grande, que dê lugar ao corrimento das agoas. [...] Além d'isto é essencial, e se deve ter na mais particular attenção, que não hajão fontes ao pé dos cemiterios, e que se não abrão poços dentro d'elles [...]. É também vantajoso que o terreno dos cemiterios não seja nem puramente argiloso, por ser mui compacto, e obstar d'este modo à passagem d'alguma humidade, necessaria á fermentação putrida dos cadaveres; nem puramente silicioso, porque os secca, deixando então d'haver a sua decomposição; è necessario que o terreno seja composto de parte argilosa, siliciosa, e calcarea, para reunir as condições d'aptidão precisas á putrefacção dos cadaveres em o menos tempo possível. Os cemiterios devem ter um espaço proporcional aos enterramentos dos cadaveres [...]. Devem ser murados os cemiterios e seus muros terem 8 a 10 palmos d'altura, não sò para não serem devassados pelos animaes vorazes, mas tambem para se guardar o respeito devido a estes lugares. E emfim conveniente arborisar os cemiterios para a exhalação do oxygeno, e absorção dos gazes irrespiráveis, mas não devem as arvores ser tão espessas, nem plantadas tão bastas, que se opponhão à livre circulação do ar atmospherico. [...] Estabelecidos pois estes principios cumpre saber se a Cerca de Thomar está nas circunstancias de poder servir para cemiterio, Ninguem de boa fé o poderá affirmar»⁷⁹.

Apenas entre Agosto e Setembro de 1851 é tomada e justificada a decisão sobre a localização do Cemitério de Coimbra, ou seja, a escolha da sua construção na Quinta da Conchada e a respectiva rejeição na Cerca do Colégio de Tomar :

[...] designar na quinta da Conchada o local para o Cemiterio.

Por voto unanime se assentou ser aquelle o sitio a todos os respeitos o mais conveniente, não sò em relação ás condições hygienicas, mas até é facilidade da conducção dos cadaveres para elle, podendo ter duas boas estradas, uma pela azinhaga do Carmo para o serviço do bairro baixo, e outra pela Fonte Nova para o bairro alto.

⁷⁹ "Cemitério Em Coimbra". *O Observador*, nº 429. 19/08/1851. p. 3.

Uma comissão está encarregada de marcar a necessaria extensão do terreno da referida quinta, que deve comprehender-se no circuito do cemiterio, que não perderá nunca por ser grande e espaçozo.

Vai immediatamente cuidar-se da compra, ou expropriação da referida quinta, para se proceder ás obras necessarias.

Para occorrer a estas despezas, a Camara municipal vai proceder á avaliação e venda da Cerca e convento de Christo em Thomar [...] Estamos certos que esta bella propriedade, apesar de deteriorada, ha de ainda encontrar muitos compradores, porque pode facilmente converter-se n'um dos mais formozos predios desta terra; participando, pela sua posição, das vantagens da cidade e das regalias do campo⁸⁰.

A exposição de Thomar não è ao norte como se exige [...] também não tem a elevação precisa para ser bem lavada dos ventos [...]

Ao lado e mesmo encostado ao muro da cerca de Thomar passa o aqueducto que conduz a agos da sua nascente ás fontes [...]

A natureza do terreno da cerca de Thomar tambem não è proprio para cemiterio, porque a sua maior extensão è puramente arenoso e consideravelmente duro a menos de dous palmos de profundidade, e em alguns pontos mesmo á sua superficie; e a parte baixa suposto ter alguma terra calcarea é tão extensivamente humida no inverno e outono, que mais parece terra de lameiro, do que terra de monte.

O seu espaço também não é suficiente para os enterramentos que ordinariamente se fazem nesta cidade⁸¹.

Ora a Cerca de Thomar, excluida a maior parte do seu terreno, por ser arenoso e não fundavel, na parte restante, que á custa de muitas despezas se poderia appropriar para os enterramentos, não offerece capacidade para um cemiterio nem se quer da mais insignificante aldeia, quanto mais para o d'uma cidade, como esta.

Tenho até aqui apresentado as razões scientificas, que me levão a regeitar a Cerca de Thomar para o estabelecimento d'um cemiterio; porém a escolha da

⁸⁰ *O Observador*, nº 430. 23/08/1851. pp. 2-3.

⁸¹ "Cemitério Em Coimbra". *O Observador*, nº 431. 25/08/1851. pp. 4.

17.
Composição geológica do terreno, Conchada.



localidade para este fim não deve sò ser considerada em relação aos principios da sciencia; as conveniencias sociaes devem igualmente ser tomadas na devida consideração quando se trata d'um objecto d'estes. Não è indifferente estabelecer-se um cemiterio n'um ou n'outro lugar⁸².

Cumpre-me agora indicar o local mais conveniente, e na minha opinião o unico proprio para o estabelecimento d'um cemiterio em Coimbra.

É hoje opinião geralmente recebida n'esta cidade, que a quinta da Conchada é o local mais conveniente, e o unico que reúne todas as condições hygienicas, sem uma só desvantagem, para a fundação d'um cemiterio.

E com effeito, este local està a uma distancia razoavel, e ao norte da cidade, ficando esta por consequencia, sendo ali o cemiterio, livre da perniciosa influencia dos ventos leste, sul e oeste, impregnados das emanações cadavericas. O vento norte é o unico que depois de passar pela Conchada toma a direcção da cidade; porem este vento sêcco e fresco, ainda que infeccionado pelos miasmas septicos do Cemiterio, não a pode prejudicar de modo algum, por lhe passar sobranceiro, em consequencia da demasiada elevação d'aquelle local: e ainda que aquelle vento batesse em um ou outro ponto da cidade, como estes gazes mephiticos pela sua natureza tendem a expander-se, logo que se escapão da terra, e a elevar-se tanto mais, quanto mais rarefeita é a atmosphaera, a sua virulencia teria perdido tanto da sua força, que attendendo á elevação da Conchada e á distancia a que se acha da cidade, já nenhum prejuizo causaria aos seus habitantes.

A natureza do seu terreno composto de terra calcarea, silica e alguma argila, podendo conservar alguma humidade, sem ser excessivamente humido, é dos mais apropriados para a putrefacção dos cadaveres.

A extensão da quinta offerece todas as proporções, para que se possa construir um grande cemiterio, com a capacidade necessaria não sò para o enterramento dos obitos que houverem de ter lugar em todas as freguezias da cidade, hospitaes, e casa dos expostos, mesmo em ocasião d'alguma epidemia; mas também para uma capella, para ruas nas direcções convenientes, e para as ruas ou galarias destinadas aos tumulos⁸³.

82 "Cemiterio Em Coimbra". *O Observador*, n° 433. 02/09/1851. pp. 3-4.

83 "Cemiterio Em Coimbra". *O Observador*, n° 434. 06/09/1951. pp. 3-4.

Tem-se por ahi argumentado com a longitude e com a despesa que ha a fazer com a construcção do cemiterio n'aquelle sitio, mas ainda não vi apontar uma unica rasão scientifica, que comprove a sua impropriedade ou inconveniencia. Tem-se querido dar muito peso e valor a estas razões; mas é necessario dizer-se toda a verdade, é necessario falar-se com toda a franqueza; não tem havido vontade de que haja cemiterio em Coimbra, ou para melhor dizer, na Conchada, e eis a razão porque se não tem querido aproveitar este local.

Estabelecido que seja o cemiterio em Thomar, em Cellas, em Montarroio, ou na Conchada, tem necessariamente d'haver um ou mais carros funebres, para a conducção decente dos finados; ora havendo estes carros, ja por certo se não pode considerar longe a Conchada em relação aos pontos mais distantes da cidade.

Tambem as considerações economicas não devem servir d'embaraço para se levar a effeito esta empreza: por quanto, a camara, authorisada como ja está, para vender o extincto convento e cerca de Thomar; com o producto da sua venda só, ou com mais alguma somma, que tenha de passar em saldo para o futuro anno para e actual na importancia d'um conto de réis, tem ja cabedal suficiente para comprar ou expropriar o terreno, e lançar os primeiros alicerces do cemiterio; e as camaras futuras com uma recita livre de 3:500:000 a 4:000:000 de réis, podem applicar pelo menos dois contos de réis por anno, para a continuação das obras até à sua conclusão, sem que por isso mereçam a censura publica, pois que ninguém ignora que o cemiterios é uma das obras de primeira necessidade, que ja ha 15 annos devia por lei estar concluida.

Terminarei pelas tres seguintes proposições: não ha uma só rasão sufficiente para que se não estabeleça o cemiterio na quinta da Conchada – se o cemiterio for contruido na cerca de Thomar, será um documento de desacerto da camara que ali o estabelecer; será um padrão d'eterna vergonha para a cidade, e um insulto e escarneo para a Universidade – pelo contrario, o cemiterio estabelecido na quinta da Conchada será um monumento de gloria para o seu principal fundador, que por esta obra tão meritoria, ha de grangear os devidos louvores, e sinceros agradecimentos de toda a gente sensata desta cidade»⁸⁴.

Depois de vários anos em discussão sobre a criação e o local para construção

84 "Cemiterio em Coimbra". *O Observador*, n.º 437. 16/09/1851. p. 4.

18.

Planta Do Terreno Escolhido Para A Construção Do Cemiterio Publico Da Cidade De Coimbra -
des. Carlos Ribeiro e António Augusto da Costa Simões, s. d.



de um Cemitério, a 16 de Setembro de 1851 o *O Observador* informa que “Temos Cemiterio”, pois no dia anterior se tinha procedido *á demarcação do terreno, no alto da Conchada, para o estabelecimento do Cemiterio*, [acrescentando que] [...] *Dous de vogaes da Camara estão encarregados de contractar a expropriação e compra do local, que é a explanada mais alta da Quinta da Conchada*⁸⁵. Estes terrenos, avaliados em 900\$000 reis⁸⁶, pertenciam ao Padre Joaquim Inácio de Miranda Pio, mas *a Camara não pode ajustar amigavelmente com o Sr. Pio, o preço do local que ha de servir de Cemiterio. Vai-se portanto proceder á avaliação judicial*⁸⁷, o que contribuiu ainda mais para a demora na concretização de um Cemitério Municipal de Coimbra.

No entanto, em Janeiro de 1852 volta-se a realçar gravidade da insalubridade em Coimbra e conseqüentemente a necessidade de construir um cemitério público na cidade. São tantas as razões e de tamanha urgência que ainda se pondera estabelecer um cemitério provisório na cerca do antigo Colégio dos Jesuítas, opção posteriormente rejeitada também por razões de salubridade, espaço e acessibilidade⁸⁸. Com isto, podemos confirmar que toda a discussão e processo

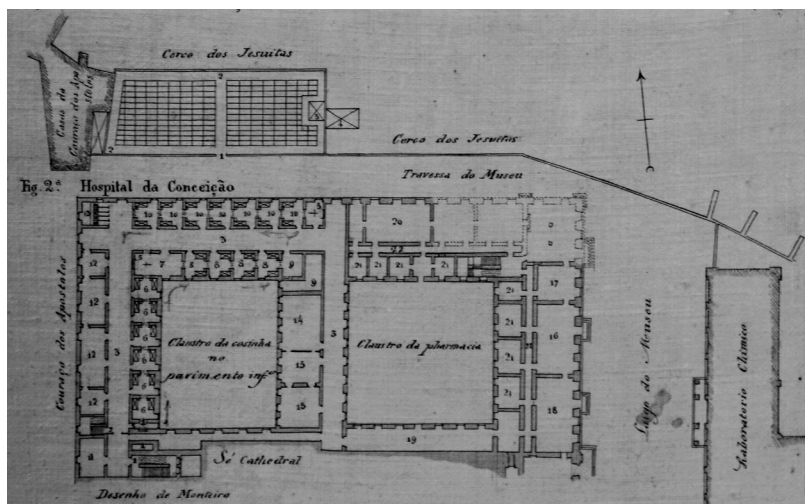
85 “Temos Cemiterio”. *O Observador*, nº 437. 16/09/1851. p. 2.

86 Cf. “Noticias Diversas – Cemiterio”. *O Observador*, nº 551. 19/10/1852. p. 4.

87 “Cemiterio”. *O Observador*, nº 465. 23/12/1851. p. 3.

88 «O cemiterio do Hospital da Universidade é hoje insufficiente para o enterramento de todos os cadaveres, sahidos annualmente do estabelecimento da Conceição. [...] A affluencia dos doentes [...], os defeitos de construcção do edificio e outras circunstancias, tudo influe, para ter augmentado muito a mortalidade no hospital da Conceição. [...] No tempo em que este estabelecimento não estava encorporado na administração da Universidade, e debaixo da direcção da Faculdade de Medicina, contava apenas 60 doentes diarios, e então era o cemiterio sufficiente, porque tinha sido delineado somente para receber cadaveres em relação áquelle numero de doentes. [...] Hoje não succede assim. Um terreno, com a superficie de 13:832 palmos, não chega para sepultar todos os cadaveres que sahem annualmente do hospital. [...] Pela lei de 1835, e regimento dos cemiterios de Lisboa de 22 de Maio de 1840, deve ter cada sepultura 9 palmos de comprido e 3 de largo; e devendo alem disto ficar separadas umas das outras palmo e meio em todos os lados, cabe portanto a cada sepultura uma superficie de 47 palmos, e assim, o actual cemiterio só tem espaço para 294. Mas não devendo repetir-se os enterramentos na mesma sepultura, se não passados 5 annos, não devem enterrar-se no actual cemiterio mais do que 58 cadaveres cada anno. [...] se tem aberto sepulturas d’um anno ou pouco mais!.. [...] Este facto deploravel, junto á má collocação do cemiterio, debaixo mesmo das janellas do hospital, talvez tenha sido uma das causas da insalubridade de Coimbra, e da maior mortalidade que nestes ultimos annos tem havido dentro do hospital da Conceição.[...] Cumpre por tanto, remediar sem demora este abuso, e transferir para outro local o cemiterio do hospital. Os Lentes Directores da Faculdade de Medicina pediram providencias ao Prelado da Universidade, o qual immediatamente fez convocar os concelhos das duas Faculdades de Medicina e Philosophia. [...] Tiveram com effeito logar as congregações extraordinarias das duas Faculdades, e resolveu-se que uma commissão mixta fôse examinar, se na cerca do extincto Colegio dos Jesuitas, hoje pertencente á Faculdade de Philosophia, se podia ou não estabelecer um cemiterio provisorio, enquanto se não contruia o cemiterio geral da Cidade. A dita commissão procedeu com effeito no dia 27 ao mencionado exame, e todos facilmente se convenceram, dos inconvenientes

19.
Antigo Hospital da Conceição: cemitério, 1857.



relacionado com o cemitério implicou e envolveu todos os habitantes e entidades presentes na cidade, chegando à conclusão de que a Conchada seria, sem dúvida, o local mais apropriado. Assim, ainda em Janeiro de 1952, benzeu-se o local *e se procedeu a todos os arranjos, para hoje lá se começarem os enterramentos*⁸⁹.

Apenas um mês depois, *Os Srs. Dr. Simões, Oppositor em Medecina, e Carlos Ribeiro, Official Engenheiro [...] [são indicados como responsáveis do levantamento da] planta do terreno destinado ao cemitério e das estradas que a ele conduzem*⁹⁰. São também elaborados dois projectos para o cemitério, sendo que o primeiro é da autoria do Doutor Augusto da Costa Simões⁹¹, acima referenciado.

Não existe nem é conhecida uma memória descritiva que fundamente as

de tal local, destinado para cemiterio. [...] Em primeiro lugar, a cerca do Collegio das Artes pertence hoje á Faculdade de Philosophia, e está annexa a um dos seus mais importantes estabelecimentos, o Laboratorio Chimico. Em segundo lugar é um terreno improprio para cemiterio, porque nem tem as devidas proporções d'argila, areia e calcareo, necessarias para tal fim, e alem disto é muito humido, baixo, com grande declive, e devassado, tendo parte dos seus muros destruidos. A tudo isto accresce, offerecer uma pessima serventia, porque é necessário descer por muitos lances d'escadas, desde o pateo do laboratorio até á rua principal da cerca, e ser preciso destruir parte d'uma formosa e antiquissima matta, que orna sitio tão melancholico e tão poetico. Depois de todas estas averiguações, o digno prelado da Universidade, e os zelosos Lentes Directores da Faculdade de Medicina, tem empregado todas as diligencias para aranjear um local, que possa servir de cemiterio provisorio do Hospital.

Tem sido lembradas, a igreja e claustro do Convento de Thomar, de S. Bento, cerca de S. Jeronimo, &., mas afinal assentou-se, que se aproveitasse desde já o terreno da Conchada, destinado para cemiterio geral da cidade» O Cemiterio". *O Observador*, nº 476. 31/01/1852. p. 3.

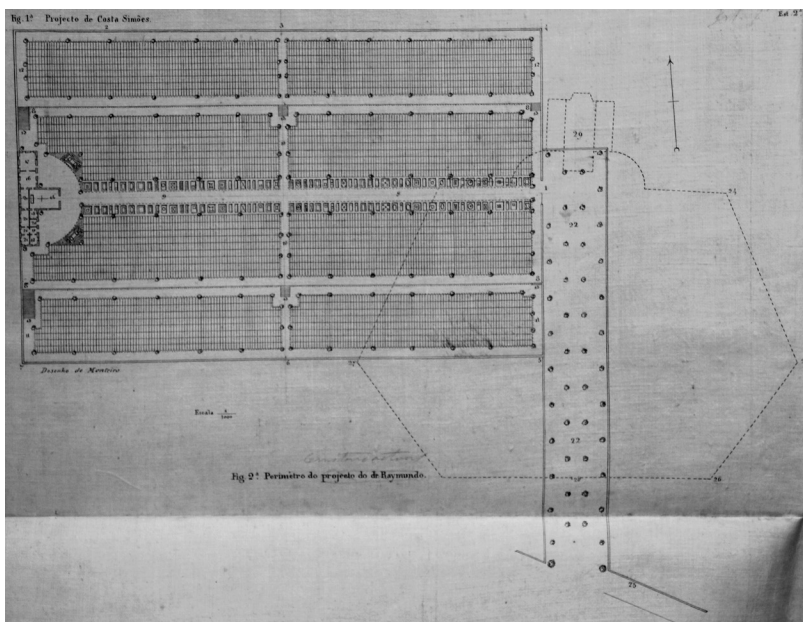
89 *Id.*, *ibid.* p. 3.

90 "Noticias Diversas – Cemiterio". *O Observador*, nº 483. 24/02/1852. p. 3.

91 Costa Simões foi uma personalidade rica e de grande vulto, cuja obra, actividade científica e académica contribuiu para a Cidade de Coimbra. Foi licenciado pela Faculdade de Medicina da UC e responsável por diversas reformas naquela licenciatura. Foi, também professor, escritor, investigador e político. «[...] a partir de 1853, que CS inicia os estudos da matéria que viria a ser a sua grande paixão da vida e que o tornou, na época, o maior, e talvez o único, especialista em Portugal e um dos mais reputados da Europa, que foi a das "construções e regime sanitário e administrativo dos hospitais", tema que viria a ocupar o grosso de todas as suas publicações científicas [...]. Foi, nesta altura, que se começaram a desenrolar, embora a título provisório, as primeiras obras de reconstrução dos Hospitais da Universidade de Coimbra, nas antigas instalações dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes e dos Militares, e logo CS começou a esboçar os seus projectos de reconstrução, depois emendados após a sua 1ª visita de estudo à Europa e depois de ser nomeado administrador dos aludidos hospitais em 02.07.1870, lugar que viria a ocupar até pedir a demissão, 16 anos depois, em 06.05.1886. [...] Em 1885, aparecem os primeiros indícios da "colera-morbus" em Portugal, [...] e logo CS faz um estudo pormenorizado e científico sobre a matéria e manda autopsiar todos os indivíduos falecidos nos hospitais. Por isso, foi nomeado, pelo governo, director do Hospital dos Coléricos, conhecido pelo Hospital da Conceição, e, quando se ocupava de tal missão, em Novembro desse ano, é surpreendido com a sua eleição para presidente da CM de Coimbra, lugar que ocupou de 01.01.1856 até 31.12.1857, precisamente durante dois anos. [...] Apesar de curta a sua gerência naquele cargo, foi das mais brilhantes do município de Coimbra, principalmente nos domínios da saúde pública, onde alterou o regime dos enterramentos dos mortos e deixou as bases para a construção dos cemitérios da cidade, a ele se devendo concretamente a construção do cemitério da Conchada. [...] Em 02.07.1870 foi nomeado administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra». SALGADO, Nuno - *Prof. Costa Simões, o Homem e a Obra*. In <<http://www.cm-mealhada.pt>>.

20 e 21.

Projecto do Cemitério e pormenor da Capela - des. Costa Simões, 1857 (ver anexo IV, folha n.º 1 e 2).



morfologias, implantações, orientações e outros conceitos de ambos os projectos, cujo estudo aprofundado se pode revelar bastante interessante.⁹²

Sendo assim, no primeiro desenho, o cemitério é rectangular e orientado horizontalmente, sendo perceptível simetrias perpendiculares convergidas no centro da planta. No limite Este encontra-se a Entrada Principal, que, através de um caminho acompanhado por mausoléus de ambos os lados, permite um contacto visual directo com a Capela, posicionada na extremidade oposta. Aqui seria possível vivenciar uma *promenade architecturale* melancólica, quer pela função do próprio espaço, quer pela importância e monumentalidade atribuída a este caminho que vai desde a entrada até à Capela, atravessando todo o cemitério no seu comprimento. A linha de simetria vertical é identificável no caminho que dá acesso às sepulturas que se encontram por trás dos mausoléus e a um outro tabuleiro de sepulturas, que se encontra a um nível superior ao da entrada.

O edifício da Capela é organizado em “T”. A capela localiza-se num corpo central e destacado, que ao ser atravessado dá acesso ao resto dos anexos distribuídos perpendicularmente, sejam eles a casa mortuária e a casa de *dissecções*, a sacristia, casa de ferramentas e escritório e a habitação do guarda.

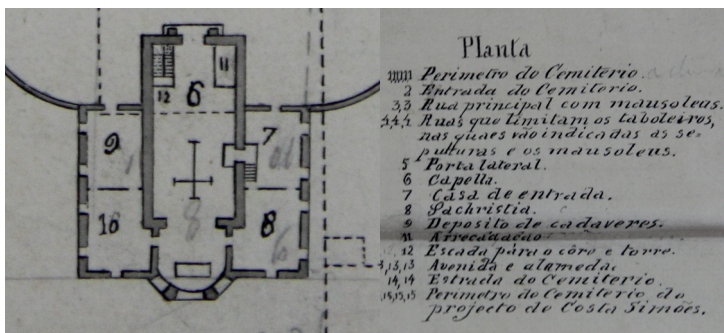
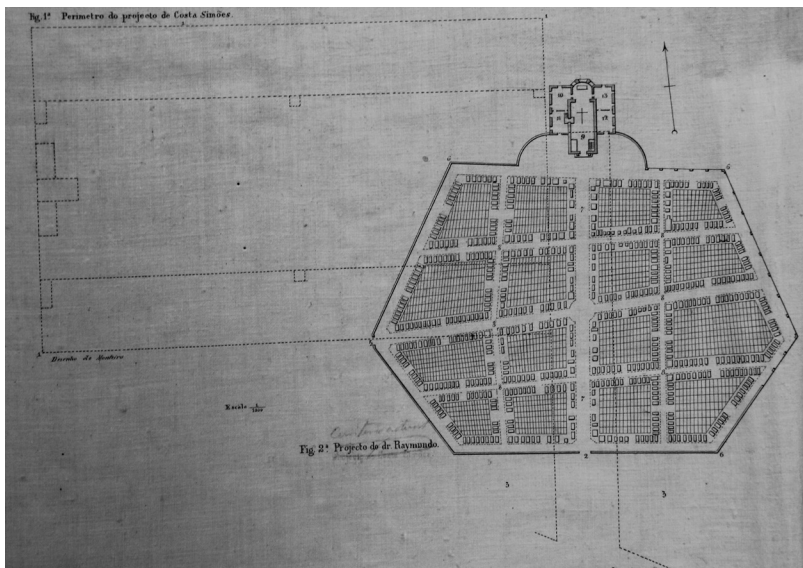
O outro projecto foi elaborado pelo Doutor Raimundo Venâncio Rodrigues, também médico e matemático, cujo projecto foi executado e é ainda hoje identificável, pouca ou nenhuma semelhança tem com o anterior. Apenas se reconhece perfeitamente que se passa de um desenho regular e limpo para uma disformidade irregular.

Para começar, a implantação do cemitério actual é ligeiramente mais a Este que o estudo prévio. A sua forma é hexagonal e o caminho que vai da Entrada à

92 Há umas noções em relação às exigências dimensionais. Tendo em conta *O Observador*, «Cada sepultura deve ter nove palmos de comprimento, tres de largura, e cinco de profundidade, e devendo pela lei de 21 de setembro de 1833 ficar distantes umas das outras com espaço de palmo e meio por todos os seus lados, teremos que a cada sepultura deve pertencer um espaço de 47 palmos quadrados e dua pollegadas [...] o espaço indispensavel para o enterramento d’elles deve ser uma superficie igual a 47 palmos quadrados e duas pollegadas, espaço pertencente a cada sepultura, multiplicados por 5, numero d’annos necessario à completa decomposição dos cadaveres, e o seu producto multiplicado por 339, numero d’Obitos que ha ordinariamente se enterrão por anno em todas as igrejas da cidade» (“Cemitério em Coimbra”. In *O Observador*, nº 431. 25/08/1851. p. 4); «[...] mas tambem n’aquelle calculo não faço comprehender o espaço que deve ser destinado aos tumulos e mausoleos; o espaço que deve ser destinado a uma capella; o espaço que deve ser destinado às ruas; o espaço para os fallecidos nos hospitaes e casa dos expostos; o espaço finalmente com que se dece contar para os casos extraordinarios d’alguma epidemia: por consequencia uma superficie de 80.512 palmos quadrados è o espaço strictamente necessario só para os enterramentos feitos nas igrejas da cidade» (“Cemiterio em Coimbra”. *O Observador*, nº 433. 02/09/1951. pp. 3-4).

22 e 23.

Projecto do Cemitério e pormenor da Capela - des. Dr Raymundo, 1857 (ver anexo IV, folha n.º 3).



Capela, embora também seja central, é rodado a 90°, ficando a Capela orientada a Norte do cemitério. Esta linha vertical continua a marcar uma certa simetria, embora apenas em relação ao seu limite exterior, pois passa a haver uma malha irregular formada por caminhos que atravessam o cemitério. Desta trama, aqui nivelada em somente uma plataforma, resultam pequenos grupos disformes de sepulturas rodeados por mausoléus. Assim, estes mausoléus deixam de estar colocados apenas ao longo do caminho principal, perdendo este a importância que a exclusividade dos mausoléus lhe davam, podendo a hierarquia dos espaços e caminhos passar a ser atribuída pelas diferentes larguras com que são desenhadas.

A Capela tinha um acesso lateral, para além da entrada principal com casa de entrada, e era composta por sacristia, depósito de cadáveres, casa de disseções, arrecadação, escada para o coro e torre.

Ainda em 1852, é também publicada a autorização de venda da *Cerca do extinto Collegio dos Freires da Ordem de Christo (Cerca e Convento de Tomar)* pela Rainha D. Maria II com a obrigação de que as *quantias provenientes desta venda serão exclusivamente applicadas [...] à aquisição d'outro terreno para o cemiterio publico, e ás demais despesas do seus estabelecimento [...]*⁹³. Mas, [...] *estando o dinheiro em deposito, as expropriações concluidas, a planta levantada, e todo o processo terminado [...]*⁹⁴, o mesmo jornal, a Julho de 1852, continua a insistir em questionar publicamente a câmara sobre o porquê da demora das obras do cemitério, sendo que as mesmas são concluídas em 1860, sendo o Cemitério Municipal da Conchada inaugurado a 1 de Outubro do mesmo ano⁹⁵.

Com a existência do cemitério tornou-se necessário fazer os seus acessos, sendo que *O único caminho antigo de acesso à Conchada, do lado da cidade era a Azinhaga do Carmo*⁹⁶. Em 1852 tinham sido cedidos, pelo governo à Câmara Municipal de Coimbra, terrenos para este fim⁹⁷, por isso, deu-se *A abertura da Rua Ocidental de Montarroio [actual Rua de Saragoça], no meado do século XIX, para dar acesso fácil para a construção do Cemitério da Conchada, [e criou-se]*

93 “Alvará”. *O Observador*, nº 481. 17/02/1852. p. 2.

94 “Noticias Diversas – Cemiterio”. *O Observador*, nº 526. 24/07/1852. p. 3.

95 Cf. “Noticias Diversas – Cemiterio”. *O Conimbricense*, nº 698. 02/10/1860. p. 2.

96 LOUREIRO, José Pinto – [Op. cit.]. Vol. I. p. 100.

97 Cf. “Noticias Diversas – Concessão”. *O Observador*, nº 560. 23/11/1852. p. 4.

24.
Sepulturas rodeadas por mausoléus.



25.
Mausoléus com o jazido dos Condes do Ameal ao fundo.



*simultâneamente a melhor via de acesso para Montes Claros e para Celas*⁹⁸. Em 1860 [...] a Ordem Terceira obteve a cerca do extinto Colégio do Carmo, menos a parte necessária para a estrada projectada da Azinhaga do Carmo ao cemitério da Conchada⁹⁹, sendo que em 1862 [...] denominou-se Rua do Cemitério à via de comunicação de Montarroio com o Cemitério [...] ¹⁰⁰, que iniciava nas Almas da Conchada.

A partir daqui, o cemitério distinguiu-se pelas individualidades que ali repousam, mas também se destacou no âmbito da arquitectura funerária pela quantidade, diversidade e originalidade dos jazidos ali presentes. Estes são considerados *autênticas obras de arte* [...] [de pedra e ferro feitas nas] *oficinas da Cidade* [de onde] *saíram inúmeros trabalhos de influências neomanuelinas e neorenascentistas, marcando a corrente e linguagem revivalista surgida na época em Portugal*¹⁰¹. Destacam-se, sobretudo, as obras de João Machado e o jazido neogótico dos Condes do Ameal.

Por isto tudo, o Cemitério Municipal da Conchada é um elemento de referência na cidade apesar dos outros cemitérios locais (Santa Clara e Santo António dos Olivais), mas também, um dos elementos mais identificativos da Conchada, sendo que a construção do Cemitério marca o início da urbanização da zona, passando a integrar o desenho da cidade.

98 LOUREIRO, José Pinto - [op. cit.]. 100.

99 *Id.*, *ibid.* p. 35.

100 Em 1955 passou a denominar-se Alameda da Conchada. Cf. *Id.*, *ibid.* p. 36.

101 “Cemitério da Conchada”. In <http://www.freguesiadesantacruz.eu/home.php?t=td1&c=1&mostra_c=sim&sc&cc=30>.

26.

Planta da Quinta do Pio pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, 1908 (ver anexo II folha n.º 1).



Evolução urbana

1865 - 1940

A 31 de Março de 1865 faleceu o Padre Joaquim Inácio de Miranda Pio, dono e morador na Quinta da Conchada, em Coimbra, que fez *sua herdeira e testamenteira a Santa Casa da Misericórdia desta a cidade, que receberá, e fará as despesas de todos os meus legados, e de todas as mais para a Quinta se tornar usar atravessadouro*¹⁰², como uma fonte de sustento do Colégio dos Órfãos. Há a referir, contudo, que a Casa da Quinta (que se julga ser o que mais tarde é referido como o “Casarão”) terá sido deixada por usufruto à sua criada Ana da Silva, sob determinadas condições, e um olival dentro da mesma terá sido deixada a Joaquim dos Santos, a quem foi incumbida a fiscalidade, cobrança e entrega das rendas da Quinta à Misericórdia¹⁰³.

A Santa Casa da Misericórdia de Coimbra¹⁰⁴ é, por este e por outros processos, proprietária de imensos terrenos em Coimbra, de tal forma que, de acordo com Maria Antónia Lopes, era uma das mais ricas do país. Esta autora afirma que *nos finais do século XIX só sete Misericórdias ultrapassavam a receita*

| 73

102 *Testamento com que faleceu o benfeitor Padre Joaquim Inácio de Miranda Pio*, 1865. p. 2.

103 A Santa Casa da Misericórdia é uma das principais confrarias cuja intervenção principal se faz ao nível da assistência/solidariedade tendo como objectivo levar à prática todas as obras de Misericórdia corporais e espirituais. Fazem parte das suas atribuições: ensinar os mais desfavorecidos; acolher os vadios, orientando-os no sentido de procurarem/obterem trabalho; visitar os doentes, os presos, os condenados; acompanhar funerais e mandar rezar missa por alma dos defuntos; reconciliar os inimigos; dar roupa aos doentes, aos pobres e aos presos; distribuir esmolas, em especial de comida; recolher órfãos e criar também asilos para idosos; curar os doentes em casa e, seguidamente, em hospitais, entretanto fundados, sendo esta a dimensão que lhe deu mais poder e prestígio. Esta irmandade foi criada, em 1498, por D. Leonor (1458-1525), esposa do rei D. João II (1455-1495), em Lisboa, e dela emanaram todas as outras Misericórdias do país. Segundo Quelhas Bigotte «o desenvolvimento extraordinário das Misericórdias não pode explicar-se senão porque se tratava de uma associação religiosa e de caridade que calou fundo na alma cristã do povo português». BIGOTTE, J. Quelhas - “Misericórdia”. In AA. VV. - *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Vol. XIII. cc. 891-892.

104 A Santa Casa da Misericórdia de Coimbra foi fundada em 1500 e a sua história está marcada pela história do próprio país, sendo ela expressão das sucessivas lutas pelo poder levadas a cabo por várias classes sociais, pois, «depois de 1834 todos os provedores são produzidos na Universidade [...] e congregam-se em partidos políticos, em cliques locais, na maçonaria entre 1834 e 1873, na militância católica nos últimos decénios do século XIX e inícios do seguinte», tendo sido o próprio António de Oliveira Salazar, em Março de 1922 provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra. SÁ, Isabel dos Guimarães e Lopes, Maria Antónia - *História Breve das Misericórdias Portuguesas 1498-2000*. pp. 92-93.

*anual de 20 milhões de reis. Eram essas as grandes Casas: Porto, Ponta Delgada, Viseu, Évora, Coimbra e Guimarães*¹⁰⁵.

Assim, sendo a SCMC a proprietária dos terrenos da Quinta do Pio, sabe-se que esta foi responsável por explorações na pedreira¹⁰⁶ mas, de resto, supõe-se que estes tenham ficado abandonados até ao fim do século XIX com o *nascimento espontâneo e a uma velocidade incontrolável de bairros de lata*¹⁰⁷. Não há, dentro do que foi possível investigar, vestígios físicos ou pictóricos ou fotográficos desde essa fase de ocupação e do tipo de edificado aí existente até hoje . O que existe são testemunhos como o de Frederico Natividade. Salvaguardando-se algum anacronismo, pode-se imaginar o que Frederico Natividade afirma, ou seja, que “*o bairro de lata era lá em baixo onde era a padaria no largo da Conchada. Aí é que a gente vivia. [...] Aquilo era fechado e tinha um portão mesmo onde era a padaria. E depois era esse terreno todo ali para dentro. Era tudo cheio de barracas. [...] O resto era tudo barracas por ali acima e por ali fora*”¹⁰⁸.

Entretanto, [...] a Câmara deliberou mandar levantar a planta de uma estrada que partisse da Cruz de Celas e terminasse às Almas da Conchada¹⁰⁹, desencadeando, entre 1902 e 1904, um processo de construção da Rua de Montes Claros, actual Rua Dr. António José de Almeida.

Entretanto, é perceptível uma intenção por parte da CMC de ampliar o cemitério, e um interesse da SCMC de construir outro. Como é referido por Costa Roxo, o novo cemitério assentaria *no seu maior comprimento nos terrenos da mesma Misericórdia. [...] É certo que, pelo estabelecimento do novo Cemitério, seu caminho de acesso e mudança da casa dos coveiros do Cemitério Municipal, terá a Misericórdia que ceder o recinto do novo Cemitério e nova situação da casa e recinto para os coveiros municipais a superfície de 3.098m²,18 de terreno, que além do indispensável para o caminho d’acesso ao Cemitério, casa e recinto para os coveiros municipais será o resto da superfície destinada a ajardinamento*

105 *Id.*, *ibid.* p. 83.

106 Deliberações feitas pela Câmara em 1885 e 1929 Cf. LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. I. p. 366; LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. II. p. 64; vários documentos presentes no Arquivo da SCMC.

107 OLIVEIRA, José - *O SAAL e o Movimento de Moradores em Coimbra*. p. 8.

108 *Id.*, *ibid.* p. 93.

109 LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia De Coimbra*. Vol. I. p. 101.

arborizado. [...] Na superfície de 3.098m²,18 acima indicada-está incluída como já se disse a de 567m²,09 para a casa e seu recinto de coveiros municipais, sendo portanto de 2.531m²,09 a superfície destinada ao caminho d'acesso e recinto do novo Cemitério, mas estando incluída n'esta superfície 222m² de terreno proveniente de parte da faixa de terreno que o Município possui em volta do Cemitério Municipal. [...] Atendendo porém, á nova directriz para a entrada do Cemitério Municipal, caminho d'acesso ao novo cemitério, recinto para este e mudança das casas dos coveiros municipais, parece-nos de toda a conveniência que a estrada ou caminho actual para o Cemitério, fôsse corrigida a sua directriz entre as Almas da Conchada e o comêço do recinto para o Cemitério da Misericórdia e elevar a largura a 10m² por a largura da actual entrada ou caminho (6m,0) se reconhecer insuficiente para o tranzito de veículos¹¹⁰.

Assim, em 1918, pela SCMC é feita uma escritura em que a Santa Casa da Misericórdia cede gratuitamente à Câmara Municipal de Coimbra seis mil metros quadrados de terreno da sua Quinta da Conchada, suburbios desta cidade, o qual terreno fica contiguo no Largo público que dá entrada para o Cemitério Municipal e do mesmo Cemitério pelo lado nascente, sendo esta cedencia feita com [algumas] clausulas e condições¹¹¹. Nestas condições constava a construção de um Cemitério privativo da Misericórdia para enterramentos dos irmãos e benfeitores da SCMC num terço daquele terreno, cujas despesas de terraplanagem, de vedação, arruamentos e conservação seriam a cargo da Misericórdia, e em que o terreno seria delimitado de maneira a distinguir os dois espaços; a existência de uma margem de terreno com quatro metros de largura junto aos muros de vedação pertencente ao Município; se em algum tempo fôr mudado o cemitério publico para outro local, o Município é obrigado a ceder gratuitamente [...] dois mil metros quadrados de terreno para o cemitério privativo da Misericordia¹¹² assumindo os respectivos custos, e passando o terreno ocupado pelo antigo cemitério privativo para a posse do Município.

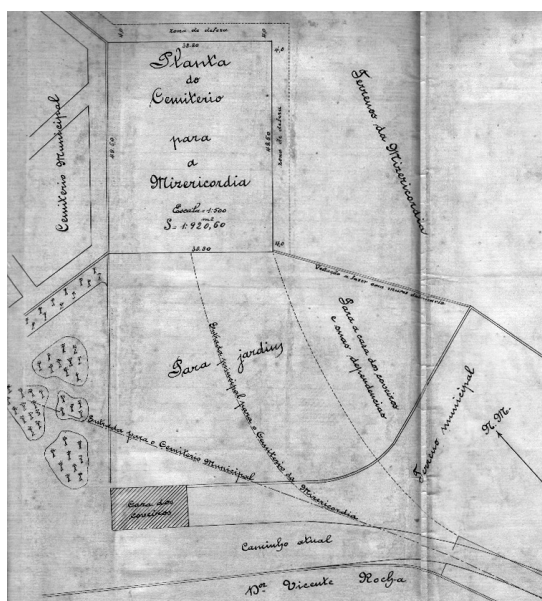
110 ROXO, António da Costa – Documento sobre o novo cemitério da Misericórdia, 1917. fl.1-2.

111 “Cópia - Escritura de cedencia de seis mil metros quadrados de terreno, que faz a Santa da Misericordia desta cidade à Câmara Municipal de Coimbra”, 1919. fl. 2-3.

112 *Id.*, *ibid.* fl. 5.

27.

Planta do Cemiterio para a Misericordia - des. António da Costa Roxo, 1917 (ver anexo IV, folha n.º 4).



Para este cemitério privativo chega a ser realizado um projecto da autoria de António da Costa Roxo que *constitui os elementos mais essenciais para a construção de um Cemitério – privativo – para a Misericórdia de Coimbra. O fim a que se destina este Cemitério, é a melhor justificação que se lhe pode fazer, sendo dignos dos maiores elogios aqueles que de tal melhoramento se lembram e os que para a realização das obras contribuam. [...] para a construção de um aqueducto que será construído junto ao muro do Cemiterio Municipal, com o fim de dar esgoto às águas pluviais, que já agora ali passam e que depois de construído o Cemiterio da Misericordia não é facil desviar-lhe a sua corrente. [...] Projectamos sobre a cortina que deve delimitar o cemiterio, um grandil de tijolo de bicos, attendendo ao elevado custo de uma grade metalica na presente ocasião. [...] de um portão e portas metálicas, do que – brevemente - apresentaremos o respectivo projecto. [...] podendo já dizer-se que, sendo o terreno bastante fertil com calhau rolado, necessario se torna a sua escolha, tanto nas terras do desmonte como nas de emprestimo, portanto, umas e outras, são destinadas ao terraplano do local onde terão de ser abertas sepulturas, devendo os trabalhos de escolha de pedra, ser pagos por esta verba. [...] As alvenarias em fundações dos muros, serão feitas com argamassa hydraulica para – rapidamente se obter a consolidação dos alicerces. As terras d’emprestimo necessarias para a regularização do Cemiterio, serão cortadas na zona de defesa e em linha paralella ao mesmo Cemiterio. A cantaria a empregar no portão e capeamento da cortina, será d’Outil; a cal commum será de Penacova e a hydraulica do Cabo Mondego. A pedra para alvenarias, será extraída dentro da Quinta da Misericordia, a nascente das barracas dos fogueteiros, ou n’outro qualquer porto dentro da mesma Quinta se a que indicamos não merecer aprovação*¹¹³.

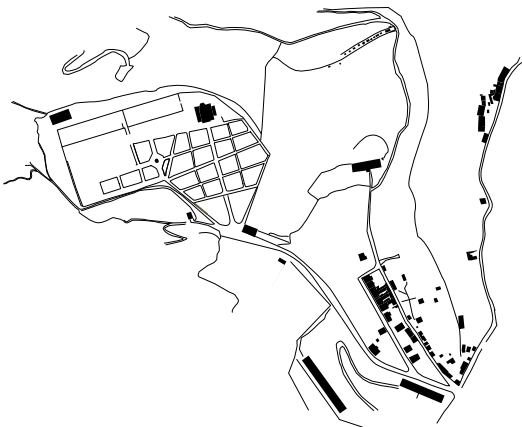
No entanto, julga-se que este projecto nunca tenha sido realizado.

Aliás, é perceptível pela planta dos irmãos Goullard de 1873 (ver anexo I, folha n.º 2), que o primeiro cemitério partiu apenas do projecto do Doutor Raimundo, e das as fontes analisadas ficou-nos a incerteza de tal ideia para acrescentar a essa construção tenha sido efectivamente posta em prática. Mais, na planta de 1934, o cemitério já aparece com um acrescento, mas, embora sem se

113 “Memoria”. In ROXO, António da Costa - *Projecto para o Cemiterio da Misericordia*, 1917. fl. 1-2.

perceber o como nem quando, esta não é identificável com o descrito anteriormente. Depois disto o cemitério ficará durante largos anos inalterável na sua dimensão formal, apenas sofrendo mudanças internas devido à sua constante ocupação.

28.
Interpretação da densidade urbana no início dos anos 40 (ver anexo II, folha n.º 2).



Evolução urbana

1941 - 1960

Até aos anos 40, a mancha urbana predominante na Conchada é preenchida pelo Cemitério Municipal e pelo bairro de lata - Bairro da Conchada -, sendo que estes conceitos são, ainda hoje, os mais identificativos da zona. Frederico Natividade explica que “*Aí é que a gente vivia. Eu nasci ali. Trinta e duas famílias. [...] Era tudo cheio de barracas. Só se ia para o cemitério mais nada*”¹¹⁴. No entanto, esta década marcou o início de sucessivas tentativas de intervenção urbana, nomeadamente na reconstrução deste bairro.

*Em 25-V-1944, deliberou a Câmara Municipal dar a denominação de Rua de Frei Tomé de Jesus (Escritor do século XVI) à rua «que se principiou a abrir desde o Rego de Benfins na direcção de Celas»*¹¹⁵.

*Em 8-IX-1955, a Câmara Municipal deliberou que passasse a denominar-se Rua Guilherme Gomes Fernandes a rua B do Bairro da Conchada, em virtude de ter desaparecido a Rua da mesma denominação*¹¹⁶.

Assim, entre 1941 e 1944, a zona foi alvo de implementação da política Salazarista que através do município *procurou construir um bairro social na Conchada*¹¹⁷ para alojar famílias pobres e substituir as barracas de lata ali existentes.

Para isto, a SCMC cedeu amigavelmente à CMC cerca de 15.000 m² de terreno situado no Alto da Conchada, *sendo [3,588 m²] destinados à abertura de uma rua e os restantes [11.785 m²] destinados à construção de um bairro de casas para famílias pobres, oferecendo a Câmara, como compensação o compromisso de fornecer, gratuitamente, em cada ano, à mesma Santa Casa da Misericórdia água*

114 OLIVEIRA, José - *O SAAL e o Movimento de Moradores em Coimbra*. p. 93.

115 LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. vol. I. p. 387.

116 *Id.*, *ibid.* p. 402.

117 ROSMANINHO, Nuno - *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. p. 100.

29.
Obras no "Casarão".



e energia eléctrica até ao montante de [4.000] escudos¹¹⁸.

Assim, *tiraram as barracas todas*¹¹⁹ e as famílias passaram a ficar alojadas provisoriamente no “Casarão”, designação popular atribuída ao *prédio de habitação denominado Casa da Quinta* [localizado na Quinta da Conchada, também pertencente à Misericórdia] *que se compõe de rés de chão (29 divisões) e 1º andar (24 divisões)*¹²⁰, e que se julga ter ficado abandonado até então.

Frederico Natividade relata a degradação dessa estrutura, afirmando em entrevista que *“tiveram que acabar de pôr as paredes no ar. Quando deitaram a Alta abaixo, a pedra e as madeiras das demolições vieram de lá para aqui. Não tinha telhado nem nada. Fizeram um telhado em que uma parte era telha, e outra era dessas folhas de zinco. Mas quando havia muita ventania, aquilo, como era pregado em madeira, abanava tudo. Uma vez levantou-se o telhado todo, chamámos os bombeiros cá, e eles viram este ambiente assim, passámos a ir à Câmara muitas vezes, e então eles começaram a pensar em fazer as casas para a gente. Mais tarde, passado uns vinte anos, então é que vieram pôr lá um telhado do género dos que se põem nos pavilhões”*¹²¹.

Assim, depois do *terreno comprado, as pessoas desalojadas e as barracas deitadas abaixo*¹²², o município procedeu à *construção de duas casas, concluídas em Setembro de 1942, mas deixou sem continuidade o resto do empreendimento, por dificuldades financeiras. A Câmara Municipal não dispunha então de verbas suficientes para encetar um projecto alargado de habitação económica*¹²³. Em outros grandes centros urbanos já havia muitas moradias a serem construídas, mas ainda eram muitas as famílias que aguardavam *a construção de novos bairros, ansiosos por possuírem a sua moradia, o seu lar*¹²⁴, o que acontecia com as famílias do Bairro da Conchada que viram as suas casas serem destruídas, tendo que acabar por ficar a morar no “Casarão” indefinidamente.

118 *Escritura da cedência de um lote de terreno à Câmara Municipal, na Quinta da Conchada para a construção de um Bairro para famílias pobres*, 1941. p. 1.

119 OLIVEIRA, José - [Op. cit.]. p. 93.

120 Cadastro dos bens das instituições particulares de assistência, Santa Casa da Misericórdia – Coimbra, 1989.

121 OLIVEIRA, José - [Op. cit.]. p. 93.

122 *Id.*, *ibid.* p. 93.

123 ROSMANINHO, Nuno - [Op. cit.]. p. 98.

124 Decreto-Lei n.º 33 278, 24 de Novembro de 1943.

30 e 31.
Portas de entrada para o edifício do Colégio, e as traseiras vista de Montes Claros.



Ainda integrado nestas políticas de habitação que iam sendo decretadas na década de 40, instalou-se, em 1944, num grande edifício localizado perto do bairro de lata, o Colégio de São José da Conchada pertencente à Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. O Colégio foi criado segundo os lemas programáticos da congregação, “*fazer o bem sempre e onde seja possível, com o objectivo principal da santificação dos seus membros e em segundo lugar a educação religiosa e civil da mocidade e de todas as obras de caridade*”¹²⁵. Embora tenha sido fundado em Novembro de 1922, só abriu portas na Rua Frei Tomé de Jesus, na Conchada, em 1944, *depois de curtas passagens* [pelo Penedo da Saudade (1922)], *pela Rua Alexandre Herculano (1923), Pátio de Castilho (1925), Arco de Almedina (1926), Bairro de S. José (1929), de novo Penedo da Saudade (1931) e Rua da Ilha (1933)*¹²⁶.

Enquanto sediado no palácio dos Grilos, o Colégio de São José começou a ter mais alunos e conseqüentemente pouco espaço para estes e por isso sentiu necessidade de se expandir. Nessa altura estavam a ser construídos conjuntos de edifícios na Rua Frei Tomé de Jesus. Por isto, o Colégio aproveitou ainda a fase inicial de construção para acordar com a Previdência Portuguesa a cedência de dois deles (a cuja propriedade ainda pertencem). Assim, o projecto de dois prédios de apartamentos foi ligeiramente adaptado para permitir albergar um colégio em regime de internato (inicialmente só de raparigas). Aliás, ainda hoje é perceptível esta dimensão habitacional do projecto, pois apesar de todas as obras feitas posteriormente, a fachada e a estrutura mantiveram-se intactas. É identificável a composição do edifício por dois blocos simétricos unidas por um telhado contínuo e um muro que a envolve. Aqui existe um portão colocado centralmente, onde se acede inclusivamente a “duas portas” de entrada. Interiormente, existe, também duplicadamente, uma caixa de escadas de acesso aos restantes pisos e colocada no alinhamento da porta, embora em nenhum pisos a passagem de um “bloco” para o outro esteja impedida, gerando grandes corredores. Assim, o edifício é composto por dois andares acima e um andar abaixo do piso de entrada. Existem ainda nas traseiras e no exterior, dois espaços infantis, dois campos polivalentes, um campo

125 “História”. <<http://www.dominicanas-scs.pt/congregacao/dominicanas>>.

126 *Ibid.*

32 e 33.
Interiores do Colégio.



de basquetebol e um ginásio, distribuídos por níveis que acompanham o exagerado declive do terreno. Sendo que o Colégio acolhe valências que vão da creche e pré-escolar ao 9º ano de escolaridade (2º e 3º ciclo), num total de cerca de duzentos e trinta alunos e quarenta funcionários, as instalações permitem a distribuição de muitas salas para aulas, actividades específicas, para o descanso das crianças da creche, assim como um refeitório, enfermaria, biblioteca, capela e dormitórios.

Deduz-se que, entretanto, em 1949, a SCMC tenha pretendido construir um conjunto de habitações para alojar pessoas que viviam nos lotes do bairro de lata, entretanto vendidos, pois são conhecidas diversas propostas de projectos, para 42 e para 30 habitações. Pelo menos é assim descrito na memória do primeiro projecto, *o estudo a que obedeceu este projecto foi baseado não só, atendendo à questão económica como também à falta de tempo de que a Misericórdia dispõe para a execução da obra, pois que devido à venda dos lotes do terreno onde estava instalado o Bairro das Latas, motivou o desalojamento de muitas famílias que se encontram portanto sem abrigo*¹²⁷.

Sabe-se ainda que, entre 1948 e 1952, se construiu *um pequeno bairro de vinte moradias na Quinta da Misericórdia (Conchada), inaugurado oficialmente em 2 de Maio de 1954 no âmbito das «comemorações da entrada do Professor Oliveira Salazar para o Governo da Nação»*¹²⁸. Julga-se que estas casas foram construídas pelo regime das Casas de Renda Económicas que muito basicamente se resumia ao seguinte: *os bairros de casas económicas eram compostos de habitações unifamiliares, de um ou dois andares, independentes ou geminadas, cada uma com o seu próprio jardim. Estes bairros eram construídos directamente pelo Estado e destinados a funcionários públicos ou a trabalhadores filiados nos sindicatos nacionais patrocinados pelo regime. As casas eram pagas em prestações mensais ao longo de um período de 25 anos, findos os quais se tornavam propriedade da família*¹²⁹.

127 Topográfica Constructora – “Memória Descritiva e Justificativa do projecto e da construção de quarenta e duas casas (42) de habitação tipo económico a construir na Quinta da Misericórdia”. *Projecto para a Construção de 42 Moradias Económicas a Edificar no Alto da Conchada da Misericórdia de Coimbra*. 1949.

128 ROSMANINHO, Nuno – “Coimbra no Estado Novo”. In *Evolução do Espaço Físico de Coimbra: exposição*. p. 10; Cf. *O Despertar* de 23/01/1944 e *Diário de Coimbra* de 15 e 16/06/1952.

129 TEIXEIRA, Manuel C. - *As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940*. p. 79-80. In OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque Oliveira - *HE-FCP - Casas de Renda Económica*. p 63.

34 e 35.
Centro Operário Católico.



Para além da estrutura educativa e do apoio social que é o Colégio de São José, que surge na Conchada por questão de oportunidade urbanística, em 1952 surge uma outra estrutura, já intencionalmente pensada para aquele local: o Centro Operário Católico da Conchada, Instituição de Solidariedade Social de Utilidade Pública, fundado pelo Monsenhor João Evangelista e tutelada pela Diocese de Coimbra, que se dedica a actividades sociais, culturais e religiosas e à prática do desporto para os seus associados.

A sede situa-se na Rua do Alto da Conchada, na pequena encosta que dá para a Alameda da Conchada que dá acesso ao cemitério, e o edifício foi construído de raiz para o efeito. Para isto foi assinado, entre o Centro e a Administração da Misericórdia, um protocolo com a finalidade de se acordar a cedência do respectivo terreno com a area de 500mts.

*No mesmo espaço onde se realizam as actividades do Centro de Dia e do Centro de Convívio celebra-se, semanalmente, a missa dominical presidida pelo Padre Anselmo Gaspar. Um salão no piso superior da instituição é também cedido para aulas de ginástica, capoeira e outras actividades, mas sem que daí resulte grandes benefícios financeiros para a instituição*¹³⁰.

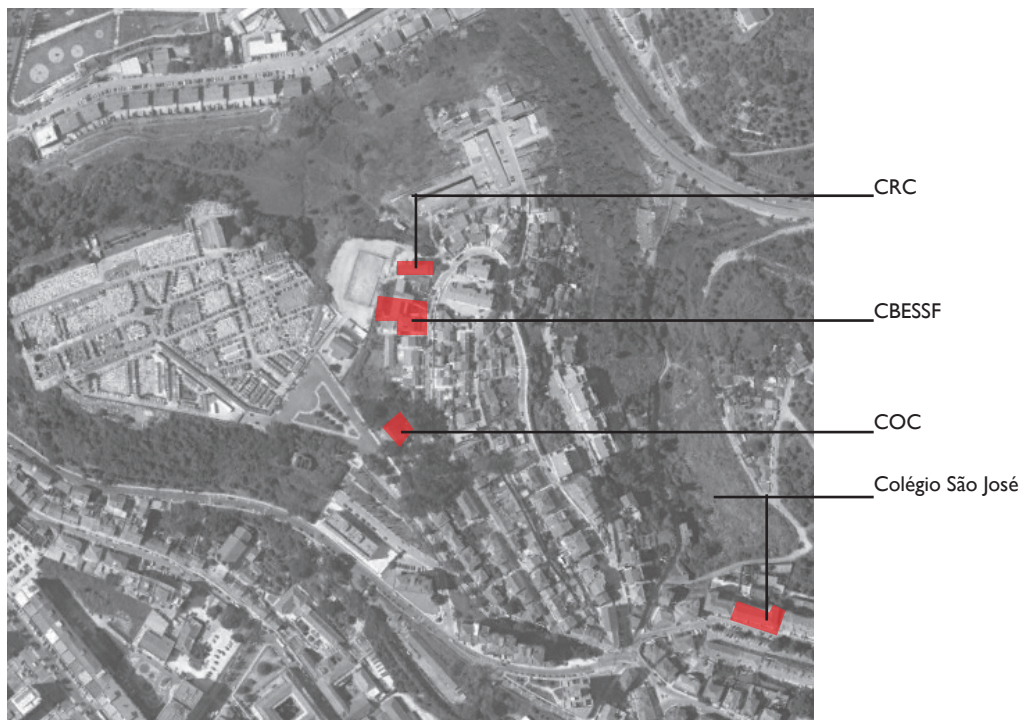
Aquando da revisão do *Plano de Urbanização de Embelezamento e de Extensão da Cidade de Coimbra* De Groër por Almeida Garrett, este manteve o zonamento da área *Conchada-Montarroio*, embora nesta altura já houvesse bairros sociais ali instalados. E em relação às comunicações viárias, estabelece-se, a construção da Rua de Aveiro (1961-1965), *uma artéria, partindo da Rua da Figueira da Foz ao largo da Conchada, em frente ao Cemitério, que serpenteando pela encosta, aí muito áspera, ligará mais rapidamente essa zona à estação*¹³¹.

130 <<http://scruc.com.sapo.pt/conchada.html>>.

131 GARRETT, Antão de Almeida - *Palestra em Coimbra sobre o seu plano regulador*. p .12.

36.

Planta com indicação das instituições presentes na Conchada (ver anexo III, folha n.º 1 a 4).



37.

Clube Real da Conchada.



Evolução urbana

1961 - 1980

Apesar da política levada a cabo entre os anos 40 e 60, a zona da Conchada continuava a ser considerada um bairro com problemas a nível social, o que justificou o início da criação de diversas instituições de inserção educativa, cultural, recreativa e desportiva. Depois da instalação do COCC em 1952, surge o CBESSF e o CRC, fundado, 23 de Fevereiro de 1963, com o início da prática desportiva através da modalidade de futebol.

Quanto ao CBESSF, este teve a sua origem, ainda em 1957 num pequeno grupo de elementos do Instituto Secular da Sagrada Família que iniciou, nessa altura, um projecto de voluntariado *para o desenvolvimento educativo e social que abriu o caminho para a formação das crianças, dos pais e da comunidade*¹³². Foi fundado sob o lema “Educar hoje, construir o amanhã” a 15 de Dezembro de 1962 pelo Padre Manuel Antunes, uma pessoa considerada sensível, dedicada e conhecedora da *realidade do mundo das crianças e das famílias*¹³³ que, sem olhar a esforços quando se tratava de ajudar os outros, soube identificar as necessidades reais que se viviam na Conchada nesta altura.

Por isto, erguer o CBESSF na Conchada não é, de todo, aleatório. Sabendo que, até à sua existência, a rua era o único espaço ali disponível para as crianças estarem e brincarem, o Centro foi projectado com base no *desenvolvimento pessoal e social da criança, com vista o seu sucesso educativo como veículos de sensibilização e transformação do seu seio familiar e comunitário*¹³⁴ numa sociedade em que hábitos de vida das famílias e das crianças são factores de risco e/ou de insucesso.

A pedagogia do CBESSF tenta acompanhar as necessidades e problemáticas do bairro e das famílias nele residentes ao apostar no intercâmbio e na partilha (e

132 <<http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/regulamento-interno-atl.html>>.

133 Miguel Cotrim – *Correio de Coimbra*. In <http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009_03_01_archive.html>.

134 <<http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/regulamento-interno-atl.html>>.

38 e 39.
Centro de Bem Estar Social Sagrada Família, situado na Rua Padre Melo.



não tanto na teoria), valorizando o despertar da pessoa para os valores humanos, éticos e cristãos, mantendo uma relação intemporal entre o Centro e por quem lá passa. No entanto, o Padre Manuel Antunes defendia que os primeiros anos de vida são decisivos no desenvolvimento de uma pessoa e que a criança tem um papel importante na transformação da família e respectivos valores sociais e comportamentais, portanto era essencial que a sua educação começasse o mais cedo possível, o que originou a criação de uma creche e um jardim de infância, visto que inicialmente o Centro era apenas dirigido ao jovens. Começou com cerca de trinta crianças, sendo que triplicou nos finais da década de 70, altura em que o Centro se abriu ao resto da cidade e permitiu o ingresso de pessoas residentes fora da Conchada, pois, inicialmente a comunidade comportava-se como um “gueto”, e, por isso, era impertinente que a população tivesse contacto com pessoas de outras realidades.

Entretanto, o crescimento dos bairros periféricos continuava a ser visível, e a Conchada foi sendo preparada para albergar a população aí residente e outra que aí se acolhesse, em condições mais humanas.

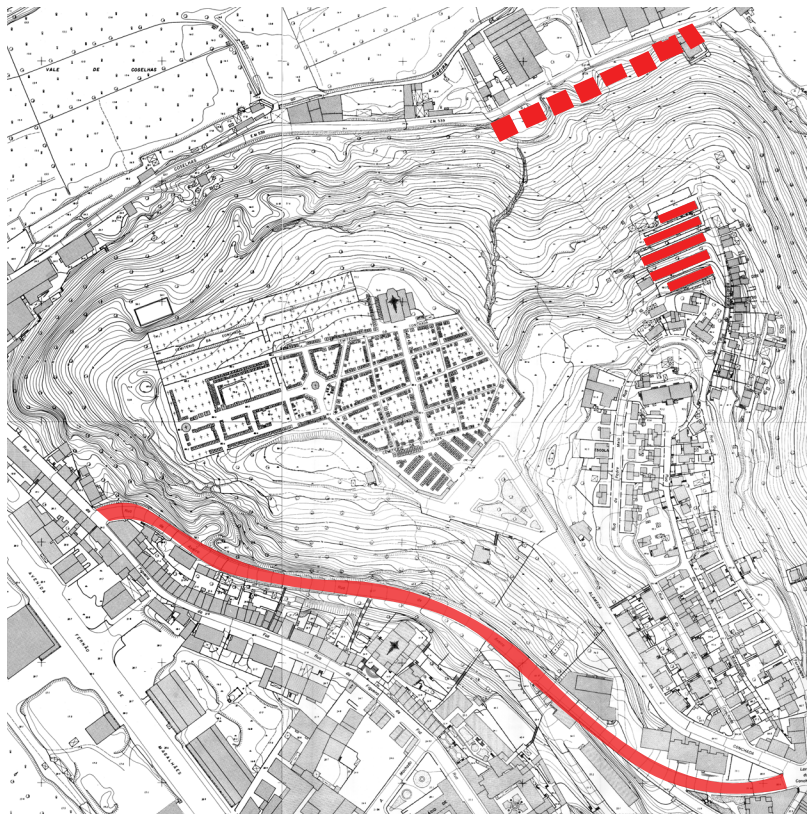
Entretanto, a 3 de Junho de 1961¹³⁵, procedeu-se à arrematação em hasta-pública de oito lotes de terreno para construção, com os números 1, 2, 7, 8, 17, 18, 25 e 26, situados com frente para a estrada de Coselhas (freguesia de Santa Cruz, concelho de Coimbra), os quais fazem parte integrante da Quinta da Misericórdia, também conhecida por Quinta do Pio ou da Conchada¹³⁶, sendo que havia a condição de que “*as oliveiras que por ventura se encontrem adentro dos lotes são pertença da Santa Casa*”¹³⁷. Mais acima, em terreno relativamente acentuado, existem referências de ter sido edificado, ainda nesta década de sessenta, um bairro

135 *Diário de Coimbra* 14, 18 e 28 /05/1961 + *Despertar* – 20 e 31/05/1961.

136 Processo para a arrematação em hasta-pública de oito lotes de terreno para construção, com os n.os 1,2,7,8,17,18,25 e 26, situados com frente para a estrada de Coselhas, freguesia de Santa Cruz, concelho de Coimbra, os quais fazem parte integrante da Quinta da Misericórdia, também conhecida por Quinta do Pio ou da Conchada, 1961, p. 1.

137 "Condições para a hasta publica". § 4. In *Processo para a arrematação em hasta-pública de oito lotes de terreno para construção, com os n.os 1,2,7,8,17,18,25 e 26, situados com frente para a estrada de Coselhas, freguesia de Santa Cruz, concelho de Coimbra, os quais fazem parte integrante da Quinta da Misericórdia, também conhecida por Quinta do Pio ou da Conchada*, 1961. p. 1.

40.
Localização do bairro, dos lotes e da Rua de Aveiro (ver anexo I, folha n.º 6).



constituído por um conjunto de cinco bandas de habitações unifamiliares¹³⁸, que nos finais do século veio a dar origem ao Bairro Municipal da Misericórdia.

Finalmente, em 1965¹³⁹, deu-se por concluída a Rua de Aveiro¹⁴⁰. Esta intenção remonta a 1928 aquando da expropriação de terrenos naquela zona para aquele fim, e em 1934 quando se projectou a rua que [...] *devia estender-se da Rua Ocidental de Montarroio (actual Rua de Saragoça) à Rua Figueira da Foz [...] apenas se executou o lanço compreendido entre a Rua Ocidental de Montarroio [...] e a extremidade oeste da Rua Dias Ferreira e Azinhaga do Carmo*¹⁴¹. Mas, na altura, *Tendo surgido dificuldades na construção dessa rua, na parte em que terá de atravessar a cerca do quartel militar instalado no antigo Colégio da Graça, essa construção parou ao chegar à Azinhaga do Carmo, e assim se mantém até agora*¹⁴², correspondendo à actual Rua Infante D. Henrique.

Entretanto, os moradores do “Casarão”, que em 1941 se tinham mudado “temporariamente” para lá, viviam em condições desumanas, tal como relata o morador Frederico Natividade: *“Só tínhamos uma divisão para cada família. Vivia tudo à porta. Passávamos com os baldes da porcaria à porta dos vizinhos. [...] Era rés-do-chão e 1º andar. Eu morava por baixo, a minha vizinha morava por cima de mim com quatro filhos. Cada um tinha a sua porta, e umas escaditas. Era um salão dividido com paredes de madeira, ouvia-se tudo. Se tirassem a madeira era tudo amplo. [...] Como só tínhamos uma divisão, tínhamos que fazer a cozinha cá fora, uma barraca onde se cozinhava. A casa de banho era pública e estava sempre aberta. Tinha duche, mas só tinha água fria. Era, onde é hoje o fontanário”*¹⁴³.

Perante tais condições e constantes falsas promessas de ver o seu bairro de barracas substituído por casas, os habitantes do “Casarão” indignavam-se: *“Mais valia ter ficado nas barracas do que ter ido para ali. Havia lá umas casinhas muito*

138 Bairro da Misericórdia – Renasce na Conchada.

<http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=866&Itemid=191>.

139 GARRETT, Antão de Almeida - *Palestra em Coimbra sobre o seu plano regulador*. p. 12.

140 «Pelo edital de 17-VII-1959, anunciou a Câmara Municipal de Coimbra [...] de dar a denominação de Rua de Aveiro à que projectava abrir em breve, ligando a Rua da Figueira da Foz à Alameda da Conchada. E, de facto, logo nos primeiros meses de 1960 se diligenciou dar execução ao deliberado, promovendo a abertura dessa rua, que será uma realidade daqui a um tempo». *Id., ibid.* p. 165.

141 *Id., ibid.* p. 366.

142 LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. vol. I. p. 10.

143 OLIVEIRA, José - *O SAAL e o Movimento de Moradores em Coimbra*. p. 93.

41 e 42.
"Casarão".



arranjadinhas. Deram cabo da nossa vida lá em baixo”¹⁴⁴, expressa Frederico Natividade.

Após o 25 de Abril de 1974, esta inquietação fez surgir a Associação de Moradores “Boa Esperança” da Conchada, num contexto de revolta dos movimentos sociais em relação ao estado de habitabilidade dos bairros sociais. A AMBEC foi aconselhada e apoiada pela Comissão de Moradores da Relvinha que incentivou os moradores a encetar esforços de forma a resolver estes graves problemas.

Foi assim que se fez o contacto com o Gabinete do SAAL/LISBOA e CENTRO SUL para integração e colaboração no projecto onde se procederam a reuniões entre a Associação e *as pessoas que estavam a trabalhar com o arquitecto e com algumas assistentes sociais que pertenciam ao grupo que andava também na Relvinha*¹⁴⁵. [...] *A proposta, da autoria do arquitecto Francesco Marconi, previa a construção [...] de 88 fogos em casas geminadas de dois ou três andares e um edifício de quatro pisos, além de espaços de convívio, uma cooperativa de consumo e equipamento para actividades artesanais*¹⁴⁶ *dividido em três zonas, uma no sítio do Casarão, outra onde é hoje a escola, onde era previsto que começassem a construir para que as pessoas que viviam no Casarão fossem para lá e este fosse demolido, e ainda outra entre estas duas [...]*¹⁴⁷.

Segundo o jornal Diário de Coimbra, os moradores estavam determinados em atingir os objectivos pelos quais lutavam há alguns anos, e tendo em conta que o projecto e o financiamento já estavam em fase adiantada, só faltava mesmo o terreno para se passar à sua execução¹⁴⁸. *A Comissão de Moradores teve uma reunião na Câmara com elementos da Misericórdia de Coimbra, e aí houve acordo quanto à cedência do terreno, mas por troca com outro que a Câmara Municipal havia de dar à Misericórdia, só que esta não aceitou por ser insuficiente para o que eles queriam aquele terreno onde sempre tinham vivido [...]*¹⁴⁹. Por isto a

144 *Id.*, *ibid.* p. 94.

145 *Id.*, *ibid.* p. 94.

146 *Id.*, *ibid.* p. 76.

147 *Id.*, *ibid.* p. 94.

148 “Comissão de Moradores ocupa terrenos na Conchada”. *Diário de Coimbra*. 13/10/1975; “Bairro da Conchada (Coimbra)– A luta por casas dignas não pode parar”. *Gazeta da Semana*. 8/7/1976.

149 OLIVEIRA, José - [Op. cit.], p. 50.

expropriação do terreno revelou-se uma confusão e [...] *o maior entrave para que o projecto não andasse para a frente enquanto houve o SAAL*¹⁵⁰. Um pormenor que impossibilitou a realização deste e de muitos outros projectos idênticos por todo o país.

Em Coimbra, em 1976, ainda chegou a ser criada uma Cooperativa de Habitação e Construção pela vontade conjunta das Associações de Moradores da Relvinha, Conchada e Fonte do Bispo. Mas tudo isto [...] *foi morrendo aos poucos*¹⁵¹, seja pelo desinteresse dos moradores que entretanto conseguiram alojar-se fora da Conchada e não quiseram voltar, seja por uma certa deficiência ao nível de organização da Comissão de Moradores da Conchada, seja por outros factores¹⁵².

Com isto, a miséria de vida levada no “Casarão” não teve o seu fim aqui, embora as brigadas do SAAL que actuaram nos bairros da cidade tenham feito um [...] *trabalho importante, tanto na organização e consciencialização das populações, como no levantamento de dados e discussão dos projectos*¹⁵³.

150 *Id.*, *ibid.* p. 94.

151 *Id.*, *ibid.* p. 95.

152 Cf. *Id.*, *ibid.* pp. 26, 88 e 95.

153 *Id.*, *ibid.* p. 75.

43.
Escola Básica de 1º ciclo da Conchada.



Evolução urbana

1981 - 2000

As más condições em que os habitantes do bairro de lata da Conchada sempre tinham vivido e o facto deste derivar da ocupação clandestina dos terrenos, determinou para sempre uma luta por melhores condições de vida e uma confusão na titularidade e propriedade dos terrenos, que se intensificou a partir dos anos 80, quando a SCMC tentou lotear os terrenos que lhe pertenciam, pois para isso seria preciso “expulsar” as pessoas que ali construíram as suas casas e a quem aquele terreno não pertencia.

Ora, tal processo é delicado e moroso. Foi iniciado um inquérito aos habitantes, tanto dos “bairros” aí edificados como do “Casarão”, marcado pela falta de colaboração de muitos e algumas questões legais.

Entretanto, em 1985, a Misericórdia concordou em ceder 5080 m² à CMC para uma escola. A Escola Básica de 1º ciclo da Conchada pertence ao Agrupamento de Escolas Martim de Freitas (desde 2003) mas foi criada a partir da *parceria da Câmara Municipal de Coimbra com o Centro de Bem Estar Sagrada Família (IPSS) para a realização das AEC, nesta escola*¹⁵⁴. O acesso ao edifício é possível pela estrada de acesso ao Cemitério Municipal da Conchada, sendo a entrada de ambos virada para o mesmo largo. Assim, a escola ficou localizada quase contiguamente ao cemitério, apenas separado por um caminho que vai dar um campo desportivo em cimento, pertencente ao Clube Real da Conchada mas também utilizado pelos alunos da escola.

Na caracterização da envolvente, o Agrupamento de Escolas Martim de Freitas define a zona como *bastante carenciada com problemas de vária ordem: falta de espaços verdes; famílias disfuncionais; famílias carenciadas vivendo de*

154 Escola - Caracterização geral do agrupamento.

<http://www.agrupamentomartimdefreitas.com/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=24&Itemid=120>

*apoios estatais; grande aglomeração de trânsito e uma rede de transportes públicos deficitária*¹⁵⁵. Em relação às instalações, estas são compostas por duas salas de aula, quatro casas de banho, duas pequenas arrecadações e um átrio dividido, onde funciona o gabinete de direcção/administração da escola, tendo sido ainda cedido um pequeno espaço à Associação de Pais. Existem, nas traseiras desta Escola, dois monoblocos, para que esta possa funcionar com quatro salas de aula e em regime normal.

*As salas do edifício são espaçosas, arejadas e bastante iluminadas. Possuem uma salamandra, que é, no entanto, insuficiente para o aquecimento do espaço. Na entrada da escola, há um pequeno átrio, semi-aberto, que protege as crianças das condições climatéricas adversas. O edifício e o mobiliário encontram-se em razoável estado de conservação. O edifício escolar é circundado por um espaçoso pátio de recreio, vedado por um muro com rede e fechado por um portão, o que lhe confere segurança em relação ao exterior.*¹⁵⁶ É referido, também, a instalação de um monobloco onde são servidas as refeições.

Existem referências à cedência de um terreno por parte da CMC ao Real Clube da Conchada¹⁵⁷, em 1987, mas tal revela-se propriedade da MONAC¹⁵⁸ - Movimento Nacional de Auto Construção, entretanto extinta.

Entretanto, os moradores do “Casarão” continuavam sem ver solução para a sua mediocridade habitacional, sentida, outra vez, na voz de Francisco Natividade «“Estejam descansados que as casas fazem-se”, diziam eles. E nós estávamos tão fartos daquela miséria!»¹⁵⁹. Apenas em 1990 se começa a ver manifestada a vontade de contribuir para a resolução da problema que se vinha a arrastar há cerca de sessenta anos, mesmo tendo em conta que um projecto de habitação para o realojamento definitivo das famílias que residem em barracas e no “Casarão” envolvia vários esforços. Mais especificamente, segundo as actas de reuniões promovidas pelo Governo Civil de Coimbra, em 1990, e que envolveu entidades da SCMC, CMC – Pelouro da Habitação Social, CRSS e ISSS, era necessário fazer

155 *Ibid.*

156 *Ibid.*

157 Carta de actividades passadas e de Objectivos para o futuro, Clube Real da Conchada, 1991.

158 Ofício 73/86, SCM, 1986.

159 OLIVEIRA, José - *O SAAL e o Movimento de Moradores em Coimbra*. p. 95.

um estudo urbanístico, uma averiguação sobre propriedade de terrenos, pensar no financiamento do projecto e propor um Protocolo para o Projecto Integrado de Desenvolvimento Comunitário Bairro da Conchada.

Relativamente a propriedade dos terrenos, depois de considerações pouco precisas sobre a sua situação, foi decidido [...] analisar esta problemática [condições de cedência dos terrenos, seus proprietários e arrendatários, titularidade e actuação] bem assim, como executar o estudo urbanístico do local [com definição do zonamento por áreas de construção, zonas verdes, possibilidade de ampliação do cemitério, instalações de cariz sócio-cultural e aproveitamento possível para construção; com projecto de infra-estruturas de arruamentos, águas, esgotos, electricidade e arborização], tendo em consideração fundamentalmente as difíceis condições geológicas do solo [...].

Em simultâneo com o estudo urbanístico, com a clarificação precisa da área disponível para construção, a SMC ficou de analisar a possibilidade de [...] vir a assumir-se como dinamizadora de um processo de construção que permita o realojamento de moradores no local¹⁶⁰.

Salientou-se a necessidade da existência de verbas de outras fontes que não sejam as da autarquia e nesse sentido apresentou três eixos institucionais intervenientes no projecto: um privado, englobando as entidades de solidariedade social intervenientes na zona; outro, autárquico, respeitante à administração autárquica e representado pelo Presidente da Câmara Municipal de Coimbra; outro composto pelos organismos da administração central com coordenação do Governador Civil.

Para além disso, foi abordada a questão do realojamento dos residentes no local. Foi decidido que, tendo em linha de conta os residentes no local em [1 de Janeiro de 1990], e só esses, se tentará o seu realojamento em habitação vendida ou arrendada em regime de habitação social nos projectos deste tipo de habitação em curso no município, nomeadamente no Bairro da Rosa, ao Vale Formoso¹⁶¹.

Assim, em Novembro de 1990, foi assinado um protocolo entre a SMC e a CMC, onde a primeira cedia gratuitamente 25.000 m² de terreno. Esta área, onde se

160 Acta 04-03-1990. fl. 1.

161 Acta 1990 04 03. fl. 1.

44.
Demolição do "Casarão", 1995.



*encontra instalado o denominado “CASARÃO”, [...] [seria para a construção de] vinte e oito (28) habitações que se destinam a substituir as barracas ali existentes, e será infra-estruturado pela Câmara Municipal de Coimbra e suas expensas, sendo sendo a demolição do “CASARÃO” e remoção dos produtos resultantes da mesma suportadas pelo Projecto De Desenvolvimento Comunitário Do Bairro Da Conchada*¹⁶².

A Câmara Municipal de Coimbra elaborou o projecto urbanístico e de construção que foi submetido ao IGAPHE, com vista à obtenção do financiamento¹⁶³, *sendo que o prazo para submissão do projecto ao IGAPHE é de sessenta dias (60) contados desde a efectiva cedência do terreno pela Santa Casa da Misericórdia*¹⁶⁴.

Segundo a memória descritiva do projecto de reconversão urbanística dos terrenos da Quinta da Misericórdia, sito na Conchada, onde se prevê a construção de vinte e oito fogos para a habitação social na modalidade de arrendamento, de 1991, *o local onde se pretende a implantação dos blocos, situa-se numa zona de encosta com inclinação média de 15%, existindo ainda para total demolição, a construção denominada “CASARÃO”.*

A orientação do terreno em causa tem a predominância Norte-Sul, daí ter a actual implantação todas as zonas íntimas a Sul. [Em relação aos aspectos funcionais, o empreendimento é composto por dois blocos paralelos.] O Bloco 1 [lote 50] é rés do chão e 3 pisos, direito e esquerdo, com um total de 8 habitações servidas por escada de betão com degraus forrados a marmorite. O Bloco 2 [lote 31 e 32] é composto por dois módulos de rés do chão e 3 pisos, servidos por 2 caixas de escada em betão com os degraus forrados a marmorite que servem 20 habitações.

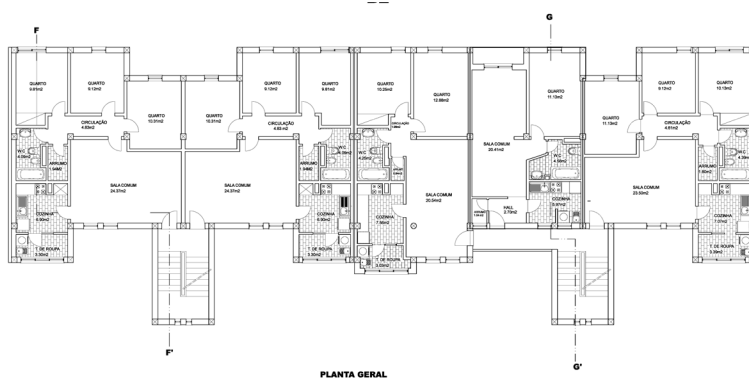
Com um pequeno volume de movimento de terras, conseguiu-se a implantação dos blocos e respectivos estacionamento, que são em número igual ao número de fogos, tendo-se projectado também uma zona de caixa de areia, destinada a espaço de recreio das crianças.

162 Protocolo adicional ao protocolo assinado a 90.11.15, projecto de desenvolvimento comunitário no bairro da conchada.

163 Decreto Lei n.º 226/87.

164 Protocolo adicional ao protocolo assinado a 90.11.15, projecto de desenvolvimento comunitário no bairro da conchada.

45.
Bairro da Misericórdia - 28 Fogos, planta geral do bloco B2 (ver anexo VI).



Os blocos serão envolvidos por passeios em betonilha esquadrelada exclusivamente pedonal, as restantes áreas de circulação serão em betuminoso.

No estudo dos blocos respeitaram-se as recomendações técnicas para habitação social, assim como o Regulamento Geral de Edificações Urbanas.

Os blocos em causa foram extraídos e adaptados dos blocos a implantar na Quinta da Rosa-Ingote, que mereceram a aprovação do Instituto Nacional de Habitação.

Em termos gerais, procurou-se cumprir as regras, tendo em atenção a necessidade de reduzir áreas de circulação, sem esquecer as faixas de 0,80m de largura no atravessamento das salas quando de passagem. Todas as habitações têm um arrumo e espaço para a construção de eventuais roupeiros de parede, que à partida não se incluíram por questões de custo (e porque de facto muita gente tem os seus próprios armários da mobília).

Os quartos de banho foram reduzidos ao mínimo e as cozinhas de modo a possibilitar as três funções essenciais – cozinhar, tratar a roupa e refeições informais. Nas salas, teve-se em atenção a “mobília tipo” na maioria das famílias: o terno de maples e móvel da televisão, a mesa de sala de jantar, respectivas cadeiras e aparador.

Nos quartos, sobretudo nas maiores tipologias, tem-se em atenção a situação do quarto do casal (mobília completa: 1 quarto individual e quartos duplos com áreas para estudo ou brincadeira).

Assim, e porque o presente projecto é de habitação social e tem de obedecer a limites rígidos de área bruta, o custo de construção e preços de venda para serem objecto de financiamento pelo I.N.H. tem de atender às disposições regulamentares contidas na Portaria 828/88 de 29 de Dezembro.

É deste modo que surgem as salas de habitação de passagem não constituindo um compartimento perfeitamente independente e autónomo.

De facto o projecto e a qualidade constructiva das habitações a preços controlados têm como referência as Recomendações Técnicas de Habitação Social (T.T.H.S.) publicadas em anexo ao Despacho n.º. 41/MES/85 de 5 de Fevereiro tendo como objectivo a optimização do binário custo qualidade de habitação. A composição das habitações e as suas dependências foi baseada também na

46 e 47.
Bairro da Misericórdia - 28 Fogos.



experiência de recentes promoções realizadas pela Câmara de Coimbra nomeadamente na Lomba da Arregaça e Travessa da Fonte do Bispo.

Formalmente os edifícios são de uma extrema simplicidade, tendo-se no entanto a preocupação de conseguir uma situação de equilíbrio e uma imagem agradável, alegre e leve.

Os materiais são os tradicionais, e a forma procura evitar situações que exigem trabalhos de manutenção frequentes por óbvias razões económicas. Deste modo a cobertura é feita por telhado de duas águas em telha cerâmica e aliente em relação às paredes para protecção destas. Leva caleira exterior em chapa zincada pintada a esmalte e tubos de queda em P.V.C.

As paredes exteriores são pintadas, sendo os alçados dinamizados por diferença de côr. A caixilharia é em alumínio anodizado e todas as janelas com excepção das “marquizes” das cozinhas levam estores interiores. As situações de varandas e janelas baixas de sacada levam uma guarda em tubo de ferro para pintar a tinta de esmalte. Alguns vãos levam guardas em ferro pintado a esmalte.

Interiormente as paredes serão também pintadas e levarão azulejo branco com eventual desenho a azulejo colorido liso, nas zonas de águas. Nestas situações levará pavimento cerâmico sendo o restante a alcatifa prensada rematada por rodapé de madeira. A escada e varandas serão em marmorite. Portas interiores de série folheadas e as de entrada em madeira maciça¹⁶⁵.

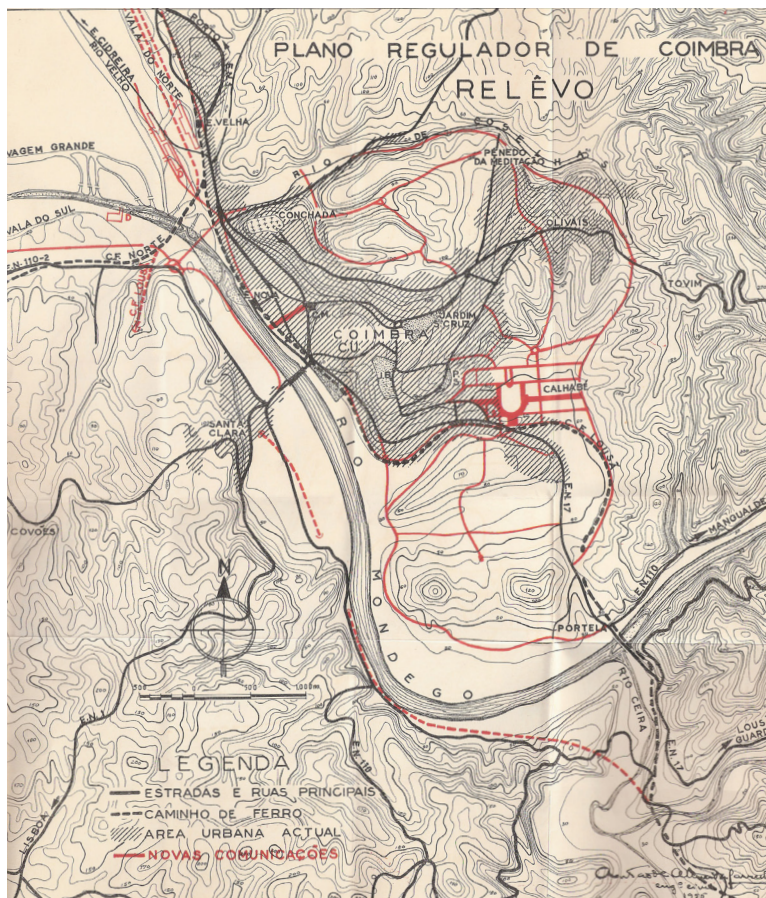
O realojamento provisório dos residentes no “Casarão” foi feito efectivamente nos fogos previstos para arrendamento na Urbanização da Quinta da Rosa – Ingote, Freguesia de Eiras, entretanto alí construídos, e *uma vez que a Câmara Municipal de Coimbra não possui no seu parque habitacional actual casas vagas para fazer os realojamentos necessários*¹⁶⁶. Foi assim que em Novembro de 1994 o Bairro [da Quinta da Rosa] recebe as primeiras 19 famílias oriundas do “Casarão” da Conchada¹⁶⁷, tal como relata Frederico Natividade “Fomos para o Ingote temporariamente. Para lá já só foram vinte e quatro famílias, conforme as pessoas que estavam inscritas. Estivemos lá quatro anos.

165 Documento com memória das habitações.

166 Cópia do protocolo com as cláusulas adicionais respeitantes à cedência pela Santa Casa da Misericórdia do terreno para construção de 28 fogos na Conchada (nos termos do protocolo assinado a 90.11.15).

167 Bairro Quinta da Rosa. <<https://sites.google.com/site/memoriadecoimbra/toponimia/b/de-b-beco-a>>.

48.
Plano Regulador de Coimbra - des. Prof. Almeida Garrett, 1956.



*Esperámos que eles fizessem as casas. Não tratámos de nada. Pediram-nos que tivéssemos calma que iam construir as casas.”*¹⁶⁸.

Depois de ser demolido em 1995, surge, finalmente, em 1998, o Bairro da Misericórdia ou Bairro dos 28 fogos. No entanto, tal como Francisco Natividade conta, nem todas as famílias que foram, voltaram para a Conchada: “*assinámos uma carta para vir para aqui outra vez, e quando voltámos, já não viemos todos, alguns ficaram lá.*” Este lamenta, ainda, que o projecto do SAAL não tenha sido realizado, pois se assim tivesse sido as casas já pertenceriam aos que lá habitassem, o que “nunca” acontecerá com estas: «*Íamos amortizando e ao fim de vinte anos eram nossas. [Agora] Estamos a pagar renda à Câmara e não é para ficar com a casa*»¹⁶⁹.

Entretanto, julga-se apropriado apontar a ampliação das instalações do CBESSF em terreno cedido pela SMC que foram inauguradas em Julho de 1993¹⁷⁰; e a construção da Circular Interna, na transição entre os anos oitenta e noventa, que liga da Casa do Sal aos Hospitais da UC, pensada quando dos planos urbanísticos da Cidade de Coimbra, e que passa a definir claramente o limite Nascente da colina da Conchada.

168 OLIVEIRA, José - [Op. cit.], p. 95.

169 *Id.*, *ibid.* p. 95.

49.
Planta com indicação de estruturas presentes na Conchada.



Evolução urbana

2001 - 2012

A partir do século XXI, o crescimento urbano estagna um pouco, havendo antes uma preocupação mais direccionada à reabilitação e ao melhoramento das facilidades ali presentes.

Em 2003, foi lançado um concurso para concepção, infra-estrutura e construção na Conchada do mais recente e reconhecido bairro social, o Bairro Municipal da Misericórdia, sendo que o atelier Rodapé Arquitectos, sob a responsabilidade dos arquitectos Audemaro Rocha e Victor Lopes, mereceu a concepção do projecto, e a empresa Eusébios & Filhos S. A. ficou responsável pela construção do empreendimento.

Esta iniciativa foi promovida pela CMC e visava realojar os moradores do bairro *que tinha sido edificado na década de sessenta, [...] [e cujas barracas já se encontravam] num estado de conservação precário*¹⁷⁰, sendo este demolido em 2004. Também foram realojados os donos de [...] *umas construções que se encontram no interior do perímetro da intervenção, sendo absolutamente necessário proceder a estes trabalhos para viabilizar a implantação da proposta apresentada*¹⁷¹, tendo sido deixada intacta uma fileira de casas particulares, que também não pertenciam ao bairro.

O novo bairro situa-se no norte da Conchada, numa encosta de pendente acentuado com [...] *uma área total de 4.350,00m²*, sendo composto por dois edifícios *implantados em L, um no sentido Nascente-Poente, outro no sentido Norte-Sul respectivamente, com o total de 30 habitações* [29 apartamentos municipais e 1 privado, desconhecendo-se a razão deste ter sido vendido e sabendo-se ainda que seis das habitações foram ocupadas por pessoas inscritas no Programa Prohabita] *(T1, T2, T3, T4), 35 lugares de garagem e 18 lugares de*

170 “Bairro da Misericórdia - Renasce na Conchada”.

<http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=866&Itemid=191>.

171 *Candidatura PREMIO IHRU 2010 variante construção*. CMC. fl. 3.

50.
Bairro Municipal da Conchada.



*estacionamento públicos*¹⁷² e cujo acesso é unicamente feito pela Rua da Misericórdia.

Na elaboração do projecto, foram observadas as Recomendações Técnicas para Habitação Social e restante legislação aplicável, que condicionaram a orientação das diversas habitações traduzindo-se na nova localização dos acessos em galeria. Ou seja, no edifício “G”, estes encontram-se localizados no alçado Poente, originando um reposicionamento da implantação do edifício. No edifício “F” os acessos fazem-se pelo alçado Sul com ligação directa ao “G”, o que proporciona o surgimento de um elemento que pela sua formalidade e plasticidade organiza o espaço exterior e cria uma referência na envolvente. Pensamos que este elemento assume particular importância, funcionando como uma “rótula” das ligações exteriores (galerias) de acesso aos fogos.

À organização interior, importa referir que os quartos no edifício “G” orientam-se a Nascente e as zonas de estar e entradas a Poente. No edifício “F”, os quartos têm orientação a Norte e as zonas de estar e acessos a Sul, em ambas as situações encontra-se a ventilação transversal das habitações, previsto 4.2.1.5 das R.T.H.S..

O projecto procurou minimizar o impacto produzido provocado pelas características topográficas do terreno, subtraindo as barreiras arquitectónicas. Os extremos das galerias também são pontuados por acessos verticais que interligam as várias cotas do empreendimento e das habitações e que garantem várias hipóteses do percurso pedonal aos utentes.

A elaboração do projecto obedeceu ao disposto no Programa de Concurso, preconizando factores que contribuíssem positivamente para a satisfação do exercício das actividades da vida familiar. De modo a assegurar a privacidade das habitações é proposto um desnivelamento da cota das galerias de acesso relativamente ao interior das habitações, contrariando um dos factores mais negativos destas soluções.

Foram igualmente tidos em consideração os aspectos relacionados com a segurança, a habitabilidade e a durabilidade, e pela definição de regras de qualidade dos materiais, dos elementos e dos componentes da construção, nos

¹⁷² *Ibid.*

51 e 52.
Planta e corte do Bloco F (ver anexo VII).



53.
Tipologia por pisos.

TIPOLOGIA	PISO -2		PISO -1		PISO 0		PISO 1		PISO 2		PARCIAL	
	UNID.	Abc	UNID.	Abc	UNID.	Abc	UNID.	Abc	UNID.	Abc	UNID.	Abc
T1	-		1	58,0	2	116,0	4	224,0	2	112,0	9	510,0
T2	-		1	76,0	2	152,0	7	534,0	4	306,0	14	1068,0
T3	-		1	95,0	2	190,0	2	190,0	-		5	475,0
T4	-		-		-		1	114,0	1	114,0	2	228,0
GARAGEM	15	401,3	-		20	595,8	-		-		35	997,1

aspectos relacionados com a forma, a composição e o respectivo dimensionamento.

No cumprimento das regras estabelecidas, os dois volumes de construção propostos são ajustados no seu dimensionamento, tendo como consequência uma alteração do perímetro base de implantação e das áreas adoptadas para as diversas tipologias. As habitações foram distribuídas por dois pisos completos e um parcial que acompanha o desnível do arruamento principal, que surgem reflectidas no quadro sinóptico [figura 53].

A área bruta de construção total é de 2.281m², excluindo garagens, varandas e galerias de acesso.

A organização e compartimentação interiores foram alvo de cuidados acrescidos, respeitando a legislação aplicável, distribuindo as funções hierarquicamente na sua importância, nos hábitos quotidianos, valorizando critérios de higiene e salubridade, fomentando o convívio, proporcionando qualidade de vida aos seus utentes, residentes ou visitantes.

Todos os quartos constituem espaços encerrados, com dimensões adequadas, previstas no Artigo 66.º do R.G.E.U., e permitem a distribuição interna do mobiliário habitual e respectiva circulação. As salas estão dispostas de modo a garantir a sua identidade espacial sem necessidade de encerramento, garantindo a privacidade necessária, permitindo uma boa continuidade espacial da circulação das pessoas e distribuição do mobiliário habitual. Para obscurecimento e protecção solar dos compartimentos habitáveis foi considerada a instalação de estores exteriores.

Nas cozinhas foi feita a opção de encerramento do espaço, melhorando a qualidade ambiental interior dos apartamentos ao não permitir a propagação de cheiros e odores no resto do fogo. As dimensões são as previstas no Artigo 66.º do R.G.E.U., sem colocar em causa as áreas máximas dos fogos previstas no ponto 4.1.5 das R.T.H.S., foi assim disponibilizado um espaço que permite a preparação das refeições (de acordo com a alínea a) do ponto 4.2.4.2 do mesmo regulamento. A área para tratamento de roupa foi organizada contígua à da cozinha, permitindo a colocação de tanque ou máquina de lavar, colocação de recipientes para roupa e respectivo estendal, sempre com iluminação e ventilação natural.

54 a 60.
Bairro Municipal da Misericórdia, 2012



As instalações sanitárias previstas são as preconizadas, na sua área e numero, no ponto 4.2.5 das R.T.H.S..

Importa realçar ainda que os espaços de entrada e de circulação têm dimensões optimizadas que permitem uma maior rentabilidade espacial dos restantes espaços dos fogos, diminuindo as zonas de pouca utilização e importância potenciando as actividades habituais relacionadas com o modo de vida previsível do agregado familiar e sua evolução.

Nas garagens foi tida em consideração sua compatibilização com a estrutura e dada particular atenção à relação com as cotas externas de modo a evitar rampas de acesso dos automóveis e permitindo uma circulação eficiente no seu interior, estando reservado um lugar de estacionamento por cada fogo, na proposta encontra-se previsto um numero superior (cinco) ao mínimo necessário, sendo uma mais valia do empreendimento, devendo a sua concessão ser posteriormente alvo de decisão.

A solução proposta poderá ser caracterizada como realista, integrada na paisagem e na envolvente, recorrendo a soluções naturais (taludes) do terreno, criando percursos pedonais de boa qualidade com materiais de fácil manutenção, com volumetrias ajustadas ao terreno e arruamentos de modo a ser possível uma qualificação paisagística e ambiental sustentadas numa arquitectura de qualidade e económica¹⁷³.

Entretanto, o processo de empreitada foi devolvido pelo Tribunal de Contas em Maio de 2007, sendo o projecto de execução datado de Agosto de 2007 e tendo sido a obra concluída apenas em 2009. *Em Agosto 2009 o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, o vereador da Habitação, Gouveia Monteiro, acompanhados da Comissão de Moradores visitaram o Bairro da Misericórdia na Conchada [...]*¹⁷⁴, sendo que um mês depois se realizou a cerimónia de entrega das chaves das habitações que implicaram um investimento de mais de dois milhões de euros.

¹⁷³ *Ibid.* fls. 4-6.

¹⁷⁴ “Entrega de chaves no Bairro da Misericórdia”.

<http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=888&Itemid=561>

61.
Interior do salão do Centro Operário Católico.



Este investimento é visível na qualidade das habitações e justificado pela opinião do Presidente da Câmara que “[...] *as pessoas devem ter todas um tratamento igual, e por isso não se justifica construir habitação social de baixa qualidade*”¹⁷⁵. Também Francisco Queirós, Vereador do Pelouro da Habitação, considera que a [...] *grande qualidade arquitectónica deste bairro social de Coimbra deve ser um importante estímulo para a melhoria da habitação social no concelho e para o cumprimento do desígnio do artigo 65º da Constituição da República que consagra o direito a habitação condigna para todos os portugueses*¹⁷⁶.

Na verdade, esta obra acabou por arrecadar uma “Menção Honrosa” do *Prémio IHRU 2010*¹⁷⁷ na vertente “Construção e Reabilitação”. O Prémio consiste na atribuição de distinções a [...] *empreendimentos de habitação de interesse social e a obras de reabilitação urbana no meio urbano que se destacam por constituírem experiências inovadoras e exemplares, susceptíveis de merecer o reconhecimento e a ponderação do sector*¹⁷⁸.

Entretanto, esta obra pode ter sido das últimas obras erguidas na Conchada, até hoje, mas a Conchada não pára aqui.

Ainda em 2009, nas comemorações dos cinquenta e sete anos da fundação do COCC, apelou-se às obras necessárias para responder às novas exigências da Segurança Social para o local, pois *as verbas que possuíam eram gastas na íntegra com os utentes e os funcionários. Nesta altura tinham três funcionárias e uma técnica estagiária paga pelo Centro de Emprego*¹⁷⁹.

O CBESSF, não parando a luta contra a problemática que o levou à sua criação, já desenvolvia, desde 2006, uma acção educativa e social em parceria com o Agrupamento de Escolas Martim de Freitas e a Câmara Municipal de Coimbra (promotora das Actividades de Enriquecimento Curricular), sendo que hoje acolhe crianças desde os quatro aos dez anos num total aproximado de 180 alunos.

175 *Ibid.*

176 Acta Da Reunião Ordinária Da Câmara Municipal De Coimbra 6/12/2010.

177 A IHRU resulta da reestruturação e redenominação do antigo INH, e da integração do IGAPHE e parte da DGEMN, tendo por missão «assegurar a concretização da política definida pelo Governo para as áreas da habitação e da reabilitação urbana». <<http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/>>.

178 “Prémios IHRU 2010”. <http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/premios/premioihru/premio_ihru_2010.html>.

179 “Centro Operário Católico precisa de obras”. <<http://scruz.com.sapo.pt/conchada.html>>.

62 e 63.
Jardins do CBESSF.



Assim, ao acompanhar as problemáticas que vão surgindo na Conchada, o CBESSF apostou na [...] *inserção educativa de crianças provenientes de outras famílias*, justificada pela grande *mobilidade de algumas famílias do Bairro para habitação social noutra zona da cidade* na década de 90, *sendo de registar como "mais valia", a partilha de saberes dos elementos da "Comunidade Educativa", onde todos e cada um são os artífices da "Cultura Organizacional" que hoje vivemos*¹⁸⁰. O CBESSF também acredita que a [...] *"Família" constitui o referencial priorizado de complementaridade e continuidade, tendo em vista os valores que a acção educativa deve veicular*¹⁸¹, por isso começou recentemente a apostar na formação dos pais. Assim, aproveitou as comemorações dos seus cinquenta anos para realizar formações direccionadas às competências educativas parentais com a intenção de tornar mais frequente e interventiva esta organização ao abrir a iniciativa ao resto dos cidadãos, se possível já em 2013.

Em relação ao edifício onde o centro está instalado, pouco ou quase nada resta do construído em 1962. No início da década de oitenta houve um desabamento de terrenos que o destruiu maioritariamente, extinguindo a valência da creche, e pôs o resto da sua estrutura em perigo. Isto obrigou a obras de reconstrução, tendo-se aproveitado a oportunidade para ampliar com a aquisição de terrenos adjacentes, o que levou à reabertura da creche em Setembro de 1996.

Entretanto, face ao aumento das necessidades das famílias do bairro, o CBESSF decidiu novamente aumentar a capacidade e a qualidade das instalações com a construção de mais estruturas e novas valências, como o berçário. Este projecto foi elaborado ao abrigo do programa PARES III182 que impôs requisitos de qualidade e sustentabilidade, tendo sido este também um processo demorado também por questões burocráticas devido à aquisição de mais terrenos e à necessidade de unificação e loteamento dos mesmos. Por estas razões as obras foram realizadas ao longo de 2010. Para se ter uma noção espacial, "onde hoje é o jardim, era situada parte da primeira creche", explica Dona Fernanda, e na fachada principal do edifício é minimamente identificável esta diferença estrutural

180 <<http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/regulamento-interno-pre-escolar.html>>.

181 <<http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/ideal-educativo-ontem-como-hoje-nossa.html>>.

182 *Diário de Coimbra*. 01/02/2010.

64.
Vista aérea do Cemitério, 2012.



construída ao longo do tempo. Ainda assim, Dona Fernanda considera que o edifício pode dar a “ideia de que é feita aos bocados, e é verdade, mas que está bem aproveitada, está”.

Assim, o edifício actual é extenso e extremamente agradável, encontrando-se em muito bom estado e repleto de espaços amplos e de 3 recreios distribuídos por 3 andares, sendo que o piso intermédio é o de entrada. É composto por 2 berçários; 4 salas de creche; 3 salas de pré escolar; 1 sala para o grupo de CATL; gabinetes, 2 salas de reuniões, 1 sala de música e 1 sala para trabalhos manuais; 2 dormitórios, 1 refeitório e cozinha. Os espaços comuns são compostos por um centro de recursos com livros e computadores, uma biblioteca, um salão polivalente (onde fazem ginástica, reuniões e eventos) e um salão GAFE destinado ao apoio das famílias, onde são disponibilizado actividades lúdicas como jogos, TV e um espaço de recreio, e onde as crianças permanecem até os pais as poderem ir buscar.

A Sra. Fernanda Façanha, Presidente do Conselho de Administração, considera positiva a leitura dos objectivos do Centro com aquilo que ele alcançou, embora não seja tanto quanto gostariam. A Presidente considera que o CBESSF contribuiu para a mudança do nível de vida dos moradores do bairro e as condições de habitabilidade, enquanto parceira da CMC na transformação dos bairros de lata em espaços de habitação dignos. No entanto, mesmo admitindo que a sociedade presente na Conchada foi mudando, evoluindo para melhor, teme que o trabalho elaborado até então regrida com a crise actual, afirmando que situação “está a voltar aos anos 60”.

Em relação ao Cemitério Municipal de Coimbra situado no canto Norte da Conchada desde 1860, era certo que um dia este iria sobrelotar, ainda mais sendo o único cemitério municipal construído nesta cidade até hoje.

Tal problema começou a ser questionado pelas freguesias cujos cemitérios chegavam a encerrar por falta de espaço. Por isto, foi pensada uma solução para o cemitério municipal através da construção de *três módulos para instalação de 123 gavetões e 248 ossários, [...] uma obra que custou 142 mil euros, valor que inclui a elaboração do projecto, fiscalização e acompanhamento da obra e custo da empreitada. [88 destes ossários foram instalados] na parte ampliada do cemitério, junto à entrada lateral esquerda, [...] na continuidade dos gavetões já existentes e*

65.
"Casa Amarela" na encosta Poente da Conchada.



*encostados ao muro do cemitério. Os outros dois corpos, que têm 123 gavetões e 160 ossários e foram construídos no espaço outrora ajardinado, formam um V, sendo a zona de ligação adaptada a arrumo de materiais de apoio à infraestrutura municipal*¹⁸³.

Entretanto foi colocado outro problema no cemitério da Conchada: a instabilidade dos solos. *Neste caso concreto, a zona «algo instável» onde está instalado o jazigo municipal*¹⁸⁴, tal como revela Ulisses Correia, director do Departamento de Obras e Gestão de Infra-Estruturas Municipais, sendo que aquando incêndio em Setembro de 2000 *de um edifício que, «hoje em dia, não tem condições»*, esta degradação do jazigo municipal foi agravada. Quando Francisco Natividade relata os acontecimentos na altura do SAAL, entre 1974-76, refere-se a este edifício como *“uma casa amarela, na encosta do cemitério, [que] foi também ocupada. Não tinha condições nenhuma, mas conseguiram, clandestinamente, arranjar-lhe luz e água. Só foram despejados há pouco tempo, porque houve lá um incêndio”*¹⁸⁵.

Assim, segundo a listagem das *Grandes Opções Do Plano Para O Ano 2006*, a Requalificação Cemitério Municipal Conchada consistiu na preparação do terreno, vedação, muros de suporte e outras infraestruturas e durou do início de 2002 ao fim de 2006. A primeira intervenção¹⁸⁶ começou em Abril de 2005 até Janeiro 2006, altura em que se iniciou o projecto e recuperação do jazigo municipal, e terminou dois anos depois, representando *mais de 200 mil euros de investimento para uma obra há muito reclamada*¹⁸⁷.

O vereador Luís Providência, acreditava que estas soluções dariam resposta à cidade durante algum tempo, mas que era impertinente entretanto encontrar uma localização para um novo cemitério municipal, ideia já presente na revisão do Plano Director Municipal de Coimbra e com especulações sobre a sua localização

183 “Cemitério disponibiliza mais 123 gavetões e 248 ossários”. *Diário de Coimbra*. 16/03/2010.

184 “Jazigo municipal vai ser arranjado”. *Diário de Coimbra*. 16/03/2010.

185 OLIVEIRA, José Manuel Albuquerque - *O SAAL e o movimento de moradores em Coimbra*.

186 Construção de jazidos e ossários no talhão 13 do cemitério da Conchada.

187 *Grandes Opções Do Plano Para O Ano 2006*. CMC.

66.
Novos ossários no Cemitério da Conchada.



em Eiras, tendo em conta a *qualidade dos terrenos e à área necessária para a sua edificação*¹⁸⁸.

Entretanto, sabe-se de tentativas por parte da CMC, durante vários anos, de dotar a cidade de um crematório municipal. A falta de concorrentes por duas vezes fez a câmara abandonar o projecto até à recente reabertura do concurso de concepção, construção e exploração do crematório, mas, tal como o Vereador Luis Providência referiu, [...] *o Cemitério da Conchada está já sobrelotado, mesmo com a criação de ossários verticais e que, ao ser ampliado, deverá ter-se em conta a solução de crematório*¹⁸⁹, sendo que inicialmente a Conchada foi pensada como local apropriado para implantação desta obra, pelo simples facto de acolher o Cemitério Municipal, embora Taveiro tenha sido a escolha final.

Acompanhando a marca do tempo nesta zona da cidade de Coimbra julga-se de valor referir a comemoração recente dos seus noventa anos do Colégio de São José da Conchada, facto incerto durante algum tempo tendo em conta que a sua existência chegou a ser posta em causa em Março de 2012¹⁹⁰. No fim do ano lectivo 2011/12 foi anunciado o seu encerramento devido a dificuldades económico-financeiras face à actual crise que o país atravessa. Nessa altura, a decisão não agradou a pais, alunos nem funcionários, lamentando *“que a Igreja seja a primeira a abandonar a luta contra a crise”*¹⁹¹ face a esta atitude das irmãs da congregação. Perante lutas e incertezas, ainda chegou a ser anunciada a venda do colégio¹⁹², mas o pior acabou por não acontecer, tendo, pela primeira vez na história do colégio, a sua direcção sido entregue a uma leiga e antiga aluna, Isabel Valente Pires, transformando-se o projecto educativo num Projecto Bilingue¹⁹³.

Na verdade, o Colégio de São José da Conchada é das entidades mais antigas presentes naquela zona, sendo uma entidade de ensino com algum prestígio e

188 ALVES, António – “Novo cemitério municipal será em Eiras”.

<<http://www.asbeiras.pt/2010/10/novo-cemiterio-municipal-sera-em-eiras/>>.

189 *Id.*, *ibid.*

190 *Diário de Coimbra*. 28/03/2012.

191 “Coimbra: Dominicanas encerram colégio do ensino básico”.

<www.emjornal.xl.pt/detalhe/noticias/ultima-hora/coimbra-dominicanas-encerram-colegio-do-ensino-basico>

192 “Colégio de S. José vai ser vendido para escola bilingue”.

<<http://www.asbeiras.pt/2012/05/colégio-de-s-josé-vai-ser-vendido-para-escola-bilingue/>>.

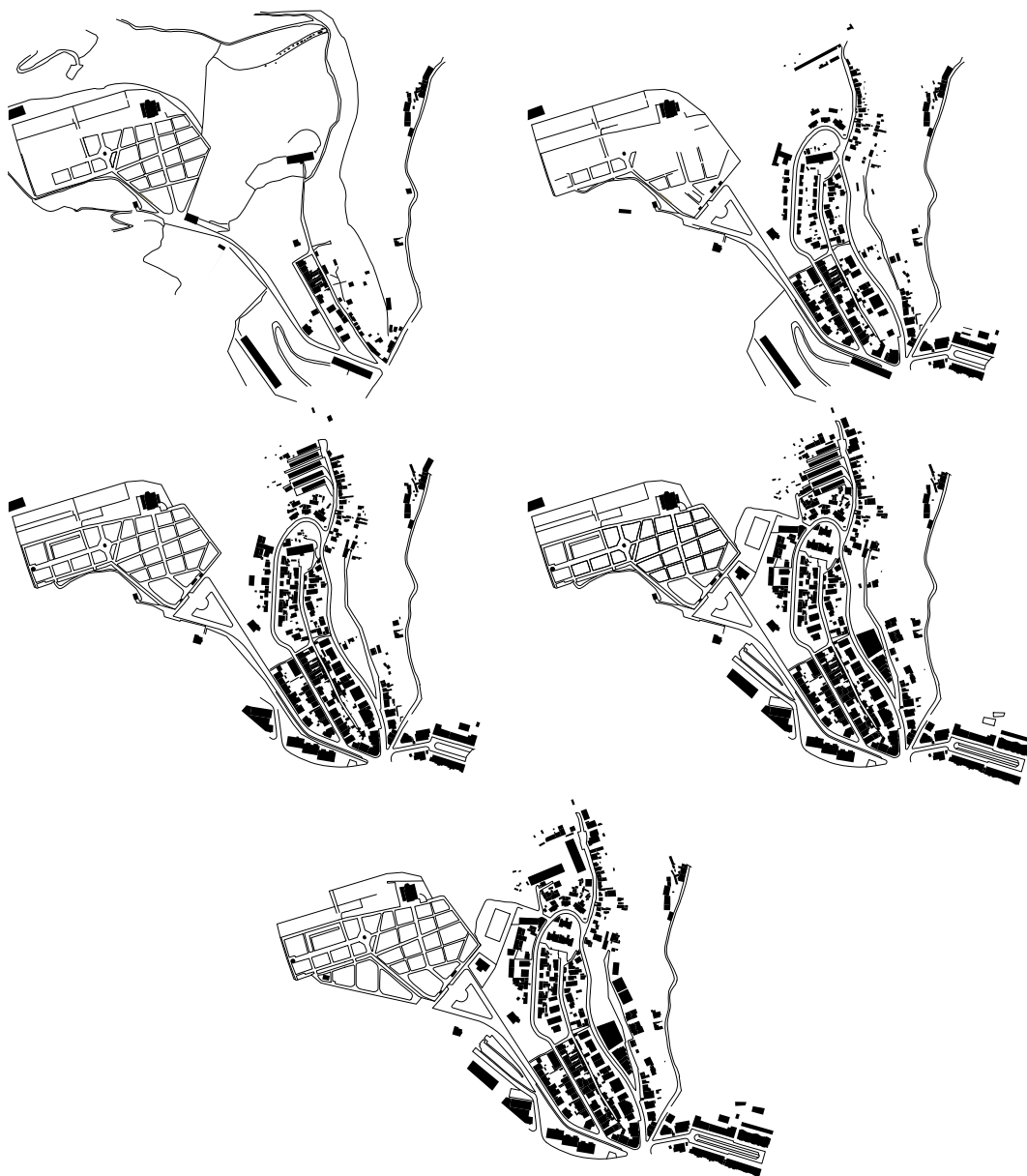
193 “Colégio de São José comemora noventa anos”. <<http://www.amicor.pt/index.php/correio-de-coimbra-t/cidade-de-coimbra/3464-colegio-de-sao-jose-comemora-noventa-anos>>.

reconhecimento a nível nacional. Sabe-se que em 2000 deixou de ter regime de internato, tendo em conta que em 1998 faz contrato de Associação, o que permitiu a sua reorganização interior, sofrendo algumas modificações. Desde aí que tem sido remodelado e conservado, sendo que ainda neste Verão de 2012 as instalações sofreram obras de restauração, ao serem cuidadas e melhoradas, as paredes inteiramente pintadas e os jardins tratados, encontrando-se o Colégio em perfeitas e agradáveis condições, tal como foi possível testemunhar no “Dia Aberto”, inserido nas comemorações do seu aniversário durante o mês de Dezembro do 2012, dia em que o estabelecimento de ensino abriu as portas à comunidade, *na perspectiva de Paulo Lapas, [com] o “desejo” de “dar a conhecer” à sociedade o Colégio de São José*¹⁹⁴.

194 <<http://www.amicor.pt/index.php/correio-de-coimbra-t/cidade-de-coimbra/3464-colegio-de-sao-jose-comemora-noventa-anos>>.

67.

Interpretação da evolução urbana da Conchada, 1940 - 2012 (ver anexo II, folha n.º 8 a 12).



Conclusão

Quando se fala em Coimbra, rapidamente nos surge no pensamento a cidade estudantil e a “Baixinha”. Mas a cidade de Coimbra tem muito mais que isso embora muitos dos seus residentes não se apercebam desse “mais” que ela contém.

Assim, ao concluir esta investigação, embora sintamos que muito ficou por explorar, podemos inferir que a zona da Conchada é exemplo de uma história viva que merece continuar a ser estudada.

De facto, a sua localização nos arredores da Coimbra medieval fizeram-na passar, durante muitos séculos, ao lado do que era relevante, embora a “vontade” topográfica do seu proeminente outeiro a fizesse sempre sobressair.

Esta colina, a Conchada é caracterizada por vertentes arborizadas extremamente abruptas revestidas por mata densa, dificilmente acessível e explorável. De concha fechada e encurralada, a Conchada foi-se deixando habitar e construir. Por isso, a Conchada é natural, *rural e urbano*, e a evolução que evidenciámos deste lugar ao longo de momentos históricos fundamentais define-a e reforça a sua identidade no contexto da cidade.

De facto, a Conchada *começou por ser uma quinta*, e isto é ainda perceptível na planta de 1934 (ver anexo I, folha n.º 4), quando o verde cobria quase por completo o monte e as construções pontuais por ali pinceladas em nada se assemelhavam ao aglomerado visível no núcleo central da cidade, da altura e de agora, e àquilo que é a sua actual densidade edificada, patente na interpretação da sua planta de hoje (ver anexo II, folha n.º 9).

Mas a verdade é que a Conchada também *começou por ser um cemitério*. Mesmo que a zona já fosse habitada e composta por quintais, foram as exigências dos tempos em construir cemitérios fora das cidades, por questões de salubridade, que viraram os olhares para aquele lugar. [...] *a quinta da Conchada é o local mais*

*conveniente, e o unico que reúne todas as condições hygienicas, sem uma só desvantagem, para a fundação d'um cemiterio*¹⁹⁵.

Na Conchada, este fenómeno foi o ponto de partida para que a zona deixasse de ser periférica e rural e fosse “engolida” pela evolução urbana da cidade e, conseqüentemente, viesse a fazer parte da sua malha. O “canto” onde acabou por ser contruído o cemitério concede-lhe um certo isolamento e monumentalidade. Este isolamento foi também reconhecido como uma mais valia para sua edificação nesse espaço. Esta ideia foi claramente dita n’O Conimbrincense quando em 1851 publica “*Não é indiferente estabelecer-se um cemitério n’um ou n’outro lugar. É necessário e conveniente que o leito dos finados seja colocado em um sitio melancolico, retirado, e solitario, onde só vá quem de propósito o queira ir visitar; aonde só vai quem n’elle queira entrar com respeito e acatamento, a que convidão? estes logares sagrados; onde vá quem queira derramar lagrimas de dor sobre fria campa de sua família, de seus parentes ou de seus amigos*”¹⁹⁶.

A partir daqui a Conchada passou a ser alvo de acontecimentos urbanos. Daí que também se possa considerar que ela *começou por ser um bairro*. Não que a zona fosse deserta ou ainda não fosse habitada, facto que aliás, a planta de Coimbra de 1934 confirma (ver anexo I, folha n.º4). Mas a instalação aí de um bairro ilegal, no início do século XX, gerou uma sucessão de conflitos sociais e urbanos, que acabaram por definir e estigmatizar, durante quase todo o século XX, aquele o local.

Mário Nunes, reportando-se a uma época anterior àquela em que escrevia, afirmava que “*Em meados do século XX [a Conchada] era um lugar de barracas sem o mínimo de condições. Mais de uma centena abrigava gente sem trabalhar, viciada pelo alcoolismo, a passar fome, sem água, saneamento e escola, vivendo da caridade, com crianças na rua, sujas, descalças, mal vestidas*”¹⁹⁷.

Decorreu desde então uma luta que se traduziu na sucessiva construção, demolição e reconstrução na Conchada que influencia e escreve toda a história, evolução e identidade antropológica deste lugar. Queremos dizer que, ocupada por

195 “Cemiterio Em Coimbra”. *O Observador*, nº 434. 06/09/1951. pp. 3-4.

196 “Cemiterio Em Coimbra”. *O Observador*, nº 433. 02/09/1851. pp. 3-4.

197 NUNES, Mário. *In Diário de Coimbra*. 07/08/2005

habitantes que vivem nas margens da vida e que sucessivamente nela se instalam, a política dos tempos foi instigando à mudança através do seu realojamento em outros e outros bairros mas na maior parte das vezes no mesmo lugar, na Conchada. A promoção da habitação social por parte do Estado Novo, o SAAL e o nascimento do movimento de moradores por condições de habitações mais dignas, a construção de bairros atrás de bairros, mais recentemente o de 28 fogos para relojar os habitantes do “Casarão” e o novo bairro Municipal da Misericórdia foram expressão de visões, intenções e experiências.

Também as entidades civis aí sediadas congregaram esforços para melhorarem estes contextos vivenciais autojustificando a sua presença aí pela vontade de mudar as “franjas” sociais que o habitavam actuando, de diversas formas, sobre a estrutura familiar.

Ao caminhar pelas ruas da Conchada, com esta dissertação como justificação, pudemo-nos aperceber destas múltiplas dimensões, urbanidades e histórias que elas encerram. Pessoalmente, nunca por lá tinha passado. A sua localização e fisionomia de “beco” sem saída, que quase a assemelha a um “gueto”, a um não lugar de passagem em direcção a outro destino, faz com que por ali circulem apenas as pessoas que têm como objectivo ali ficar. Inclusivamente, o caminho a percorrer para o Cemitério acaba por ser periférico, sem ter de “passar” pela vida da Conchada.

Sendo assim, à medida que atentamente se deambula por esse espaço, pode-se reparar na heterogeneidade arquitectónica ali presente. Esta diversidade edificada não se limita às grandes estruturas descritas no trabalho, mas é também notória nas construções contemporâneas que, em vizinhança, dialogam com o mais tradicional e simples conceito de casa.

A Conchada é, então, na sua toponímia e na sua arquitectura uma identidade definida pelo espaço e pelas interações sociais, culturais, políticas, geográficas e económicas, que a tornam num lugar rico e único.

Cronologia

- 1865

1537 Instalação definitiva da Universidade na cidade de Coimbra.

1699 - 1782 Tempo de Marquês de Pombal.

1807 - 1814 Invasões francesas.

1820 Início de um movimento revolucionário liberal.

1822 Constituição liberal aprovada pelas Cortes Constituintes.

1832 - 1834 Guerra civil entre absolutistas e liberais.

1834 Extinção das ordens religiosas por decreto do Regente D. Pedro.

1835 Decreto que exige que os enterros sejam feitos em cemitérios, iniciando um conjunto de decretos que se referem aos cemitérios.

1845 Plantas da cidade de Izidoro Emílio Baptista.

1849 Abertura da Rua Ocidental de Montarroio, actual Rua de Saragoça¹⁹⁸.

1851 Início das obras do cemitério da Conchada¹⁹⁹.

1858 Início da existência de toponímia oficial.

1860 Ordem Terceira obteve a cerca do extinto Colégio do Carmo.

Câmara permitiu construção de casas e barracas para fogo de artifício.

1860 Inauguração do Cemitério Municipal da Conchada.

1862 Denominação da Rua do Cemitério.

1865 - 1940

1865 Quinta do Pio é herdada pela Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

1873-74 Carta da Cidade de Coimbra dos irmãos Goullard.

1902 - 1904 Construção da Rua António José de Almeida.

1903 Atribuída a denominação de Rua Figueira da Foz.

1908 Planta de levantamento dos limites da Quinta do Pio.

198 Denominação atribuída em 1960. Cf. LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. vol. II. p. 419.

199 Cf. *Id.* - *Toponímia de Coimbra*. vol. I. p. 35.

- 1910 Queda da Monarquia e Implantação da República.
- 1917 / 1919 Planos para o Cemitério Privativo da Misericórdia.
- 1933 - 1974 Estado Novo.
- 1933 Início da iniciativa governamental que visava construir casas económicas.
- 1934 Legislação que obrigava as Câmaras Municipais a promover PGU.
- 1934 Planta topográfica da cidade feita pelo Geógrafo José Batista Lopes usando fotogrametria aérea.
- 1937 Programa governamental para construção de casas desmontáveis.
- 1940 - 1960**
- 1937 Criação de bairros sociais.
- 1939 - 1945 Segunda Guerra Mundial.
- 1940 Plano de Groër.
- 1941 Cedência à Câmara Municipal de Coimbra pela Santa Casa da Misericórdia de Coimbra de um lote na Quinta da Conchada para construção de um bairro para famílias pobres.
- 1941 Moradores mudam-se para o “Casarão”.
- 1942 Projecto de reconstrução das instalações universitárias.
- 1942 Duas casas concluídas de um empreendimento que ficou incompleto.
- 1943 Iniciativa governamental que ainda visava construir casas económicas e desmontáveis em Coimbra.
- 1944 Denominação de Rua Frei Tomé de Jesus e instalação do Colégio São José nesta rua.
- 1945 Programa das casas para famílias pobres e das casas de renda económica.
- 1946 Surgem as Habitações Económicas - Federação de Caixas de Previdência.
- 1952 Criação de bairros sociais.
- Fundação do Centro Operário Católico.
- 1954 Inauguração de bairro de vinte moradias.
- 1955 Denominação Rua Guilherme Gomes Fernandes à rua B do Bairro da Conchada.
- 1956 - 1958 Loteados terrenos na Estrada de Coselhas.
- 1959 Denominação de Rua de Aveiro.

1960 - 1980

- 1965 Abertura da Rua de Aveiro.
- 1961 Venda de lotes para construção na Quinta da Misericórdia.
- 1962 Fundação do Centro de Bem Estar Social Sagrada Família.
- 1963 Criação do Clube Real da Conchada.
- 1969 Criação do Fundo Fomento Habitação e extinção das Habitações Económicas – Federação de Caixas de Previdência.
- 1969 Crise académica.
- 1970 Conclui-se o Plano de Ordenamento do Concelho e inicia-se o de Urbanização da Cidade.
- 1974 Revolução do 25 de Abril, queda do poder fascista.
- SAAL.
- Criação da Associação de Moradores Boa Esperança da Conchada.
- 1985 Misericórdia concordou ceder 5080 m² à CMC para a escola.
- 1990 Protocolo no âmbito do “Projecto Desenvolvimento Comunitário no Bairro da Conchada”.
- 1990 Protocolo adicional ao protocolo assinado a 90.11.15, projecto de desenvolvimento comunitário no bairro da Conchada.
- 1990 Clausulas adicionais respeitantes à cedência pela Santa Casa da Misericórdia do terreno para construção de 28 fogos na conchada (nos termos do protocolo assinado a 90.11.15).
- 1993 Inauguração da ampliação das instalações do Centro de Bem Estar Social Sagrada Família.
- 1994 Aprovação do Plano Director Municipal.
- 1994 O Bairro da Quinta da Rosa no Ingote recebe os primeiros residentes no “Casarão” da Conchada.
- 1995 Demolição do “Casarão”²⁰⁰.
- 1998 Realojamento no Bairro dos 28 fogos²⁰¹.

200 “Saíram os moradores e entraram os problemas – Casarão da Conchada vai abaixo segunda-feira”. *Diário de Coimbra*. 20/01/1995; “Casarão da Conchada demolido – Lá se foi o sótão da avó”. *Diário de Coimbra*. 24/01/1995.

201 SOBRAL, Azevedo - «Realojados na Conchada». *Diário de Coimbra*. 30.12.1998.

2000 - 2012

2002-2006 Requalificação do Cemitério Municipal da Conchada.

2003 Lançamento do concurso para concepção, infra-estrutura e construção do Bairro Municipal da Misericórdia.

2009 Conclusão do Bairro Municipal da Misericórdia.

2012 Ameaça de encerramento do Colégio de São José da Conchada; obras de recuperação.

Bibliografia

Monografias e Dissertações

- AA. VV. - *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Vol. XIII. Lisboa: Editorial Verbo, 1977.
- AA. VV. - *Grande dicionário de língua portuguesa*. cidade: Circulo de Leitores, 1991. Vol. 2. ISBN 972-42-0370-0.
- AA. VV. - *SMS:202: A Nova Visualidade de Coimbra*. Coimbra : Edições Asa, 2003. ISBN 972-41-3661-2.
- ALARCÃO, Jorge de - *Coimbra: A montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. ISBN 978-989-8074-30-0.
- AUGÉ, Marc - *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Tradução Lúcia Mucznik. Venda Nova: Bertrand Editora, 1994. ISBN 972-8964-02-1.
- BANDEIRINHA, José António - *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. 1ª Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. ISBN 978-972-8704-76-6.
- BANDEIRINHA, José António; JORGE, Filipe - *Coimbra Vista do Céu*. 2ª ed. Lisboa: Argumentum, 2004. ISBN 972-8479-30-1.
- BORGES, Nelson Correia - *Coimbra e Região*. 1ª Ed. Novos Guias de Portugal. n.º 6. Lisboa: Editorial Presença, 1987. ISBN 972-23-0378-3.
- CARVALHO, Jorge (coord.) - *Urbanismo, Coimbra, Anos 90*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 1993.
- CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, Nogueira - *Cidade de Coimbra*. Inventário Artístico de Portugal. vol. II. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947.
- DIAS, Pedro - *Coimbra Arte e História*. 3ª Ed. Coimbra: Minerva, 1995. ISBN 972-9316-78-3.
- FERNANDES, José Luís dos Santos - *Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana e sustentabilidade urbana na requalificação da periferia de Coimbra* [em linha]. Lisboa: ISCTE, 2008. Tese de Mestrado em

- Desenho Urbano. [consult. 11-2012]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/1304>>.
- FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de - *Coimbra antiga e moderna*. Coimbra: Almedina, 1996. ISBN 97-240-0970-X.
- FONSECA, Maria Rita Monteiro - *Coimbra, cidade verde : introdução à análise dos espaços verdes da cidade de Coimbra*. [em linha]. Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2009. Prova final de licenciatura em Arquitectura. [consult. 01-2012]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/11794>>.
- GASPAR, Joana - *Planos de Coimbra : a sua influencia na transformação da cidade*. Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2006. Prova final de licenciatura em Arquitectura.
- LOUREIRO, José Pinto - *Toponímia de Coimbra*. 2 Vols. IX Centenário da Reconquista Cristã de Coimbra. Coimbra: Câmara Municipal, 1960-1964.
- LOUREIRO, José Pinto - *Coimbra no Passado*. 2 Vols. IX Centenário da Reconquista Cristã de Coimbra. Coimbra: Câmara Municipal, 1964.
- MAFRA Francisco; SILVA J. Amado da - *Planeamento e Gestão do Território* [em linha]. Inovação e Governação nas Autarquias. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação, 2004. [consult. 07-2012]. Disponível em: <www2.spi.pt/inovaut/>. ISBN 972-8589-46-8.
- MARQUES, Rafael - *Coimbra através dos tempos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004. ISBN 972-603-308-X.
- NUNES, Mário - *Ruas de Coimbra*. Coimbra: GAAC, 2003. ISBN 972-9411-72-7.
- NUNES, Mário - *Coimbra - Imagens do Passado 1940-1969*. Coimbra: Livraria Minerva, 1990. ISBN 972-9316-19-8.
- OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque - *HE-FCP - Casas de Renda Económica* [em linha]. Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. [consult. 10-2012]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/20827>>.
- OLIVEIRA, José Manuel Albuquerque - *O SAAL e o movimento de moradores em Coimbra*. Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2003. Prova final de licenciatura em Arquitectura.
- PENHA, Maria Raquel Veloso de Brito e - *Coimbra: caminhos de uma cidade: evolução morfológica da cidade do Mondego*. Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2005. Prova final de licenciatura em Arquitectura.
- PEREIRA, Márcia Andreia Guedes - *Génese, evolução e tipologia da habitação*

- social no concelho de Coimbra* [em linha]. Lisboa: Faculdade de Letras da UL, 2010. Tese de mestrado em Geografia – Gestão do Território e Urbanismo. [consult. 05-2012]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/3804>>.
- PINTO, António Costa - “Da Ditadura Militar ao Estado Novo”. In CARNEIRO, Roberto (coord.) - *Memória de Portugal, O Milénio Português*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. ISBN 972422594-1. pp. 502-503.
- REBELO, João (coord.) - *Evolução do espaço físico de Coimbra : exposição*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2006. ISBN. 989-20-0103-6.
- RODRIGUES, António Simões (coord.) - *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. ISBN 972-42-1004-9.
- ROSMANINHO, Nuno - *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2005. ISBN 972-8704-55-0.
- ROSMANINHO, Nuno - *O princípio de uma “revolução urbanística” no estado novo: os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra, 1934-1940*. Minerva Arte. n.º2. Coimbra: Minerva, 1996. ISBN 972-9130-00-0.
- ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. Tradução José Charters Monteiro. 2ª Ed. Cosmos Arquitectura. n.º2. Lisboa: Editora Cosmos, 2001. ISBN 972-7621-26-0.
- ROXO, Mariana Sofia Pereira Marques - *O SAAL e o movimento de moradores em Coimbra* [em linha]. Coimbra: Faculdade Economia UC, 2003. Relatório de estágio em Sociologia. [consult. 10-2012]. Disponível em: <<http://hdl.net/10316/12918>>.
- SÁ, Isabel dos Guimarães e Maria Antónia Lopes - *História Breve das Misericórdias Portuguesas 1498-2000*. 1ª Ed. Estado da Arte. n.º1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. ISBN 978-989-8074-54-6.
- SACARRÃO, Carolina Isabel da Costa - *"Periferias rurais", uma condição urbana: uma análise do crescimento urbano no concelho de Coimbra*. Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2004. Prova final de licenciatura em Arquitectura.
- SANTOS, Lusitano dos - *Planos de urbanização para a cidade de Coimbra*. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1983.
- SANTOS, J. Marques - *Coimbra e arredores*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.
- SILVA, Walter Rossa Ferreira da - *Diversidade: urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade* [em linha].

Coimbra: Departamento de Arquitectura UC, 2001. Dissertação de doutoramento em Arquitectura. [consult. 05-2012]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/2110>>.

Boletins, jornais e outras publicações

Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal. 1ª série. Vol. XXIII-XXXIV. Coimbra: Biblioteca Municipal, 1923-1992. ISSN 0871-6102.

Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal. 2ª série. Vol. XXXV-XXXIX. Coimbra: Biblioteca Municipal, 2006. ISSN 0871-6102.

Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal. 2ª série. Vol. XL. Coimbra: Biblioteca Municipal, 2008. ISSN 0871-6102.

Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal. 2ª série. Vol. XLI. Coimbra: Biblioteca Municipal, 2009. ISSN 0871-6102.

Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal. 2ª série. Vol. XLII. Coimbra: Biblioteca Municipal, 2012. ISSN 0871-6102.

Arquivo Coimbrão: Sumário e Índice, 1923-2006. Coimbra: Biblioteca Municipal, 2008. ISSN 0871-6102.

COSTA, João Baía - *Bairro da Relvinha (1974-1976): de barracas a condições condignas* [em linha]. Comunicação apresentada ao VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa: FCSH, 2008. [consult. 05-2012]. Disponível em: <<http://aps.pt/vicongresso/pdfs/326.pdf>>.

ecdj 4: *Coimbra: um novo mapa*. Em cima do Joelho Serie I. n.º 4 (2001). Coimbra: Edições do Departamento de Arquitectura, 2001. ISSN 0874-6168.

Coimbra, Ontem e Hoje. Edição Especial Comemorativa do 1º aniversário. Coimbra: Diário As Beiras. 1995.

Correio de Coimbra. Coimbra.

Correio da Manhã. Coimbra.

EFTEKHARI, Pirouz – “Le discours du Bidonville”. In *Peuples Méditerranéens*. n.º 66, Jan.-Mar, 1994. ISSN 0399-1253. pp. 167-210.

Diário As Beiras. Coimbra.

Diário de Coimbra. Coimbra, 1930-2012.

Diário de notícias. Coimbra.

Jornal de Coimbra. Coimbra.

Joaquim Martins de Carvalho(ed.) - *O Conimbricense*. Coimbra, 1854-1907.

José de Moraes Pinto d'Almeida (ed.) - *O Observador*. Coimbra, 1847-1858.

O Despertar. Coimbra.

SANTOS, Lusitano dos – “Das Origens do Planeamento”. In *Munda*. n.º1 (Maio 1981). Coimbra: GAAC, 1981. pp. 49-55.

Internet

Biblioteca Nacional de Portugal. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.pt>>.

CBESSF. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://centrodasagradafamilia.blogspot.pt/>>.

Clube Real da Conchada. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://cluberealconchada.blogspot.pt/>>.

CMC. [consult. 2012]. Disponível em: <www.cm-coimbra.pt/>.

Colégio São José. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://colegiosjosecoimbra.com.sapo.pt>>.

Diário da República. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://dre.pt/>>.

Escola do 1º Círculo da Conchada. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://www.eb1-coimbra-n19-conchada.rcts.pt/>>.

Freguesia de Santa Cruz. [consult. 2012]. Disponível em: <www.freguesiadesantacruz.eu/>.

IGESPAR. [consult. 2012]. Disponível em: <www.igespar.pt/>.

IHRU. [consult. 2012]. Disponível em: <www.portaldahabitacao.pt/ihru/>.

INE. [consult. 2012]. Disponível em: <www.ine.pt e <<http://censos.ine.pt>>.

O Prof. Godin - "Coimbra - Iconografia, plantas, cartas e mapas". [consult. 2012]. Disponível em: <www.skyscrapercity.com>.

Paróquia de Santa Cruz. [consult. 2012]. Disponível em: <<http://igrejasacruz.webnode.pt/>>.

Fontes documentais

Aqui lista-se as fontes e o material existente sobre o tema desta dissertação, ainda que não tenha sido possível aceder nem obter informação gráfica de tudo. Para além da pesquisa pessoal, feita em 2012, esta informação baseia-se no livro *Evolução do espaço físico de Coimbra: exposição* e na prova final de licenciatura em Arquitectura de Joana Gaspar, *Planos de Coimbra: a sua influencia na transformação da cidade*.

CMC, acessível no Arquivo Histórico Municipal de Coimbra

1845 - *Planta Topographica da Cidade e Arrabaldes de Coimbra*. Izidoro Emílio Baptista²⁰².

1873/74 - *Planta Topographica da Cidade de Coimbra*. Francisque e César Goullard. Escala 1:500²⁰³.

1884 - *Desenhos Relativos ao Cemitério da Conchada ou Pio*, Projectos de Costa Simões e de Dr. Raymundo. Administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

1908 - Planta da Quinta do Pio.

1924 - Planta de projecto da Rua de Aveiro.

1926 - Planta da Conchada e Ladeira da Forca.

1932 - Álbum de Fotografias Aéreas. José Batista Lopes.

1934 - *Planta da Cidade de Coimbra*. José Batista Lopes.

1934 - *Relatório de Execução da Planta da Cidade de Coimbra*. José Batista Lopes.

202 Redesenhada por Joana Baptista. REBELO, João (coord.) - *Evolução do Espaço Físico de Coimbra: exposição*. p. 154

203 Redesenhada pela Arq. Mariana Carvalho. ALARCÃO, Jorge de - *Coimbra: A montagem do cenário urbano*. p. 289.

CMC, acessível no Departamento de Habitação

2010 - *Candidatura PREMIO IHRU 2010 variante construção - Bairro Municipal da Misericórdia, Santa Cruz, Conchada.* [em linha]. Coimbra: CMC.

2003 - *Quinta Da Misericórdia - 28 Fogos.* Coimbra: CMC – Divisão de Promoção Habitação.

CMC, acessível na Divisão de Cadastro e Solos

1960 - *Planta Topográfica de Coimbra.*

1978 - *Levantamento Aerofotogramétrico De Coimbra.*

1992/3 - *Levantamento Aerofotogramétrico de Coimbra.*

2007 - *Planta da Cidade de Coimbra.* Altimetria, planimetria. Escala 1:5000. CMC.

CMC, acessível no Divisão de Planeamento Urbanístico e Projectos Especiais

- s.d. - Estudo urbanístico, Quinta da Misericórdia.

- s.d. - Plano Regulador de Coimbra, vários documentos. Prof. Antão Almeida Garrett.

1940 - Ante Projecto do plano de Urbanização de Embelezamento e de extensão da cidade de Coimbra. Planta Geral. Escala 1:5000.

1940 - Ante Projecto do plano de Urbanização de Embelezamento e de extensão da cidade de Coimbra. Planta de zonamento. Escala 1:5000.

1940 - Ante Projecto do plano de Urbanização de Embelezamento e de extensão da cidade de Coimbra. Planta de Pormenores de Urbanização – Zona Montes Claros, Celas e Cumeada. Escala 1:1000.

1954 - Plano Regulador de Coimbra, comunicações. Prof. Antão Almeida Garrett.

1961 - Fixação dos limites da área da cidade. CMC.

1963 - Fixação dos limites da área da cidade. CMC.

1971 - Plano de Ordenamento Concelhio de Coimbra. Prof. Manuel L. da Costa Lobo. CMC: Gabinete de Urbanização – Serviço de Obras e Urbanização.

1974 - Plano Geral de Urbanização de Coimbra. Prof. Manuel L. da Costa Lobo. CMC: Gabinete de Urbanização – Serviço de Obras e Urbanização.

1984 - Plano Director Municipal de Coimbra, estudo prévio. CMC: Gabinete do

Plano Director.

1987 - Plano Director Municipal de Coimbra, zonamento simples. CMC: Gabinete do Plano Director.

1991 - Plano Director Municipal. CMC.

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

século XVIII – *Mappa Topografico da Cidade de Coimbra com a Divizão das Freguesias.*

finais séc. XVIII – *Planta de Coimbra e seus Contornos sobre o Rio Mondego.*

Direcção Geral do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Urbano, acessível no Centro de Documentação e Informação [PU-06-03]

1954 - Plano Regulador de Coimbra, comunicações. Prof. Antão Almeida Garrett. [PU-06-03/175].

1955 - 1959 – Plano Regulador de Coimbra, plantas de zonamento. Prof. Antão Almeida Garrett.

1959 - 1ª revisão do Plano Regulador de Coimbra. Prof. Antão Almeida Garrett.

1959 - 11ª revisão do Plano Regulador de Coimbra, aprovada. Prof. Antão Almeida Garrett. [PU-06-03/173 e PU-06-03/183].

1963 - Arranjo Urbanístico dos terrenos confinantes com a Rua de Aveiro. Arq. Leonardo Dias. CMC: Serviço de Obras e Urbanização. [PU-06-03/180].

1974 - Plano Geral de Urbanização. Prof. Manuel L. da Costa Lobo.

Instituto Geográfico do Exército

1947 - Carta Militar De Portugal, Coimbra. Duarte Silva.

1984 - voo para *Levantamento Aerofotogramétrico De Coimbra.*

1998 - voo para *Levantamento Aerofotogramétrico De Coimbra.*

2002 - voo para *Levantamento Aerofotogramétrico De Coimbra.*

SCMC, acessível no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra

- 1865 - *Testamento com que faleceu o benfeitor Padre Joaquim Inácio de Miranda Pio.*
- 1917 - *Projecto para o Cemiterio da Mizericordia*, vários documentos, António da Costa Roxo.
- 1917 - *Planta para construção*, António da Costa Roxo.
- 1919 - *Cópia - Escritura de cedencia de seis mil metros quadrados de terreno, que faz a Santa da Misericordia desta cidade à Câmara Municipal de Coimbra.*
- 1922/1923 - Despesas com a exploração das pedreiras, vários documentos.
- 1941 - *Escritura da cedência de um lote de terreno à Câmara Municipal, na Quinta da Conchada para a construção de um Bairro para famílias pobres.*
- 1947 - *Condições para a venda em hasta pública de pasto existente na Quinta da Misericórdia.*
- s.d. - 1949 - Relação de barracas e respectivos inquilinos existentes na Quinta da Misericórdia.
- 1949 - Deslocação dos habitantes existentes nos terrenos a vender na Quinta da Misericórdia (para venda dos 13 lotes), vários documentos.
- 1949 - *Condições para arrematação em hasta pública da azeitona existente nas oliveiras da Quinta da Misericórdia.*
- 1949 - *Condições para a arrematação dos lotes de terreno da Quinta da Misericórdia.*
- 1949 - *Arrematação de 12 lotes de terreno para construção da Quinta do Pio*, vários documentos.
- 1949 - Topográfica Constructora - *Projecto para a construção de 42 moradias económicas a edificar no alto da Conchada dela Misericórdia de Coimbra*, vários documentos.
- 1950 - 1954 - Processo de abertura de uma rua de acesso aos “13 lotes”, vários documentos.
- 1950 - 1987 - Registos de venda, compra e pagamentos de terrenos da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra na Conchada, vários documentos.
- 1950 - 1992 - Pedidos de compra ou aluguer de terrenos na Conchada, vários documentos.
- 1951 - *Condições para o arrendamento da Quinta da Misericórdia.*

- 1954 - 1957 - Relatório com despesas da mudança do bairro de latas (que estavam no sítio dos 13 lotes), vários documentos.
- 1961 - *Processo para a arrematação em hasta-pública de oito lotes de terreno para construção, com os nos. 1, 2, 7, 8, 17, 18, 25 e 26, situados com frente para a estrada de Coselhas, freguesia de Santa Cruz, concelho de Coimbra, os quais fazem parte integrante da Quinta da Misericórdia, também conhecida por Quinta do Pio ou da Conchada*, vários documentos.
- 1971 - 1996 - Pedidos à SCMC para conservação, despesas de funerais e limpeza jazidos, vários documentos.
- 1972 - 1992 - Documentos relativos ao Real Clube da Conchada, vários documentos.
- 1978 - *Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, relação dos lotes de terreno arrendados e respectivos arrendatários na Quinta da Conchada*, vários documentos.
- 1979 - 1992 - Processo de venda de 3 lotes de terreno na Quinta da Conchada, vários documentos.
- 1980 - 1992 - Processo Manuel Soares, vários documentos.
- 1984 - 1990 - Certidões de propriedade *Quinta da Conchada ou da Misericórdia da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra*, vários documentos.
- 1989 - Venda de um Lote de terreno Rua Guilherme Gomes Fernandes.
- 1990 - 1997 - Notas, convocatórias, actas e informações relativas a: Projecto “Luta contra a pobreza”, Projecto “Comunitário para a Integração Económica e Social de pessoas e grupos menos favorecidos”, “Projecto de Reconversão Urbanística”, Grupo Inter-Institucional da Conchada.
- 1990 - *Plano de actividades e orçamento para 1991*, Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.
- 1990 - Protocolo no âmbito do “Projecto Desenvolvimento Comunitário no Bairro da Conchada”.
- 1991 - Protocolo adicional ao protocolo assinado a 90.11.15, projecto de desenvolvimento comunitário no bairro da conchada .
- 1991 - Clausulas adicionais respeitantes à cedencia pela Santa Casa da Misericórdia do terreno para construção de 28 fogos na conchada (nos termos do protocolo assinado a 90.11.15).
- 1991 - Cadernos de obra da *Quinta Da Misericórdia – Conchada – 28 Fogos. Medições, Betão Armado, Água e Esgoto, Projecto R.I.T.A, Orçamento*,

Electricidade, Arquitectura. CMC: Divisão de Habitação Social.

1991 - *Plano de actividades e orçamento para 1992*, Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

1991 - Elementos para aproveitamento de terrenos da Quinta da Conchada, vários documentos.

1978 - *Implantação dos Blocos A, B, C e D*. Folha 1D. Escala 1/500. Rogério Alvarez. Coimbra: CM de Coimbra e AM da Conchada e SAAL.

- s.d. - Documentos relativos ao Centro de Bem Estar Social Sagrada Família, vários documentos .

- s.d. - Documentos relativos Estudo de habitantes, vários documentos.

- s.d. - Documentos relativos ao “Casarão”, vários documentos.

- s.d. - Documentos relativos Centro Operário Católico - Conchada, vários documentos.

- s.d. - Documentos relativos à escola.

- s.d. - Documentos relativos ao projecto de 30 habitações, vários documentos.

UC, FCTUC, acessível no CEARQ

1995 - Fotografia de satélite orto-rectificada.

UC, FCTUC, acessível no Departamento Matemática

2004 - Fotografia de satélite orto-rectificada.

Fontes de figuras

CAPA. Fotografia da autora, 2012.

Nota prévia

1 Fotografia da autora, 2012.

Definição

2 “Coimbra” <<https://maps.google.pt/>>.

3 “Conchada” <<https://maps.google.pt/>>.

4 Desenho da autora.

5 Edição pela autora da Planta Altimétrica de Coimbra 2007, cedida pela CMC ao DARQ.

6 Desenhos da autora.

7 <http://historic-cities.huji.ac.il/portugal/coimbra/maps/braun_hogenberg_V_4>.

8 Biblioteca Nacional Digital <<http://purl.pt/12926/1/P65.html>>.

9 <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=764154&page=4>>.

10 a 12 Fotografias e edição da autora, 2012.

Evolução urbana - 1865

13 Divisão de Cadastro e Solos da CMC.

14 e 15 <www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=799458>.

16 Biblioteca Nacional Digital <<http://purl.pt/23469/1/P241.html>>.

17 Fotografia da autora, 2012.

18 a 23 *Desenhos Relativos ao Cemitério da Conchada ou Pio*, Arquivo Histórico Municipal de Coimbra.

24 e 25 Fotografias da autora, 2012.

Evolução urbana 1865 - 1940

26 Arquivo Histórico Municipal de Coimbra.

27 Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Evolução urbana 1940 - 1960

- 28 Desenho da autora.
 29 e 30 Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.
 31 a 36 Fotografias da autora, 2012.

Evolução urbana 1960 - 1980

- 37 Desenho da autora, “Conchada” <<https://maps.google.pt/>>.
 38 *Jornal de Coimbra*, 24/04/91.
 39 Fotografia da autora, 2012.
 40 <http://www.centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/alguns-dos-nossos-espacos>.
 41 Desenho da autora, planta de 1978 - Divisão de Cadastro e Solos da CMC.
 42 Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Evolução urbana 1980 - 2000

- 43 Fotografia da autora, 2012.
 44 *Diário de Coimbra*, 20/01/1995.
 45 Divisão de Habitação da CMC.
 46 e 47 Fotografias da autora, 2012.
 48 GARRETT, Antão de Almeida - *Palestra em Coimbra sobre o seu plano regulador*.

Evolução urbana 2000 - 2012

- 49 Desenho da autora, “Conchada” <<https://maps.google.pt/>>.
 50 Fotografia da autora, 2012.
 51 e 52 Desenhos de Rodapé Arquitectos, gentilmente cedido à autora.
 53 a 60 *Candidatura PREMIO IHRU 2010 variante construção*, Departamento de Habitação CMC.
 61 Fotografia da autora, 2012.
 62 e 63 <http://www.centrodasagradafamilia.blogspot.pt/2009/03/alguns-dos-nossos-espacos>.
 64 <<http://igrejasacruz.webnode.pt/>>.
 65 e 66 Fotografias da autora, 2012.
 67 Desenhos da autora.